

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
TEORIA, CRÍTICA E COMPARATISMO

"Não é hora de nada": o mal-estar crônico em *A montanha mágica*

Dissertação de mestrado

Théo Amon

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DE LITERATURA
TEORIA, CRÍTICA E COMPARATISMO

"Não é hora de nada": o mal-estar crônico em *A montanha mágica*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras — Área de Concentração: Estudos de Literatura — Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e Comparatismo

Théo Amon

Orientadora: Prof. Dra. Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield

Porto Alegre

2019

Ficha catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

Amon, Théo
"Não é hora de nada": o mal-estar crônico em "A
montanha mágica" / Théo Amon. -- 2019.
147 f.
Orientadora: Rosenfield Kathrin Holzermayr Lerrer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Literatura alemã. 2. Thomas Mann. 3. Tempo. I.
Kathrin Holzermayr Lerrer, Rosenfield, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Théo Amon

"NÃO É HORA DE NADA": O MAL-ESTAR CRÔNICO EM *A MONTANHA MÁGICA*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras — Área de Concentração: Estudos de Literatura — Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e Comparatismo

Porto Alegre, 20 de agosto de 2019

Resultado: Aprovado

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Cristiane Krause Kilian (Instituto Superior de Educação Ivoti)

Dra. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard (Instituto de Letras/UFRGS)

Dr. Ronel Alberti da Rosa (Escola de Humanidades/PUCRS)

Dra. Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield (orientadora) (IFCH/UFRGS)

Agradecimentos

Gostaria de registrar aqui efusivos agradecimentos a algumas pessoas que, por distintos caminhos, facilitaram diretamente este trabalho.

À minha orientadora, Kathrin Holzermayr Rosenfield, pela confiança depositada, pelas valiosas indicações de leitura e pela gentileza de sempre.

Ao amigo Lucas Dutra Bortolozzo, o leitor de minutas, experiente em tudo que tange ao estudo e preparo mental.

Ao amigo Rogerio Leite Gonzales, hábil guia nas ferramentas e atalhos que suavizam o percurso acadêmico.

Ao amigo Alexandre Piana Lemos, pelos percucientes comentários e inquebrantável diálogo de tantos anos.

Ao meu irmão, Caio Amon, pelo incentivo constante desde a gestação da ideia de realizar um mestrado.

Resumo

RESUMO: Esta dissertação versa sobre o romance *A montanha mágica* (*Der Zauberberg*, 1924), do escritor alemão Thomas Mann (1875–1955), investigando a relação entre os deslocamentos temporais subjetivos experimentados pelo protagonista em sua chegada ao sanatório alpino e o mal-estar ou desorientação cultural que acometia a Europa à mesma época (vésperas da Primeira Guerra Mundial). A intenção do trabalho é associar o mal-estar subjetivo (e, especificamente, de ordem temporal ou cronológica) que Hans Castorp sofre ao ingressar no mundo mórbido da "montanha mágica" à falta de perspectivas generalizada sentida pela época e pela civilização à qual ele pertence (a classe média instruída germanófona às vésperas da guerra de 1914). A concepção básica é que, mais que uma doença física (tuberculose), os pacientes do Sanatório Internacional Berghof padecem alegoricamente de uma doença "crônica" em um sentido mais profundo: sofrem de e com o (seu) tempo. No aspecto metodológico, efetuamos um recorte específico do livro (Primeiro e Segundo Capítulos) para melhor pinçar indicações e deixas contidas na narração e nos diálogos que apontam para uma experiência problemática do tempo – experiência essa que transborda os limites individuais e contamina também o plano civilizacional mais amplo. A par desse foco imanentista, aportes de outros autores da época, além das reflexões da bibliografia secundária específica sobre Thomas Mann, são trazidos ao debate para um embasamento mais sólido das nossas elaborações. Como anexo à dissertação, é juntada também nossa nova tradução de toda a seção citada do livro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura alemã; Thomas Mann; tempo.

Abstract

ABSTRACT: This thesis deals with the novel *The Magic Mountain* (*Der Zauberberg*, 1924), by the German author Thomas Mann (1875–1955), delving into the relation between the subjective time shifts experienced by the main character upon his arrival at the Alpine sanatorium and the cultural malaise or unrest that plagued Europe at the time (the eve of World War I). Our goal is to relate the subjective malaise (specifically the temporal disturbance) felt by Hans Castorp as he enters the sickly world of the "magic mountain" to the general lack of perspectives felt by the historical time and civilization he belongs to (the German-speaking *Bildungsbürgertum* before the war of 1914). Our rationale is that the inmates of the International Sanatorium Berghof are not only ill with consumption but suffer allegorically from a "chronic" disease in a deeper sense: they suffer from and with (their) time(s). Our methodology involves highlighting specially telling excerpts (both narrated passages and conversations) from the novel's First and Second Chapters in order to point out a problematic time experience, which exceeds the boundaries of the individual and seeps into the underlying civilizational level. Further to this close reading exercise, contributions by contemporary authors and insights from the specialized literature on Thomas Mann are brought to bear in order to better substantiate our reflections. Our own translation of the aforementioned chapters is attached.

KEYWORDS: German Literature; Thomas Mann; Time.

Lista de tabelas

Tabela 1	37
Tabela 2	40
Tabela 3	43
Tabela 4	47
Tabela 5	51
Tabela 6	59

Apoio

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Sumário

Introdução	10
1. Zaubenberg como Zeitroman	16
2. Novos tempos	32
2.1 <i>À guisa de introdução</i>	35
2.2 <i>A caminho</i>	39
2.3 <i>Novos conceitos</i>	41
2.4 <i>O presente estagnado</i>	45
2.5 <i>Passado e antepassados</i>	49
2.6 <i>Um herói do seu tempo</i>	53
3. Desilusão e torpor pré-1914	62
3.1 <i>O fracasso do idealismo</i>	64
3.2 <i>O homem apolítico</i>	70
3.3 <i>Outras vozes</i>	72
4. A doença crônica	84
Conclusão	98
Anexo	106

Introdução

Esta dissertação é o desdobramento de um projeto pessoal de tradução que emergiu da leitura de uma obra ao mesmo tempo exigente e prazerosa: em 2015, comecei a traduzir o início do romance *A montanha mágica* (*Der Zauberberg*, 1924), de Thomas Mann (1875–1955). Com o progresso da tarefa, busquei me informar sobre o estado das traduções do livro em português e outras línguas. À medida que ia ganhando intimidade e traquejo com o texto, contemplei a possibilidade de levar a tarefa a cabo e realmente publicar uma retradução, visto que o *copyright* da obra manniana expirará em 2026 e a última tradução brasileira (e a única integral) desse livro já tem quase setenta anos.

Esta fase preliminar do projeto me levou até o fim do Segundo Capítulo (de um total de sete, apesar de essa ser uma proporção extremamente enganosa, conforme se apontará mais adiante no Capítulo 1) — uma amostra pequena do texto, mas que já deu um belo gosto das dificuldades que alguns dos seus aspectos apresentam ao tradutor. Uma dessas, e a primeira a fisgar minha atenção, foi o jogo com *kurz-* e *langweilig* ("divertido" e "maçante", mas também "breve" e "demorado") já no prefácio. Aí me deparava com um jogo de palavras, aparentemente intraduzível em todo o seu espectro, que remetia a uma das problemáticas centrais do romance: a complexa natureza do tempo (tematizada nesse mesmo prólogo e em muitas passagens do livro, seja na voz do narrador, seja na boca do protagonista ou demais personagens) e suas implicações maiores, de ordem psicológica, existencial, cultural e metafísica.

Além de suas evidentes qualidades artísticas, *A montanha mágica* é um livro atualmente relevante por apresentar uma cultura continental à beira de uma grande ruptura. O Ocidente por volta de 1907, início da ação do romance, estava às voltas com um irresponsável *spleen* lúdico, inconsciente dos desafios em plena fermentação na sociedade de massas industrializada, e pouco disposto a tomar conhecimento deles. Não é ocasional a semelhança com o estranho estado da cultura de hoje, e um estudo de foco acadêmico sobre esse romance pode ajudar a entender algumas tendências ainda pouco claras dos nossos dias.

Já ingresso no Programa de Pós-Graduação, a pesquisa e leitura da literatura secundária sobre o autor e essa obra específica comprovaram ser o tempo uma das categorias de análise mais frutíferas que há para o livro. Isso porque a experiência subjetiva do tempo do herói se modifica durante sua estadia no sanatório de tuberculosos. Esta mudança pode ser vista tanto como resultado quanto como causa de diversas vivências novas que ele tem lá: o convívio diário com a doença, por si só um estado alterado da vida; a rotina ultrarregular da clínica; o resgate de camadas soterradas da memória no complexo Hippe/Chauchat; a mitificação identitária da figura do avô Hans Lorenz Castorp; a crescente perda de contato com a "planície" — metáfora do desligamento romântico com a realidade; a profunda apatia e desolação existencial dos últimos capítulos etc. A evolução da trama, bastante sutil e complexa, acarreta reacomodações narrativas e vai pouco a pouco introduzindo a figura do tempo, com sua natureza arisca à racionalidade, no primeiro plano do romance. Especialmente na segunda metade do livro, proliferam-se as digressões do narrador a respeito, cada uma elaborando poeticamente diferentes facetas do fenômeno. A pesquisa manniana não tardou em identificar essas facetas com construtos filosóficos, como o *nunc stans* ("presente estático") de Schopenhauer, a *durée* ("duração") de Bergson, o tempo recidivo dos mitos, o eterno retorno nietzschiano e a metafísica escolástica (com posterior degradação no espiritismo esotérico).

A leitura atenta do romance deixa claro que a singular temporalidade "mágica" da montanha não é um estado, mas um processo. Hans Castorp não ingressa imediatamente num espaço sem tempo, onde cochila por sete anos até a Grande Guerra despertá-lo para a complexa realidade que se processava enquanto ele prevaricava. Trata-se antes de um percurso, com seus estágios e transições. O primeiro estágio do aprendizado "hermético" de Castorp (para usar um termo recorrente no livro) é a desorientação, a tontura, a vertigem. Um olhar crítico, que busque aí conexões extralivrescas, pode associar o mal-estar temporal vivido por Hans Castorp ao contexto da época em que a história foi concebida e escrita por Thomas Mann (1912-24). É esta visada que aqui nos ocupa.

Fá-lo-emos em duas grandes partes: a primeira busca caracterizar *A montanha mágica* como um *Zeitroman* (termo consagrado na pesquisa, podendo

significar tanto "romance temporal" quanto "romance de uma época" ou "romance sobre o tempo"), mostrando o que o termo implica e quais os desdobramentos dessa interpretação. Também faz-se um repasse das passagens reveladoras dos Primeiro e Segundo Capítulos que tocam nesse aspecto, citando-as e comentando-as mais a fundo. Esse trecho cobre exatamente a chegada e a primeira noite do herói em Davos, assim como a sua história pregressa, contada em analepse. Esses dois capítulos evidenciam: 1) o liame débil que Hans Castorp guarda com o passado e sua atitude ainda mais frouxa para com as exigências do dia; 2) o choque inicial que ele sofre ao se trasladar da planície à montanha, defrontando-se com a nova percepção de tempo articulada por Joachim Ziemßen em alguns diálogos (a conversa na estação de trem e no caminho para o sanatório, as observações à mesa de jantar no restaurante etc.). Com isso, almeja-se caracterizar bem o primeiro momento das novas temporalidades do protagonista, que podemos denominar de desorientação temporal ou, melhor ainda, *mal-estar crônico*. É ele que nos interessa como elemento de ligação para um aspecto importante do *Zeitgeist* do início do século XX, trazido no início da segunda parte.

Nela, interpretamos o deslocamento temporal subjetivo experimentado por Castorp sob a chave do mal-estar que acometia a Europa Central à época da história. As observações de Fritz Stern sobre a Alemanha apolítica apontam para um fracasso do idealismo do século XIX, que não conseguira cumprir suas promessas. As revoluções dessa mesma época tinham feito pouco para realmente atualizar as instituições políticas e sociais no mesmo compasso que o alucinante progresso técnico e científico, levando a impasses sistêmicos. A postura filosófico-cultural interna a essa sociedade acompanhou o processo com uma crítica crescente. Entre as classes cultivadas, o tédio evoluíra do desdém byroniano — pouco mais que uma pose charmosa —, passara pelo demonismo pré-decadente de um Baudelaire e culminara em uma verdadeira atitude anti-intelectual, também sob o poderoso influxo de Nietzsche. Em princípios do século XX, essas tendências já estavam bastante avançadas: escritos de Robert Musil e Harry Kessler, que citaremos em nosso auxílio, demonstram em que medida o humanismo goetheano de cem anos antes já se convertera, após a virada romântica, em um irresponsável namoro com a morte,

sequioso de uma reviravolta de grandes proporções que sacudisse o torpor dos membros preguiçosos da Europa — qualquer que fosse o custo disso.

No caso do protagonista de *A montanha mágica*, o abalo sofrido ao ingressar no mundo mórbido dos enfermos estaria ligado a essa falta generalizada de perspectivas existenciais, à estagnação cultural sentida pela civilização à qual o jovem pertence (a *Bildungsbürgertum* centro-europeia pré-1914, despreparada para o seu momento histórico): "O sanatório é um simulacro da civilização europeia, passada do ponto, farta de paz, pronta para a dança da morte, ostensivamente próspera e secretamente corrompida (...)"¹. Entorpecidas de inação social e de desinteresse pela vida concreta, os doentes alpinos se furtam tanto ao tempo em si (*cronos*) quanto ao seu tempo (era), estando fadados a ser um mero joguete dos eventos externos à espreita — pois o tempo histórico (representado pelo irromper da Grande Guerra de 1914) não para.

A conclusão última é que, mais que uma doença física (tuberculose), os pacientes do Sanatório Internacional Berghof padecem alegoricamente de uma doença "crônica" (o trocadilho é intencional): sofrem *de e com o* (seu) *tempo*. Tal patologia — uma moderna flor do mal — se precipita, antes de tudo, em uma incapacidade de dar forma à vida através de um manuseio eficiente do tempo, um uso ativo e criativo do breve lapso que nos é dado na Terra em prol de algo além das ocupações mais imediatas e banais (nas palavras de Hans Castorp: "andar por aí e rir e ganhar dinheiro e encher a pança"²). Desse modo, não exageramos ao afirmar que Hans Castorp, esse "filho-problema da vida" (*Sorgenkind des Lebens*), é um ícone dos perigos a que se expõe quem, como ele, cede aos aliciantes encantos da "simpatia com a morte". É esse o fracasso humano que sua geração pagará com a vida nas trincheiras imundas da Grande Guerra.

Honrando as origens desta pesquisa, os trechos analisados mais a fundo no Capítulo 2 serão apresentados em tabelas comparativas com o original e as três traduções existentes em português: Otto Silveira (1943), Herbert Caro (1952) e Gilda

¹ "The sanatorium is a simulacrum of European civilization, overripe, weary with peace, ready for the dance of death, openly prosperous and secretly corrupt (...)." (GAY, 2001, p. 124) (Salvo indicação nas referências, todas as citações estão em nossa tradução.)

² MANN, 2007, p. 81.

Lopes Encarnação (2009). Com isso, fazemos jus a percepções consolidadas da reflexão tradutológica. Ortega y Gasset propõe que

se (...) a tradução é apenas um aparato que nos leva a ela [a obra], infere-se que cabem diversas traduções de um mesmo texto. É impossível, pelo menos quase sempre o é, aproximarmo-nos ao mesmo tempo de todas as dimensões do texto original.³ (ORTEGA Y GASSET, [1937], p. 43)

Cada tradução é um modo particularizado de contemplar um objeto (o texto original), uma visada única e irrepetível. Segue que, existindo mais de uma versão de uma obra dada, esta é iluminada por diferentes ângulos, e suas múltiplas facetas (apanágio incontornável de qualquer texto na acepção moderna de leitura, que a considera, longe de uma operação de mera recepção passiva, um ato cocriador de sentido) são facilitadas aos que, por razões linguísticas, não podem transitar pelo texto-fonte. A complementaridade ideal das traduções concorrentes foi formulada por Schleiermacher, em 1813, da seguinte maneira:

se puderem existir paralelamente diferentes traduções da mesma obra, vazadas a partir de diferentes pontos de vista, e das quais não se possa mesmo dizer que uma, em sua totalidade, seja mais perfeita ou deixe a desejar, com apenas algumas partes de uma sendo mais acertadas, e outras de outras; aí, com todas elas reunidas e relacionadas entre si no sentido de que cada uma dá valor especial a uma distinta aproximação à língua original ou à conservação da própria, elas esgotarão integralmente a tarefa; porém, cada uma por si só terá apenas um valor relativo e subjetivo.⁴ (SCHLEIERMACHER, [1838], p. 43-4)

Defendemos que mesmo entre os que dominam a língua-fonte o estudo das traduções é importante para a investigação mais profunda do sentido de uma obra

³ "si (...) la traducción es sólo un aparato que nos lleva a ella, se colige que caben de un mismo texto diversas traducciones. Es imposible, por lo menos lo es casi siempre, acercarnos a la vez de todas las dimensiones del texto original."

⁴ " (...) werden doch von demselben Werk verschieden Übersetzungen neben einander bestehen können, aus verschiedenen Gesichtspunkten gefaßt, von denen man nicht eben sagen könnte, daß eine im ganzen vollkommener sei oder zurückstehe, sondern nur einzelne Teile werden in der einen besser gelungen sein, und andere in anderen, und erst alle zusammengestellt und auf einander bezogen, wie die eine auf diese die andere auf jene Annäherung an die Ursprache oder Schonung der eigenen einen besonderen Werth legt, werden sie die Aufgabe ganz erschöpfen, jede aber für sich immer nur einen relativen und subjectiven Werth haben."

literária. Essa importância dos estudos tradutórios já está consolidada nas letras brasileiras, especialmente após a renovação da reflexão acadêmica a respeito, partindo das inovações dos irmãos Campos nos anos 60 em diante. Portanto, a apresentação paralela de várias versões em português de trechos-chave do nosso *corpus* será de grande valia para o exercício interpretativo que nos propomos. Como anexo à dissertação, é reproduzida integralmente a nossa tradução do trecho em questão, para o leitor dispor por completo das cenas aqui comentadas.

1. *Zauberberg* como *Zeitroman*

Thomas Mann salienta, em uma conferência introdutória a *A montanha mágica* que proferiu aos estudantes da Universidade de Princeton em 1939, que seu livro é um "romance temporal [*Zeitroman*] em duplo sentido⁵". Isto é,

[o] livro é, em si, aquilo sobre o que narra; ao apresentar o enfeitiçamento hermético do seu jovem herói no atemporal, almeja ele mesmo, através dos seus recursos artísticos, a suspensão do tempo, tentando conferir à totalidade musical-ideal que ele compreende uma presença plena em todos os instantes e criar um "nunc stans" mágico.⁶ (MANN, [1939], p. 14)

Essa afirmativa sumária necessita de maiores esclarecimentos.

No plano do conteúdo, a representação artística do livro, o "enfeitiçamento hermético do seu jovem herói no atemporal", comporta um desdobramento. Paralelamente ao destino individual do protagonista, a narrativa (fortemente simbólica⁷ e alegórica) também alude à época e cultura em que ela está inserida. É inegável que vários dos seus atributos põem em cena um contexto socio-histórico maior, embora este tenha presença indireta. Listemos alguns deles: a ambientação cosmopolita em uma instituição internacional; a imensa quantidade de personagens, de dezenas de países; a presença, recorrente ou acidental, de diversos idiomas no texto (poliglossia); as procedências e contextos diversos das figuras principais; as extensas discussões entre eles sobre temas culturais de alcance continental ou mesmo mundial; e, é claro, o final da obra, que coincide com a eclosão da 1ª Guerra Mundial (1914–18). Os fatores listados acima e o intenso simbolismo da história

⁵ "ein *Zeitroman* in doppeltem Sinn" (MANN, [1939], p. 15).

⁶ "Das Buch ist selbst das, wovon es erzählt; denn indem es die hermetische Verzauberung seines jungen Helden ins Zeitlose schildert, strebt es selbst durch seine künstlerischen Mittel die Aufhebung der Zeit an durch den Versuch, der musikalisch-ideellen Gesamtwelt, die es umfaßt, in jedem Augenblick volle Präsenz zu verleihen und ein magisches 'nunc stans' herzustellen."

⁷ "(...) em *Der Zauberberg*, tudo, inclusive o número do quarto de Castorp, é um símbolo (...)." ("[...] in *Der Zauberberg everything, including the number of Castorp's room, is a symbol* [...]"; GAY, 2001, p. 125-6)

conferem ao destino de Hans Castorp "uma certa significação suprapessoal"⁸ (que exploraremos melhor na segunda metade desta dissertação).

Apesar disso, seria excessivo dizer que o romance pretende ser um painel completo de uma sociedade, como a *Comédia humana* de Balzac. Contra essa asserção muito comum, Koopmann (1983, p. 30) afirma, apoiado em Weigand, que a ausência absoluta de considerações econômicas no livro já bastaria para negar-lhe o papel de representação totalizante do seu período. Essa é uma constante da obra de Thomas Mann, sempre ambientada entre os estratos econômicos médios ou altos da sociedade. Em *Der Zauberberg*, afora servidores anônimos e um par de representantes da classe média-baixa inculta (o cervejeiro Magnus e a estúpida sra. Stöhr), Hans Castorp fica adstrito ao convívio com seus pares.

Da mesma forma, aspectos inteiros da vida da nação, como a política partidária ou o movimento social, mal são pincelados. Assim, o conhecido dito de Georg Lukács de que Thomas Mann nos dá uma imagem da "realidade social total da época" ao reunir em um só lugar "uma seção transversal representativa da sua sociedade" deve ser admitido com mais do que um grão de sal. Até os *Anos de aprendizado de Wilhelm Meister* nos dão uma imagem mais completa da vida alemã do seu tempo.⁹ (BRUFORD, 1986, p. 69)

Porém, a exclusão da literatura social é um fator sistêmico, pois o grande romance de sociedade, como os famosos afrescos da literatura russa ou francesa, jamais fincara verdadeiras raízes na Alemanha¹⁰.

Em um procedimento que Helmut Koopmann chama de "óptica dupla"¹¹ — o hábito de Thomas Mann de estruturar suas narrativas em duas camadas (uma ostensiva, mais evidente, e outra oculta, mas exatamente por isso mais essencial)

⁸ "*eine gewisse überpersönliche Bedeutung*" (MANN, 2017, p. 49).

⁹ "*Whole aspects of the nation's life, like party politics or the social movement are similarly hardly touched upon. So the well-known dictum of Georg Lukács, that Thomas Mann gives us a picture of the 'total social reality of the time' by bringing together in one place a 'representative cross-section of its society', must be taken with more than a grain of salt. Even Wilhelm Meisters Lehrjahre (Wilhelm Meister's Apprenticeship) gives us a fuller picture of the German life of its time.*"

¹⁰ Cf. KOOPMANN, 1983, p. 18

¹¹ "*doppelte Optik*" (KOOPMANN, 1971, *passim*). Mais a respeito no início do Capítulo 3.

—, *A montanha mágica* se declara como "romance temporal" também num sentido mais profundo. Referimo-nos ao tratamento do tempo em si, como fenômeno e natureza autônoma, que é objeto de diversos apartes na narrativa. Com isso,

[e]le [o tempo] é não apenas o meio da narrativa, mas também (pelo menos em certo sentido) é o seu tema; mas tema não só no sentido de que o romance "busca esboçar a imagem interna de uma época, o pré-guerra europeu", mas também no sentido de que ele, ou o narrador, pretende narrar o tempo "em si" (...).¹² (KOOPMANN, 1971, p. 137-8)

A afirmativa encontra apoio nos dizeres do narrador. Em um dos vários *intermezzi* sobre o tempo e seus enigmas¹³, é dito que

[a] narrativa (...) é capaz de manejar o tempo, ela é (...) capaz de tratá-lo. Porém, por ela poder "tratá-lo", fica claro que o tempo, que é o elemento da narrativa, também pode se tornar o seu *objeto*; e, ao passo que seria ir longe demais dizer que se pode "narrar" o tempo, narrar *sobre* o tempo claramente não é uma empreitada tão absurda como nos parecia ao início – de modo que, por conseguinte, a expressão "romance temporal" poderia acomodar um duplo sentido particularmente onírico. De fato, nós levantamos a questão de se é possível narrar o tempo apenas para confessar que tal é realmente a nossa tenção com a presente história.¹⁴ (MANN, 2017, p. 741-3)

¹² "Sie ist nicht nur Medium der Erzählung, sondern, in gewisser Hinsicht jedenfalls, auch ihr Thema; Thema aber nicht nur in dem Sinne, daß der Roman 'das innere Bild einer Epoche, der europäischen Vorkriegszeit, zu entwerfen versucht', sondern auch in dem Sinne, daß er, resp. der Erzähler, die Zeit 'an sich' erzählen will (...)."

¹³ "(...) em cada um desses excursos, o tempo é apresentado como ele é vivido e descrito nos capítulos que se lhes seguem" ("[...] die Zeit wird in diesen Exkursen jeweils so dargestellt, wie sie in den folgenden Kapiteln erlebt und beschrieben wird"; KOOPMANN, 1971, p. 141). Esses excursos não são variações sobre um mesmo tema: são potenciações que conduzem o enredo a patamares cada vez mais altos, e possivelmente cada vez mais polissêmicos.

¹⁴ "(...) vermag die Erzählung mit der Zeit zu Werke zu gehen, ähnlich vermag sie sie zu behandeln. Da sie sie aber 'behandeln' kann, so ist klar, daß die Zeit, die das Element der Erzählung ist, auch zu ihrem Gegenstande werden kann; und wenn es zuviel gesagt wäre, man könne 'die Zeit erzählen', so ist doch, von der Zeit erzählen zu wollen, offenbar kein ganz so absurdes Beginnen, wie es uns anfangs scheinen wollte, — so daß denn also dem Namen des 'Zeitromans' ein eigentlich träumerischer Doppelsinn zukommen könnte. Tatsächlich haben wir die Frage, ob man die Zeit erzählen könne, nur aufgeworfen, um zu gestehen, daß wir mit laufender Geschichte wirklich dergleichen vorhaben."

Essa confissão do narrador vem apenas no terço final do livro, mas trata-se da culminação de um processo que vinha ganhando envergadura desde o início¹⁵. No fim, termina-se o romance com a distinta impressão de que o tempo nele é "uma força ativa, quase um personagem"¹⁶.

Naturalmente, essa não é a única chave de leitura do *Zauberberg*: Paul Ricœur, por exemplo, corretamente identifica, a par do *Zeitroman*, um romance de formação (*Bildungsroman*¹⁷, um gênero literário alemão por excelência) e também um romance da doença ou da decadência cultural — o painel de uma civilização continental carcomida pelas ilusões perdidas da sua cultura e pelas contradições internas da sua ordem sociopolítica, galopando veloz e inconscientemente rumo à hecatombe. Não obstante, Ricœur confere ao romance temporal a primazia dentro da sua classificação tripartite:

O *Zeitroman* conserva, na minha opinião, um privilégio inapagável que só aparece quando colocamos a questão mais difícil de todas, a da verdadeira natureza do aprendizado espiritual do qual esse romance é a história. Thomas Mann escolheu fazer das investigações do herói a respeito do tempo a *pedra de toque* de todas as suas outras investigações sobre a doença e a morte, sobre o amor, a vida e a cultura. (RICŒUR, v. 2, p. 220-1)¹⁸

Com isso não se afirma que *A montanha mágica* seja uma grande especulação filosófica sobre o tempo casualmente revestida de forma literária¹⁹: tal disparate pode ser refutado demonstrando-se que as digressões sobre o tempo competem

¹⁵ Para um roteiro desse processo, cf. RODRIGUES, 2008.

¹⁶ "(...) *an active force, almost a character*" (HATFIELD, 1986, p. 86).

¹⁷ Helmut Koopmann, aduzindo argumentos convincentes, prefere falar em "romance iniciático". Cf. KOOPMANN, 1983, *passim*.

¹⁸ "*Le Zeitroman conserve, à mon avis, un privilège ineffaçable qui n'apparaît que si l'on pose la question la plus difficile de toutes, celle de la nature véritable de l'apprentissage spirituel dont ce roman est l'histoire. Thomas Mann a choisi de faire des investigations du héros concernant le temps la pierre de touche de toutes ses autres investigations sur la maladie et la mort, sur l'amour, la vie et la culture.*"

¹⁹ O tempo é um tema oculto (*hintergründig*), que está sempre ou quase sempre encoberto pela temática ostensiva (*vordergründig*) do primeiro plano. Ele é tematizado explicitamente em algumas seções: *Vorsatz*, *Exkurs über den Zeitsinn* e as iniciais dos três últimos capítulos (fora muitas observações incidentais salpicadas aqui e ali).

com outras de igual ou maior recorrência nas páginas do livro — a dignidade da doença ou da saúde, a dinâmica entre a doença e o amor, a dialética da liberdade individual com as imposições de ordem social, o rigor desumano da forma excessiva *versus* a dissolução letal da amorfia etc. Não é isso que a exegese tem em mente ao referir-se ao livro como um *Zeitroman*²⁰. A intenção é deixar clara a função condutora que a percepção cambiante do herói acerca do tempo ao longo da trama desempenha no seu desenvolvimento como ser humano — este, sim, o tema central do romance. O seu alheamento do tempo "da planície"²¹, contudo, é a pré-condição maior que possibilita o seu aprendizado hermético: foi preciso que Hans Castorp perdesse a urgência do tempo cronológico, calendarizado, da vida civil²² para que se expusesse à influência de mentores intelectuais, se entregasse a uma paixão ilícita, mergulhasse em estudos e divagações eruditas, contemplatesse o mundo e a vida sob aspectos científicos, existenciais, artísticos e éticos — atos dos quais jamais se sentiria capaz na sua vida de pacato engenheiro em Hamburgo. Para tudo isso, ele precisou "*take his time*" — dar tempo ao tempo, deixar-se levar pela temporalidade caprichosa da montanha mágica: as solicitações da vida "lá de baixo" jamais lhe teriam permitido elevar-se para além da sua simplicidade (tantas vezes repetida pelo narrador). Essa *Steigerung* (traduzível como elevação, potenciação, exaltação, sublimação) da sua personalidade é o que nos prende ao longo das mil páginas do livro, e não a administração cada vez mais relapsa do tempo que ele pratica, por mais que esta acabe, ironicamente, determinando-lhe um fim vil. Por isso é que cremos que a chave de interpretação temporal se coaduna muito bem com a outra linha-mestra citada, a do *Bildungsroman*. São complementares e, em certo sentido, redundam no mesmo.

Muito dessa coincidência se deve ao estremecimento que a Grande Guerra de 1914 provocou nas bases da sensibilidade artística e filosófica. O próprio autor

²⁰ "A *montanha mágica* furta-se completamente a qualquer fixação unívoca demais em um tema: de fato, é um '*Zeitroman*', mas não trata apenas do tempo (...). Mesmo onde se fala expressamente no tempo, ele é sempre descrito sob aspectos diferentes simultaneamente." ("*Der 'Zauberberg'* entzieht sich vollends jeder allzu eindeutigen Fixierung auf ein Thema: er ist zwar ein '*Zeitroman*', aber er handelt nicht nur von der Zeit (...). Selbst da, wo ausdrücklich von der Zeit die Rede ist, wird die Zeit immer unter gleichzeitig verschiedenen Aspekten beschrieben."; KOOPMANN, 1971, p. 6)

²¹ Assim se referem os pensionistas do sanatório ao mundo normal que deixaram ao se internar.

²² Cf. NUNES, p. 20.

registra que se "o problema do 'tempo' ganhou atualidade para filósofos e pensadores em torno de 1912 (...)", isso aconteceu por causa "do abalo histórico aos nossos dias, que então ainda era profundamente subterrâneo"²³. Os comentaristas confirmam que essa era uma temática em plena voga na época:

Aceitando-se ou não essa explicação sismológica, Thomas Mann sem dúvida demonstrou, ao abordar o "problema do tempo", uma considerável "sensitividade" por algo que era então atual. Em 1913, foi publicado o primeiro, e, em 1918, o segundo volume de *Em busca do tempo perdido*, de Proust. Em 1917, Albert Einstein deu a público o seu tratado *Sobre a teoria da relatividade especial e geral*, que rapidamente ocupou também os folhetins. E enquanto Thomas Mann vislumbrava o fim de *A montanha mágica* no inverno de 1923/24, Martin Heidegger se punha a trabalhar em *Ser e tempo* em Marburg. Mann mal chegou a tomar conhecimento direto disso tudo, mas sua intuição captou o que estava no ar.²⁴ (MANN, 2002b, v. 2, p. 61-2)

Assumamos, pois, que *Der Zauberberg* é um *Zeitroman*. A centralidade da categoria do tempo na configuração de *A montanha mágica* está refletida em sua macroestrutura. Formalmente, o artifício mais evidente de Thomas Mann é espelhar no tamanho dos capítulos (sete, tantos quanto os anos que Hans Castorp passa em Davos) a progressiva relativização temporal que o protagonista experimenta em sua estadia. Assim, ao contrário de um expediente mais óbvio de designar a cada um dos sete capítulos (sem títulos, mas subdivididos em seções não numeradas e com títulos próprios) um dos sete anos do tempo "de calendário" passados na Suíça, o autor aloca a cada um deles uma porção progressivamente maior de tempo cronológico: uma noite (Capítulo I), a analepse contando a vida pregressa de Castorp (Capítulo II), seu primeiro dia inteiro "lá em cima" (Capítulo III), o restante das três semanas da estadia inicialmente planejada (Capítulo IV), o período até

²³ "(...) Daß das Problem der 'Zeit' für Philosophen und Träumer um 1912 aktuell wurde und in ihre Produktion trat, mag an der historischen Erschütterung unserer Tage liegen, die damals noch tief unterirdisch war." (MANN, 2002b, v. 2, p. 61)

²⁴ "Ob man diese seismologische Erklärung akzeptiert oder nicht, Thomas Mann hat mit dem Griff zum 'Zeitproblem' zweifelsohne eine beträchtliche 'Sensitivität' für das bewiesen, was damals an der Zeit war. 1913 war der erste, 1918 der zweite Band von Prousts Auf der Suche nach der verlorenen Zeit erschienen. 1917 publizierte Albert Einstein seine Abhandlung Über die spezielle und die allgemeine Relativitätstheorie, die rasch auch die Feuilletons beschäftigte. Und während Thomas Mann im Winter 1923/24 den Schluss des Zauberbergs ins Auge fasste, setzte sich Martin Heidegger in Marburg an die Arbeit für Sein und Zeit. Direkt hat Mann von all dem kaum etwas wahrgenommen, aber seine Intuition nahm auf, was 'in der Luft lag'."

completar os sete meses entre o agosto da chegada e o Carnaval seguinte (Capítulo V), o lapso entre a crucial *Walpurgisnacht* (noite de Valpurga ou Valpúrgis, uma referência ao *Fausto* de Goethe) e a morte de Joachim Ziemßen, totalizando 21 meses (Capítulo VI), e os quatro anos e meio faltantes para os sete anos totais se completarem (Capítulo VII).

Também, cada um desses capítulos tem uma extensão física progressivamente maior (em número de páginas), espelhando no tempo de leitura a dilatação sequencial do tempo cronológico narrado²⁵. Entretanto, constata-se que, como é normal na épica, o tempo narrado (*erzählte Zeit*) não está em proporção direta ao tempo da narração (*Erzählzeit*). Há uma constante desaceleração, pois este não acompanha à mesma razão a ampliação daquele — se o primeiro dia inteiro toma 74 páginas, para ser proporcional o livro teria que abarcar absurdas 190 mil páginas para cobrir sete anos. Ou seja, a narrativa é progressivamente "resumida", em analogia com a diluição do senso de tempo do herói, que é mimetizada pelo narrador enquanto vai relaxando a marcação precisa dos meses, estações e anos. Cada vez mais, um dado período da vida de Hans Castorp demanda menos páginas para ser contado e, conseqüentemente, o é com menos detalhes e individuação.

Logo, a própria técnica narrativa do romance confirma sua caracterização como *Zeitroman* em chave múltipla (romance de uma época e que se estende no tempo, demandando doses variáveis de tempo para contar sobre coisas contidas no tempo — e também para tratar do tempo em si). O narrador, nas digressões que se permite, traz à atenção do leitor essa relação cambiante entre o tempo da narração e o tempo narrado, tematizando o próprio perspectivismo. Um possível artificialismo dessas especulações é habilmente evitado por Thomas Mann porque elas estão integradas nos recursos formais do romance, já citados: tamanho dos capítulos, dosagem da proporção entre *Erzählzeit* e *erzählte Zeit*, e gradação da fixação do tempo²⁶.

²⁵ Com a única exceção de que o penúltimo capítulo é, na verdade, um pouco maior que o último. Número de páginas dos capítulos na edição de bolso mais comum atualmente em circulação (MANN, 2017): 21, 25, 74, 124, 219, 267 e 243, respectivamente.

²⁶ KOOPMANN, 1971, p. 139-40.

Superado o aspecto formal, faremos agora um apanhado sequencial do protagonismo material do tempo no enredo do livro, o que inclui sua abordagem direta pelo narrador e pelos personagens, em diálogos ou reflexões. O *Vorsatz*, a peça prefacial da obra, já alerta para a natureza profundamente ambígua do tempo: apesar de a história se passar (conforme deduzimos ao final, fazendo a subtração) entre 1907 e 1914, o narrador a remete a uma era quase feérica, de contornos legendários. Isso porque a sua natureza transata não se deve exatamente ao tempo cronológico, mas a uma profunda cisão (a 1ª Guerra Mundial) que separa aquela época do momento da escritura. Assim, embora nova segundo o calendário, é uma história envelhecida, caduca, desdobrada em uma civilização perdida para sempre. No fim do *Vorsatz*, o narrador já começa a desacomodar o leitor, arriscando palpites sobre qual vai ser a proporção entre o tempo da história (sete anos) e o tempo que levará para contá-la (sete dias, semanas, meses?).

Já no primeiro parágrafo da primeira seção (*Chegada*) do Primeiro Capítulo está posto o *Zeitroman*, pela simples menção (profundamente irônica, se lida com conhecimento do que está realmente por vir²⁷) das três semanas que Hans Castorp imagina passar no sanatório em visita a Joachim²⁸. Ainda nessa primeira seção, o narrador já usa o deslocamento espacial do protagonista em viagem como pretexto para ensaiar sua primeira digressão, abreviadíssima, sobre o tempo²⁹. As primeiras frases trocadas entre Hans Castorp e seu primo, Joachim Ziemßen, a caminho do

²⁷ É por esse constante trânsito anafórico e catafórico congenial ao tecido leitmotívico da obra que Thomas Mann, em sua *Introdução à Montanha Mágica aos estudantes da Universidade de Princeton*, indica explicitamente que o romance deveria ser relido ao se chegar ao seu fim, para que o proveito do leitor se amplie e aprofunde (MANN, [1939], p. 15).

²⁸ Aliás, a duração da estadia é o móvel dramático de grande parte da ação: desde que o herói se converte de visitante em paciente, sua convalescença vai sendo adiada a cada exame-geral. Depois da partida da sra. Chauchat, logo em seguida à fatídica noite de Carnaval, é à espera dela que Hans Castorp fica nos Alpes. Só muito mais tarde, após o episódio com Mynheer Peeperkorn e a dissolução do vínculo erótico com Chauchat, é que a duração da estadia perde importância — o charco existencial em que Castorp chafurda torna qualquer prazo nulo, pois ele já não pode voltar a um lugar ao qual não mais pertence (a vida prática na planície).

²⁹ "O espaço que, rodando e fugindo, rola entre ele e o seu torrão guarda forças que costumamos crer um privilégio do tempo; a cada hora que passa, aquele produz modificações interiores muito semelhantes às que este efetua, mas que de certa maneira as excedem. Como este, aquele gera esquecimento (...)." (*Der Raum, der sich drehend und fliehend zwischen ihn und seine Pflanzstätte wälzt, bewahrt Kräfte, die man gewöhnlich der Zeit vorbehalten glaubt; von Stunde zu Stunde stellt er innere Veränderungen her, die den von ihr bewirkten sehr ähnlich sind, aber sie in gewisser Weise übertreffen. Gleich ihr erzeugt er Vergessen [...]*; MANN, 2017, p. 12.)

Sanatório Internacional Berghof, já versam sobre as duas maneiras de existir ("aqui em cima" e "lá embaixo") e contabilizar o tempo. O escândalo de Castorp ao saber que seu primo pretende ficar mais meio ano em tratamento e o descaso deste para com as referências temporais da "planície"³⁰ dão o tom do que está por vir: uma relativização radical da importância do tempo medido, cuja abolição constituirá o principal traço do estilo de vida no sanatório. O sonho no fim do capítulo é revelador na medida em que prefigura isso, pois antecipa coisas que nem o leitor, nem Hans Castorp podem saber que vão ocorrer (Joachim sendo trasladado à planície num *bobsled*, como os mortos do Sanatório Schatzalp) — eis um traço do tempo mítico, que não conhece antes ou depois, sobrepondo tudo. Essa anamnese de duas mãos se apresentará também em outros sonhos e devaneios de Hans Castorp ao longo do romance: o tempo acabará se transformando em uma "*Stumme Schwester*"³¹.

O Segundo Capítulo é um mergulho no passado, uma analepse contendo as vivências primordiais de Hans Castorp em sua infância remota e na juventude (ele está no seu vigésimo quarto ano de vida ao chegar na Suíça). Aliás, é importante observar que, na concepção original da obra (quando ela ainda seria um conto), este era o primeiro capítulo³². Sua troca de lugar com a chegada e primeira noite no sanatório, além de conferir maior vigor épico ao relato através do início *media in res*, surte um efeito ulterior a serviço do *Zeitroman*: o fato de contar coisas acontecidas antes do início da narrativa, apesar de sua posição após a cena de chegada, tem como função exatamente encaminhar a experiência maior do apagamento do tempo:

³⁰ "— Meio ano? Estás louco? — exclamou Hans Castorp. (...) — Meio ano? Mas se já estás há quase meio ano aqui! Afinal, ninguém tem tanto tempo assim...!"

— Sim, tempo — disse Joachim, acenando várias vezes com a cabeça para frente, sem fazer caso do sincero ultraje do primo. — Aqui eles brincam com o tempo humano que tu nem acreditas. Três semanas são como um dia para eles. Vais ver. Vais logo aprender tudo isso — disse ele, ajuntando: — Aqui a gente muda seus conceitos." ("'*Ein halbes Jahr? Bist du toll?*' rief Hans Castorp. [...] '*Ein halbes Jahr? Du bist ja schon fast ein halbes Jahr hier! Man hat doch nicht so viel Zeit —!*' '*Ja, Zeit*', sagte Joachim und nickte mehrmals geradeaus, ohne sich um des Veters ehrliche Entrüstung zu kümmern. '*Die springen hier um mit der menschlichen Zeit, das glaubst du gar nicht. Drei Wochen sind wie ein Tag vor ihnen. Du wirst schon sehen. Du wirst das alles schon lernen*', sagte er und setzte hinzu: '*Man ändert hier seine Begriffe.*'"; MANN, 2017, p. 16)

³¹ "Enfermeira muda": um termômetro liso, sem gradação impressa, que era dado para pacientes que trapaceavam no registro da febre.

³² Cf. MANN, 2002a, p. 850.

(...) era preciso conferir ao tempo essa anciania, essa espessura e essa densidade para dar a medida da perda sentida quando precisamente as medidas do tempo empalidecem.³³ (RICŒUR, 1984, v. 2, p. 225, n. 1 da p. 224)

No Terceiro Capítulo, retornando-se ao presente da diegese, surgem as primeiras reflexões do próprio Hans Castorp sobre o tempo. Trata-se da cena da medição de temperatura de Joachim, que, a horas fixas, precisa tirar a febre durante sete minutos, como todos os pacientes. Nesse momento de atenção, cada minuto ganha uma densidade muito marcada, ao passo que, na rotina fixa observada na instituição, uma semana simplesmente voa. O próprio Joachim é quem percebe isso durante a medição, falando com Hans Castorp, que se alonga em amplas especulações (sua frase: "O que é o tempo, afinal?", soa como uma paródia de Santo Agostinho nas *Confissões*³⁴). Nesse ponto do livro, o herói já começou a dissociar o tempo sentido do tempo medido — tanto que na mesma noite acaba sonhando com o tempo sem medidas sob a forma de uma *Stumme Schwester*. Também em outro aspecto a integração do herói à rotina do Berghof começa a mostrar seus efeitos: em conversa com o sr. Settembrini, menciona que tem a impressão de estar lá há muito mais que um dia. Em outro colóquio com a mesma pessoa, vacila fortemente e demora em responder à pergunta de quanto anos tem. Antes mesmo que um dia inteiro tenha se escoado, o jovem engenheiro já padece do enfraquecimento da sua sensação interna de duração. Também o leitor é iniciado nessa nova ordem junto com ele — subjetivamente, há um tempo infinito entre a primeira e a segunda noite de Castorp na montanha:

(...) na esteira de Castorp, o leitor também participa da vigília onírica que confunde as datas até a imprecisão: como Hans Castorp, o leitor também se distancia do "tempo real" da planície. Também para ele o tempo tornou-se um tempo particularmente irreal, que não pode mais ser medido pelos critérios da planície, ou no máximo muito imprecisamente.³⁵ (KOOPMANN, 1971, p. 5)

³³ "(...) il fallait avoir conféré au temps cette ancienneté, cette épaisseur et cette densité pour donner la mesure de la perte éprouvée, quand précisément les mesures du temps s'évanouissent."

³⁴ Cf. RICŒUR, 1984, v. 2, p. 226, n. 2.

³⁵ "(...) auf den Spuren Castorps hat der Leser auch hier teil an dem träumerischen Wachbewußtsein, das die Daten ins Ungenaue verkehren läßt: wie Hans Castorp entfernt sich auch der Leser von der

No Quarto Capítulo, fortalece-se a confusão provocada pela imprevisível meteorologia da localidade, com nevascas no verão, gloriosos dias estivais no inverno e outras anomalias: é o tempo cósmico (aquele marcado exteriormente pela movimentação dos astros e pela regularidade da intempérie) em pleno desgoverno. Na seção intitulada *Excurso sobre o sentido do tempo (Exkurs über den Zeitsinn)*, versando sobre a monotonia e o tédio, especula-se paradoxalmente que esses sentimentos na verdade não desaceleram o curso do tempo (como quando dizemos que o tempo parece não passar em uma atividade enfadonha): alongando as unidades pequenas de tempo, eles tornam mais homogêneas e, portanto, mais rápidas as frações maiores. Transpondo-se isso ao aspecto existencial, uma monotonia muito ininterrupta traz o risco de se perder a própria consciência da duração (a *durée* bergsoniana), ligada ao sentimento vital. É no fim deste capítulo que o herói é diagnosticado com uma antiga tísica mal-curada e, como teria que voltar em breve para se tratar, fica no sanatório em vez de retomar sua vida em Hamburgo. Converte-se em paciente; agora, também é um de "nós aqui em cima".

No começo do Quinto Capítulo, Castorp está constipado e por isso deve guardar leito por três semanas. Aí o narrador entra em sua primeira grande digressão sobre o tempo, expondo como uma rotina diária fixa (o doente que recebe sua canja sempre na mesma hora, passando todo o tempo no quarto) pode redundar na suspensão do tempo progressivo. Essa *Ewigkeitssuppe*³⁶ ("sopa sempiterna") é a eternidade identitária, o presente fixo. Não se trata de repetição: é sempre a *mesma* sopa que te trazem ao leito. Sabemos que horas são (a hora da sopa), mas não sabemos que dia é (porquanto todos são iguais). A ausência de relevo individual, que seria provocado por eventos irregulares, como nos dias normais do homem sadio, acaba anulando o peso específico das horas. Assim, o dia torna-se uma

'Realzeit' des Flachlandes. Auch für ihn ist die Zeit zu einer eigentümlich irrealen Zeit geworden, die mit flachländischen Maßstäben nicht mehr, oder jedenfalls nicht mehr sehr genau, gemessen werden kann."

³⁶ A cronologia reportativa é quebrada a partir da seção *Ewigkeitssupe*, fixando-se uma nova cronologia, adequada à existência de doente (e não só à da gripe: à da doença crônica — cf. Capítulo 4). Ela foi preparada por várias observações anteriores mais ou menos ocultas, incluindo o *Vorsatz*; nesta seção, apenas eclode.

massa homogênea e indiferenciada. A isso o narrador atribui o epíteto de "sempiterno", pois o oposto do tempo é a eternidade³⁷.

No episódio climático com a sra. Chauchat na noite de Carnaval, a declaração de amor de Castorp deixa mais que patente a identidade (e não mera correspondência) entre a atraente russa e seu antigo colega de escola pelo qual se fascinara, Hippe. Nisso, emerge a noção de tempo cumulativo (já sondada no *flashback* do Segundo Capítulo), numa profundidade que confere ao instante presente uma espécie de persistência. Nessa "noite de Valpúrgis" revisitada, surge uma visão semionímica onde flutua um senso de eternidade — eternidade agora sonhada, carnavalesca: "É um sonho conhecido, sonhado desde sempre, longo, eterno, sim, estar sentado perto de ti como agora, eis a eternidade"³⁸.

É nesse Quinto Capítulo que se põe a nu o descompasso radical entre *Erzählzeit* e *erzählte Zeit* no romance. Normalmente, à medida que as aventuras dos heróis literários se distendem no tempo, o tempo de escritura e leitura encolhe. Aqui, quebra-se definitivamente a sequência do tempo conhecida. O tempo se torna imaginário, correndo mais rápido e sendo narrado de forma fortemente comprimida. Porém, agora que o tempo "lá debaixo" não conta mais, o narrador pode se penetrar das espessuras da existência: abre-se o mistério do tempo, e com isso começam as amplas conversas e elucubrações a respeito de temas tão variados quanto a composição do corpo humano, a relação dúplice entre amor e doença, e o enigma da morte. No entanto, Hans Castorp seguirá presa de sentimentos de expectativa. A perspectiva da volta de Clawdia o conservará "no tempo", ainda que precariamente. Ainda assim, é durante este Quinto Capítulo que se registra a última notação exata da permanência de Hans Castorp na montanha: sete meses. Depois dessa marca, somos "libertados" da amarra cronométrica. Paralela e muito significativamente, é a partir dessa parte do romance que a influência pedagógica de Settembrini sobre o jovem protagonista começa a decrescer, desde quando Castorp não atende às admoestações que o italiano lhe grita ao vê-lo finalmente se dirigir a Clawdia

³⁷ Experiência essa que se repetirá na "noite de Valpúrgis" (última seção do Quinto Capítulo) e na seção *Neve* do Sexto Capítulo.

³⁸ "C'est un rêve bien connu, rêvé de tous temps, long, éternel, oui, être assis près de toi comme à présent, voilà l'éternité." (MANN, 2017, p. 464)

Chauchat no Carnaval³⁹. Conforme ele vai se afundando no tempo vazio e não medido, a educação do herói toma as cores de uma emancipação.

No Sexto Capítulo, aprofundam-se as reflexões sobre o tempo na seção inicial, *Veränderungen*. Ele é comparado a um movimento e mudança que quase se poderia igualmente chamar de repouso e parada. O paradoxo é que esse tempo, reconfigurado, ocasiona mudanças que não são mudanças: sempre ocorrem coisas, mas elas podem ser entendidas e apresentadas como meras iterações do que já se deu antes. É o tempo durativo dando lugar ao tempo iterativo. Em correspondência, as rumações filosóficas de Hans Castorp (amplificadas pelas do narrador) distendem o quadro narrativo até os limites da ruptura. Sua experiência temporal se subtrai a qualquer cronologia e se aprofunda, decompondo-se em perspectivas inconciliáveis: o tempo interior, desligado da medida, não se coaduna com os aspectos cósmicos do tempo — vegetação que muda, estações que se sucedem, astros que se deslocam. Observa-se, contudo, que o tempo cósmico é cíclico: os processos vegetativos retornam ao seu início, as estações se repetem após a última terminar, a posição dos corpos celestes acaba onde antes começara. A ambiguidade do tempo físico é essa: eternamente circular e ainda assim produzindo mudanças. "A contemplação do céu e dos astros dá à fuga do tempo uma fixidez paradoxal que confina com a experiência nietzschiana do eterno retorno."⁴⁰ É nessa passagem do incomensurável ao imemorial, nessa eternidade imóvel que Hans Castorp definitivamente se incapacita a viver. Não voltará à planície. O assalto rechaçado da vida "lá debaixo"⁴¹ (o tio James Tienappel, que desiste da sua missão de resgate assim que se inteira da morbidez ao seu redor) é a prova concreta da obstinação do herói em permanecer na eternidade.

No célebre subcapítulo *Schnee (Neve)*, considerado um dos busílis de toda a interpretação manniana⁴², o tempo narrado e a experiência do tempo encontram

³⁹ Logo em seguida, no início do Sexto Capítulo, já surgirá Leo Naphta, seu rival na contenda pela adesão ideológica de Castorp.

⁴⁰ "La contemplation du ciel et des astres donne a la fuite du temps une paradoxale fixité qui confine à l'expérience nietzschéenne de l'éternel retour." (RICŒUR, 1984, v. 2, p. 236-7)

⁴¹ Ação negativa que constitui a peripécia central da trama quando vista como *Bildungsroman*.

⁴² WYSLING, 1986, p. 411.

juntos a sua culminação⁴³. A monotonia alva das neves é um paralelo do mar e do deserto, outros lugares sem tempo e inóspitos à vida. Os montes nevados em meio aos quais Castorp se perde, inadvertidamente andando em círculos, são mais que um cenário: constituem o equivalente espacial da experiência temporal em si. O *Urschweigen* (silêncio originário) aí reinante une o espaço e o tempo em uma unidade simbólica. Castorp, correndo o risco de uma hipotermia, adormece e tem uma visão de humanidade: em uma paisagem helênica, pessoas belas e saudáveis se exercitam e brincam à beira-mar. A harmonia e felicidade parece plena, mas um olhar sinistro para trás leva a atenção de Castorp a um templo obscuro em cujo interior ele encontra um par de bruxas devorando vivo um bebê. O epílogo do livro se refere a essa visão como "um sonho de amor", e a lição ética que Castorp dela retira é:

Hei de ser fiel à morte no meu coração, mas me lembrarei com clareza de que a fidelidade à morte e à decomposição é apenas maldade e volúpia sinistra e inimizade ao homem quando ela determina nosso pensar e reger. *Em nome da bondade e do amor, o homem não deve conceder à morte o domínio sobre os seus pensamentos*⁴⁴. (MANN, 2017, p. 679, grifo do original)

O sonho que o personagem vivencia e a sentença moral nele postulada contrapõem à eternidade sonhada da noite de Valpúrgis uma outra eternidade, recompensa e origem da coragem de viver. Essa nova postura quanto ao mundo da doença e da morte anuncia uma mudança secreta na relação com o tempo em si. A vida aparentemente⁴⁵ reconquista a prevalência sobre a fascinação com a doença.

⁴³ "(...) Neve é o cume do romance e um dos cumes da literatura moderna, onde Mann consegue fundir todos os elementos da sua obra – realismo, simbolismo, filosofia – em uma unidade lúcida." ("[...] 'Snow,' is the high point of the novel and one of the high points of modern literature, where Mann successfully fuses all the elements of his work — realism, symbolism, philosophy — into one lucid unity."; GAY, 2001, p. 126)

⁴⁴ "Ich will dem Tode Treue halten in meinem Herzen, doch mich hell erinnern, daß Treue zum Tode und Gewesenen nur Bosheit und finstere Wollust und Menschenfeindschaft ist, bestimmt sie unser Denken und Regieren. Der Mensch soll um der Güte und Liebe willen dem Tode keine Herrschaft einräumen über seine Gedanken."

⁴⁵ A ressalva é posta porque é duvidoso se Hans Castorp efetivamente aprende algo com seu sonho — ou porque, mesmo se assimila a sua lição afirmativa, ele afinal não a põe em prática. Cf. MAX, 2015, p. 35-6, por exemplo.

No último capítulo, após a confissão do narrador de que sua intenção secreta é mesmo tentar narrar o tempo em si, o tempo efetivamente perde qualquer evolução. Na seção *Strandspaziergang*, estamos à margem do tempo — *Unzeit* (não tempo), agora. O romance chegou a um ponto onde o movimento não é mais movimento, e onde a confusão e apagamento das distâncias espaço-temporais assumiram o estatuto de "mesmice vertiginosa" (*schwindlige Einerleiheit*). Elas não são mais mensuráveis objetivamente; ou, subjetivamente, a consciência que perceberia as alterações perdeu a capacidade de anamnese (como na incapacidade temporária de Hans Castorp de dizer a sua idade, no início): o reverso da proposição dos escolásticos que diziam que o tempo é uma ilusão, um produto da disposição dos nossos sentidos. O *Nacheinander* (sucessão) torna-se um *Miteinander* (concomitância).

Estamos em pleno *nunc stans*, um agora estático; ao contrário do eterno retorno da sopa sempiterna, agora tem-se um não tempo. O término da ligação erótica com Madame Chauchat e, portanto, da expectativa por seus retornos periódicos ao sanatório; a morte de Joachim, motivo original da vinda do protagonista à montanha; o corte de qualquer ligação epistolar com o mundo exterior — são todos fatores que desligam o herói por completo da realidade temporizada: "A vida sem tempo, a vida despreocupada e desesperançada, a vida como devassidão estagnada e operosa, a vida morta."⁴⁶ Instala-se "o grande torpor" (*der große Stumpfsinn*): os pacientes do Berghof se dedicam a atividades insensatas, passatempos inócuos que refletem sua letargia e desinteresse vitais: calcular a quadratura do círculo, jogar paciência em cima de paciência, estudar esperanto, brincar com os poderes ocultos e o espiritismo. É a massa crítica de tédio e marasmo que necessariamente estourará no desastre da guerra. Mais tarde, isso degradingola na "grande exasperação" (*die große Gereiztheit*): irritação e belicosidade estourando entre os internos qual uma premonição do desastre que se avizinha. Por fim, reboa "a trovada" da última seção do livro (*Der Donnerschlag*): é declarada a 1ª Guerra Mundial, as potências beligerantes mobilizam suas tropas, os acontecimentos se precipitam — incompreensivelmente para Hans Castorp, mas

⁴⁶ "Das Leben ohne Zeit, das sorg- und hoffnungslose Leben, das Leben als stagnierend betriebsame Liederlichkeit, das tote Leben." (MANN, 2017, p. 863)

muito conseqüentemente pela lógica do mundo "lá debaixo", que em nenhum momento havia parado de "urdir modificações". O tempo histórico irrompe e fratura por fora a prisão enfeitiçada da montanha mágica. De golpe, é anulada a distância e mesmo a distinção entre alto e baixo, montanha e planície. Com efeito, as duas esferas são invertidas: agora é o plaino que se converteu num reino da morte. No epílogo, de uma ambigüidade inesquecível, perdemos Hans Castorp de vista em um insólito uniforme de soldado, provavelmente marchando rumo à morte.

No capítulo seguinte, vamos nos concentrar sobre um momento essencial desse percurso: a desorientação inicial de Castorp. Pistas semeadas pelo narrador e o teor das conversas entre o herói e seu primo quando da chegada daquele nos proporcionarão rico material a ser extrapolado para um contexto maior na segunda metade deste trabalho.

2. Novos tempos

Nesta parte, faremos comentários a respeito da Proposição (*Vorsatz*), Primeiro Capítulo e Segundo Capítulo de *A montanha mágica* (capítulos esses disponíveis integralmente em anexo, na nossa tradução) em busca de elementos textuais que: chamem a atenção para o protagonismo do tempo como condutor da narrativa e pedra de toque da sua significação profunda (conforme o Capítulo 1 acima); demonstrem o choque experimentado por Hans Castorp nas suas primeiras vivências no novo ambiente em que ingressa, explicitando a divergência entre o regime temporal da vida normal e aquele outro, mais irresponsável e desapegado, da vida entre os doentes; e tragam indícios da decepção e mal-estar reinantes no *fin-de-siècle* europeu, mais especialmente na cultura germânica. A averiguação do contexto em que são emitidos os juízos correspondentes será importante para extrapolarmos certas associações no Capítulo 3, que busca, em um repertório de autores mais amplo, recursos para reconstruirmos, à maneira de um sismógrafo, o diagnóstico profundo do clima cultural de uma época a partir dos estremecimentos que afloram à sua superfície.

Uma observação quanto ao método: os trechos mais cruciais do nosso *corpus*, comentados em detalhe, são apresentados também em tabelas contendo, além do original, as respectivas traduções publicadas em língua portuguesa. São três: duas brasileiras, dos alemães naturalizados Otto Silveira⁴⁷ (1943) e Herbert Caro (1952); e uma portuguesa, de Gilda Lopes Encarnação (2009). Este método se justifica como um processo de iluminação do texto original, cujas qualidades rebrilham com mais ou menos ênfase em certos aspectos dependendo da lapidação a que cada tradutor o submete. Não faremos aqui crítica de tradução, dispensando observações sobre as opções de cada profissional. O objetivo é apenas conferir maior cor aos excertos transcritos e aquilatar a grande profundidade do original de Thomas Mann, salientada pela própria variedade entre as traduções. As citações de *A montanha mágica* situadas fora dessas tabelas ilustrativas, porém, estão traduzidas segundo a nossa versão, anexada ao fim do trabalho.

⁴⁷ Pseudônimo utilizado na edição da Pan-Americana pelo conhecido tradutor Otto Schneider. Cf. ROCHA, 1955, p. 14.

A exiguidade do *corpus* aqui examinado, que materialmente constitui 5% do romance, é plenamente justificável em vista da sua significação estrutural, que é muito maior do que essa proporção numérica sugeriria. Para sustentar essa proposta, apresentamos argumentos obtidos da análise comparada da produção romanesca inicial de Thomas Mann: *Os Buddenbrooks* (1901), *Alteza Real* (1909) e *A montanha mágica* (1924). Neles, prólogo⁴⁸, primeiro e segundo capítulos desempenham funções bem características. Com isso, são fundamentais no seio das respectivas estruturas narrativas, o que lhes assegura destaque em relação às seções posteriores.

Começemos com os prólogos: segundo Helmut Koopmann (1971, p. 73), eles assumem a tarefa de introduzir o leitor no mundo peculiar da obra, preparando-o para uma iniciação nesse universo ainda novo. No entanto, fazem-no de forma cifrada, sem que haja um cunho didático-explicativo: "Eles não esclarecem fenômenos avulsos, mas dão, de forma geral, indicações para a compreensão da trama seguinte como um todo"⁴⁹. Porém, mesmo que se limite no prólogo a dar indícios sobre as categorias espaço-temporais sob as quais a história deve ou pode ser assimilada, o narrador — soberano sobre sua técnica e material, e portanto consciente da complexidade do que oferece ao leitor — já nisso salienta o caráter multidimensional do que está por vir, atraindo o leitor em sua esteira.

O primeiro capítulo também é introdutório, mas em um aspecto mais substantivo que formal (que era o caso do prólogo). Estruturalmente, antecipa em miniatura a ação posterior do livro, prefigurando a marcha da trama. Em Thomas Mann, porém, o primeiro capítulo não tem apenas função antecipatória: ele dá indicações sobre a *maneira* em que se dará a progressão dos acontecimentos, fala sobre o "como" mais que sobre "o quê". Com isso, orienta o leitor acerca da ordem essencial da sequência, que poderia ser arbitrária, dos eventos individuais que virão. Por conseguinte, constitui o "capítulo capital", aquele a ser lido com máxima atenção.

⁴⁸ Exceto no primeiro livro, que não o tem.

⁴⁹ "*Sie erläutern nicht einzelne Phänomene, sondern geben in allgemeiner Form Hinweise zum Verständnis des folgenden Geschehens als Ganzem.*" (KOOPMANN, 1971, p. 73)

Essa função, ele não a exerce flagrantemente, através de uma prolepse⁵⁰, por exemplo (como fazem as epopeias clássicas, que nos versos iniciais da proposição dão um resumo comprimidíssimo de tudo que virá, incluindo o desfecho do *epos*): fá-lo de forma cifrada, através de espelhismos, referência eruditas de ordem literária ou mitológica, antecipações simbólicas da trama ulterior e a sementeira de *leitmotive* (motivos condutores) de primeira importância. Tamanha é a sutileza e eficácia do procedimento que só podemos fazer coro a Thomas Mann ([1939], p. 15) quando diz que o *Zauberberg* deveria ser relido ao se chegar ao seu fim, para que o proveito do leitor aumente. Isso porque, dada a função simultaneamente retrospectiva e prospectiva dos *leitmotive*, parte do seu efeito coesivo se perde quando só desfrutamos de uma das direções em que eles apontam (a retrospectiva, ao identificarmos novas ocorrências de um motivo que já ressoou na trama textual). Conhecendo-se de antemão o acervo motivico empregado na obra, somos beneficiados também pela remissão prospectiva desde a primeira ocorrência de cada *leitmotiv*, o que enriquece enormemente a leitura das primeiras páginas.

Um outro atributo empresta especial importância ao primeiro capítulo de um romance. Este está em relação direta com um outro capítulo crucial, o último, já que ambos delimitam o arco que abarca toda a ação. Eles guardam entre si um forte nexos complementar: por um lado, a seção inicial prefigura o decorrer da ação rumo ao fim; por outro, todo o desenvolvimento da ação precisa dessa descrição resumida e alusiva do processo já no primeiro capítulo, a justificá-lo. Essa reciprocidade se perfaz quando do término da leitura, no caso feliz em que o que foi "prometido" no início efetivamente se cumpriu ao final. Apenas o leitor que reconhece esse jogo está em posição de apreender a obra de arte literária em sua totalidade. O romântico Jean Paul, na *Propedêutica da estética* (1804), expõe esse princípio em suas lições sobre o método compositivo (*Regras e conselhos aos escritores de romances*, § 74): "Dois capítulos precisam ser feitos um para o outro e antes de tudo: primeiramente, o último, e depois o primeiro"⁵¹.

⁵⁰ Sinônimo de *flashforward* (MOISÉS, 2013, p. 382).

⁵¹ "Zwei Kapitel müssen füreinander und zuerst gemacht werden, erstlich das letzte und dann das erste." (JEAN PAUL, 2000, p. 263)

Seguindo o paralelismo presente nos primeiros romances mannianos, o segundo capítulo trata da história prévia, sediada na esfera do pretérito-mais-que-perfeito: aquilo que já era passado quando se deram os acontecimentos apresentados no primeiro capítulo. É o espaço privilegiado da analepse⁵², o mergulho na vida pregressa do(s) protagonista(s). Essa pequena pausa aparente da trama é, em realidade, uma extensão retrógrada da mesma no eixo temporal, e exerce um efeito reiterativo sobre alguns elementos contidos no primeiro capítulo: "ela excede de momento os limites da narrativa anterior, ou, melhor dito, amplia-os ao recuperar o que na verdade é anterior à ação descrita no primeiro capítulo"⁵³. Com isso, é dada a base mais profunda do que está por vir, definindo motivações, traços de caráter, sentimentos e as vivências fundamentais⁵⁴ dos personagens.

2.1 À guisa de introdução

Mann (1924) (p. 9-10)	Silveira (1943) (p. IX-X)	Caro (1952) (p. 7-8)	Encarnação (2009) (p. 11-12) ⁵⁵
<i>Vorsatz</i> Die Geschichte Hans Castorps, die wir erzählen wollen, – nicht um seineswillen (denn der Leser wird einen einfachen, wenn auch ansprechenden jungen Menschen in ihm kennenlernen), sondern um der Geschichte willen, die uns in hohem Grade erzählenswert scheint (wobei zu Hans Castorps Gunsten denn doch erinnert werden sollte, daß es s e i n e	<i>Prefácio</i> Contaremos a história de Hans Castorp, não por ele (o leitor reconhecê-lo-á em breve como um jovem singelo e simpático), mas sim por amor a esta história que nos parece, em alto grau, digna de ser contada. Quanto a Hans Castorp convém recordar que esta é a <i>sua</i> história. Mas, por outro lado, afirmamos	<i>Propósito</i> Queremos narrar a vida de Hans Castorp – não por ele, a quem o leitor em breve conhecerá como um jovem singelo, ainda que simpático, mas por amor a esta narrativa, que nos parece em alto grau digna de ser relatada. A favor de Hans Castorp convém, entretanto, mencionar que esta é	<i>Propósito</i> A história de Hans Castorp que nos propomos contar – não em função dele (já que será com um jovem simples, se bem que simpático, que o leitor irá se deparar) mas em função da narrativa que nos parece ter um elevado grau de interesse (embora tenhamos de recordar, para fazer jus a Hans Castorp,

⁵² Idêntico a *flashback*, retrospectão, e estreitamente ligado ao *in media res* clássico (MOISÉS, 2013, p. 192).

⁵³ "(...) *er weitert sie aus, indem er nachträglich das einbezieht, was eigentlich vor dem im ersten Kapitel beschriebenen Geschehen liegt.*" (KOOPMANN, 1971, p. 112)

⁵⁴ Ricœur, usando uma expressão de Weigand, fala apropriadamente em *Grunderlebnisse* (RICŒUR, v. 2, p. 225, n. 1 da p. 224).

⁵⁵ Todos os trechos transcritos *ipsis litteris*, incluindo ortografias de época e erros de revisão.

<p>Geschichte ist, und daß nicht jedem jede Geschichte passiert): diese Geschichte ist sehr lange her, sie ist sozusagen schon ganz mit historischem Edelrost überzogen und unbedingt in der Zeitform der tiefsten Vergangenheit vorzutragen.</p> <p>Das wäre kein Nachteil für eine Geschichte, sondern eher ein Vorteil; denn Geschichten müssen vergangen sein, und je vergangener, könnte man sagen, desto besser für sie in ihrer Eigenschaft als Geschichten und für den Erzähler, den raunenden Beschwörer des Imperfekts. Es steht jedoch so mit ihr, wie es heute auch mit den Menschen und unter diesen nicht zum wenigsten mit den Geschichtenerzählern steht: sie ist viel älter als ihre Jahre, ihre Betagtheit ist nicht nach Tagen, das Alter, das auf ihr liegt, nicht nach Sonnenumläufen zu berechnen; mit einem Worte: sie verdankt den Grad ihres Vergangenseins nicht eigentlich der <i>Zeit</i>, – eine Aussage, womit auf die Fragwürdigkeit und eigentümliche Zwiennatur dieses geheimnisvollen Elements im Vorbeigehen angespielt und hingewiesen sei.</p> <p>Um aber einen klare Sachverhalt nicht künstlich zu verdunkeln: die hochgradige Verflissenheit unserer Geschichte rührt daher, daß sie <i>vor</i> einer gewissen, Leben und</p>	<p>que não importa tenha ela sucedido a este ou àquele em particular. A presente história se passou já há muito tempo. Está de certo modo completamente coberta de uma preciosa ferrugem, e torna-se absolutamente necessário conta-la sob a forma de remotíssimo passado.</p> <p>Isso talvez não venha a ser um inconveniente para uma história, e sim uma vantagem. É preciso que as histórias já tenham passado. Podemos mesmo dizer que, quanto mais afastadas do presente, melhor respondem às exigências da história, o que é muito mais vantajoso para o narrador que evoca, murmurando, coisas pretéritas. Mas acontece com ela o que acontece com os homens de hoje e, não em último lugar, com os narradores de história: ela é muito mais velha que sua idade; sua antiguidade não pode ser medida por dias, e nem o tempo, que pesa sobre ela, por voltar em torno do sol. Em uma palavra, ela não deve seu grau de antiguidade ao Tempo. Com esta observação queremos também aludir à natureza dupla, problemática e singular desse</p>	<p>a sua história, e que há histórias que não acontecem a qualquer um. Os fatos aqui referidos passaram-se há muitos anos já. Estão, por assim dizer, recobertos pela pátina do tempo, e em absoluto não podem ser narrados senão na forma de um remoto passado.</p> <p>Isso talvez não seja um inconveniente para uma obra deste gênero, mas antes uma vantagem; é necessário que as histórias já se tenham passado. Poderíamos até dizer que, quanto mais se distanciam do presente, melhor corresponderão à sua qualidade essencial e mais adequadas serão ao narrador, este mago que evoca o pretérito. Acontece, porém, com a história o que hoje em dia também acontece com os homens, e entre eles, não em último lugar, com os narradores de histórias: ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo que sobre ela pesa, por revoluções em torno do Sol. Numa palavra, não é propriamente ao tempo que a história deve o seu grau de antiguidade – e com esta observação feita de passagem queremos aludir ao caráter problemático e à peculiar</p>	<p>que se trata da <i>sua</i> história e que nem todos têm a sorte de viver as mesmas histórias) – é uma história que se passou há muito tempo, estando já como que completamente revestida pela pátina do tempo, pelo que só poderá ser narrada no tempo passado mais remoto.</p> <p>Em si, não se trata de nenhuma desvantagem para a história, podendo até ser vantajoso; é que faz parte da natureza das histórias pertencerem ao passado – poderíamos até dizer que quanto mais distante for esse passado mais as características particulares da história de afirmam e mais fácil se torna a tarefa do narrador, esse evocador sibilante do passado. Sucede, porém, com a história o mesmo que hoje se passa com as pessoas e, não por último, com os narradores: a sua idade é muito superior ao tempo vivido, não podendo ser calculada em termo de passagem do tempo ou de descrição de órbitas terrestres. Numa palavra: o seu grau de antiguidade não depende propriamente do tempo – uma afirmação que mais não pretende ser do que uma leve alusão</p>
---	--	---	---

<p>Bewußtsein tief zerklüftenden Wende und Grenze spielt... Sie spielt, oder, um jedes Präsens geflissentlich zu vermeiden, sie spielte und hat gespielt vormals, ehemals, in den alten Tagen, der Welt vor dem großen Kriege, mit dessen Beginn so vieles begann, was zu beginnen wohl kaum schon aufgehört hat. Vorher also spielt sie, wenn auch nicht lange vorher. Aber ist der Vergangenheitscharakter einer Geschichte nicht desto tiefer, vollkommener und märchenhafter, je dichter "vorher" sie spielt? (...)</p>	<p>misterioso elemento.</p> <p>Mas, para não obscurecer artificialmente um estado de coisas claro, devemos observar que a enorme antiguidade de nossa história provém, de ela se desenvolver <i>antes</i> de certa mudança e de certo limite que transformaram profundamente a Vida e a Consciência...</p> <p>Desenvolve-se (ou, para evitar conscienciosamente todo presente: desenvolveu-se) em tempos passados, naqueles dias anteriores à Grande Guerra (1914), com o princípio do qual começaram tantas coisas que, contudo, não deixaram de começar apenas. É, pois, antes desse período que se desenvolve esta história; talvez muito antes. Enfim, o caráter de antiguidade de uma história não é tanto mais profundo, completo e legendário quanto mais imediata ao presente se desenvolve ela? (...)</p>	<p>duplicidade desse elemento misterioso.</p> <p>Mas, para não se obscurecer artificialmente um estudo de coisas claro em si, seja dito que a idade sumamente avançada de nossa história provém do fato de ela se desenrolar antes de determinada peripécia e de certo limite que abriram um sulco profundo na nossa vida e na nossa consciência... Desenrola-se ou – para evitarmos propositadamente qualquer forma de presente – desenrolou-se numa época transata, outrora, nos velhos tempos, naquele mundo de antes da Grande Guerra, cujo deflagrar marcou o começo de tantas coisas que ainda mal deixaram de começar. Passa-se, pois, antes desse período, se bem que não muito antes. No entanto, não será o caráter de antiguidade de uma história tanto mais profundo, perfeito e lendário, quanto mais próxima do presente ela se passar? (...)</p>	<p>ao carácter polémico e dúbio deste fenómeno misterioso e singular.</p> <p>Mas não obscureçamos com artifícios factos que são claros como a água: o elevado grau de antiguidade da nossa história assenta na particularidade de esta se desenrolar num tempo anterior a uma determinada viragem e ponto limítrofe que abriram uma profunda cesura na vida e na consciência... Desenrola-se, ou melhor, desenrolou-se ou desenrolava-se – para evitar deliberadamente o tempo presente – outrora, antigamente, em tempos que já lá vão, no mundo antes da Grande Guerra, essa guerra que deu origem a tantas outras coisas que mal saíram ainda do estado inicial. Desenrola-se, pois, antes dessa altura, se bem que não muito antes. Mas não será o carácter de antiguidade de uma história tanto mais profundo, perfeito e fabuloso quanto mais "recuada" no tempo ela se passar? (...)</p>
---	--	---	---

Tabela 1

Começando pelo *Vorsatz* (que pode ser traduzido tanto por *Prefácio/Prólogo* como por *Propósito, Proposta, Proposição* ou *Intenção*), o seu parágrafo inicial

(Tabela 1) aponta para a dependência que a narrativa guarda para com o tempo, como móvel da própria contação, e com a época específica da história. O primeiríssimo período — obra-prima estilística, toda feita em retardos efetuados por orações multiplamente encadeadas, pontuação expressiva e ênfases deslocadas —, ao introduzir diretamente o romance como a história singular de Hans Castorp, já opera no sentido de acomodar o leitor ao procedimento narrativo-psicológico que perdurará pelas próximas mil páginas: "a suspensão [*Aufhebung*] do tempo domina a ação desde o início do romance"⁵⁶. No entanto, não se limita o *Vorsatz* a ajustar o tempo de leitura: ele dá as bases para o entendimento do lugar sócio-histórico da narrativa, especialmente quando se tem em vista qual será o seu final (conforme a observação de Jean Paul acima). Vejamos por quê.

A história é caracterizada pelo narrador como historicamente marcada, não por ter se passado muito tempo antes do ato da narração, mas, pelo contrário, por estar muito próximo deste e, paradoxalmente, dele destoar. Essa vetustez sem correlação com o tempo físico, objetivo e independente da sensibilidade humana (as revoluções solares mencionadas no trecho) tem motivos pertinentes ao espírito e à consciência mais que a qualquer outra coisa. Não ficamos sabendo quando se passa a história, apenas que ela se passa "antes" da Grande Guerra, essa enorme cisão histórica. Fora isso, porém, o leitor percorre o vestíbulo do *Vorsatz* e adentra o romance sem saber muita coisa sobre sua duração, período, tema ou enredo — sabe apenas que a história pertence fundamentalmente ao passado.

Assim, o *Vorsatz* faz as vezes de uma sutil reflexão sobre o "Era uma vez" do conto de fadas, uma reflexão do narrador sobre a dimensão e as possibilidades da própria narrativa e sobre a significação substitutiva, isto é, simbólica do representado.⁵⁷ (KOOPMANN, 1971, p. 78)

Entretanto, com isso o leitor aprende o principal: o âmbito em que o restante se desenrolará só pode ser revelado quando não se o fixa com certeza; e só se pode

⁵⁶ "(...) *die Aufhebung der Zeit als Intention vom Beginn des Romans an das Geschehen beherrscht.*" (KOOPMANN, 1971, p. 76)

⁵⁷ "*So wirkt der Vorsatz wie eine subtile Reflexion über das 'Es war einmal' des Märchens, als Betrachtung des Erzählers über das Ausmaß und die Möglichkeit der eigenen Erzählung und über die stellvertretende, d. h. symbolische Bedeutung des Dargestellten.*"

aludir à "peculiar duplicidade" do tempo renunciando-se a informações cronológicas exatas. É apenas no fim do livro que confirmamos que tudo se passou em 1907–1914 — o narrador assim o quis, confundindo-nos e deixando-nos à deriva após mil páginas de "doença crônica" (vide Capítulo 4, mais adiante).

2.2 A caminho

Mann (1924) (p. 12)	Silveira (1943) (p. 12)	Caro (1952) (p. 10)	Encarnação (2009) (p. 14)
<p>(...) Der Raum, der sich drehend und fliehend zwischen ihn und seine Pflanzstätte wälzt, bewährt Kräfte, die man gewöhnlich der Zeit vorbehalten glaubt; von Stunde zu Stunde stellt er innere Veränderungen her, die den von ihr bewirkten sehr ähnlich sind, aber sie in gewisser Weise übertreffen. Gleich ihr erzeugt er Vergessen; er tut es aber, indem er die Person des Menschen aus ihren Beziehungen löst und ihn in einen freien und ursprünglichen Zustand versetzt – ja, selbst aus dem Pedanten und Pfahlbürger macht er im Handumdrehen etwas wie einen Vagabunden. Zeit, sagt man, ist Lethe; aber auch Fernluft ist so ein Trank, und sollte sie weniger gründlich wirken, so tut sie es dafür desto rascher.</p>	<p>(...) O espaço que, girando e fugindo, interpunha-se entre ele e seu ponto de partida, desenvolvia forças que se imaginam, comumente, reservadas ao tempo. De hora em hora, o espaço determina transformações interiores, muito semelhantes às provocadas pelo tempo, mas que, de algum modo, o sobrepassam.</p> <p>Assim como o tempo, provoca ele o esquecimento; mas fá-lo desprendendo a personalidade do homem de suas contingências, transportando-a para um estado de liberdade primitiva; pôde mesmo fazer do pedante, ou do burguês, de um golpe, uma espécie de vagabundo. O tempo, segundo se diz, é o Lethes. Mas o ar das distâncias é uma bebida semelhante, e, se seu efeito é menos radical, é, em compensação, muito</p>	<p>(...) O espaço que, girando e fugindo, se roja de permeio entre ele e seu lugar de origem, revela forças que geralmente se julgam privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda. Tal qual o tempo, o espaço gera o olvido; porém o faz, desligando o indivíduo das suas relações e pondo-o num estado livre, primitivo; chega até mesmo a transformar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de vagabundo. Diem que o tempo é como o rio Lete; mas também o ar de paragens longínquas representa uma poção semelhante, e seu efeito, conquanto menos radical, não deixa de ser mais rápido.</p>	<p>O espaço que se rodopia e esfuma entre o viandante e a sua terra natal contém uma força que geralmente julgamos ser mero privilégio do tempo. As transformações que vai operando pouco a pouco no nosso íntimo assemelham-se muito às do tempo, sendo-lhe, porém, em certo sentido, superiores. À imagem do tempo, também ele produz esquecimento, mas fá-lo libertando-nos das nossas obrigações, transpondo-nos para um estado original – até o pedante e o filisteu ele consegue transformar, num abrir e fechar de olhos, numa espécie de vagabundo. Compara-se frequentemente o tempo ao rio Letes, mas também o ar de paragens distantes actua como uma poção mágica e, se o seu efeito é menos profundo, não será decerto mais lento.</p>

	mais rápido.		
--	--------------	--	--

Tabela 2

Na primeira seção do Primeiro Capítulo, onde é apresentada a jornada de trem de Hans Castorp rumo à Suíça, algumas peculiaridades do trajeto apontam para importantes características do enredo posterior. Descreve-se uma viagem acidentada, tanto geográfica quanto logisticamente: diferentes topografias são percorridas, é preciso trocar de trem, o sentido (direcional) da viagem torna-se confuso por causa de marchas a ré e, antes de entrar no último trecho, plano, o trem precisa vencer uma subida íngreme e prolongada. Como natural em Thomas Mann, toda essa pormenorização realista (à primeira vista, banal) reveste-se de uma densa camada simbólica⁵⁸, importante para as nossas considerações posteriores sobre os diálogos de Hans e Joachim e a desorientação do protagonista quando ele finalmente conhece a esfera do Berghof. Em última instância, é também sobre o livro inteiro que esse princípio lança a sua sombra, pois pode ser interpretado como refletindo, em compressão extrema, o perfil maior da narrativa total:

Destarte, os prenúncios do primeiro capítulo guardam um peculiar paralelismo com o desenvolvimento da trama geral de *A montanha mágica*. Assim como a viagem de Castorp se complica cada vez mais, desacelera, para finalmente desembocar em uma partida abrupta, a ação de *A montanha mágica* também estagnar-se-á, se "dissipará". Ao mesmo tempo, ela também será relatada com cada vez mais vagar e em fôlegos mais amplos, os capítulos crescerão, e dessa maneira o tempo "aqui em cima" também estagnar-se-á, embora o tempo "lá embaixo" corra cada vez mais rápido, até o surpreendente desfecho ao qual o início da viagem já remetia.⁵⁹ (KOOPMANN, 1971, p. 105-6)

⁵⁸ "O relato da jornada é rico em conotações mitológicas e outras conotações simbólicas, dando a conhecer que não se trata tanto de uma viagem de um ponto no mapa a outro quanto de uma passagem para um outro domínio, perigoso e extraordinário." ("*The account of the journey is rich in mythological and other symbolic connotations, intimating that it is not so much a trip from one point on the map to another as a passage into a dangerous and extraordinary other realm.*"; BEDDOW, 2004, p. 141-2)

⁵⁹ "So stehen die Vorausdeutungen des ersten Kapitels in eigenartiger Parallelität zur Entwicklung des Gesamtgeschehens im 'Zauberberg'. So wie die Reise Castorps immer verwickelter wird, sich verlangsamt, um schließlich in eine abrupte Abreise überzugehen, so wird auch das Geschehen des 'Zauberbergs' sich verlangsamen, sich 'verzetteln'. Es wird zugleich immer langsamer, langatmiger berichtet werden, die Kapitel werden anwachsen, die Zeit wird auch auf diese Weise 'hier oben'

Subjetivamente, a subida da serra causa em Hans Castorp um princípio de desalojamento⁶⁰. O narrador introduz esse tópico tecendo uma consideração geral sobre os efeitos que o deslocamento físico opera sobre viajantes, descolando-os da sua vida ordinária (Tabela 2). No entanto, o termo de comparação é o distanciamento temporal, ficando sérias dúvidas quanto a qual das duas dimensões produtoras de esquecimento o narrador dá preeminência. Manobra típica da óptica dupla manniana⁶¹, "o pendor precoce de Thomas Mann de cuidadosamente encobrir o que é significativo, escondendo-o atrás de coisas mais acessórias"⁶², desponta exemplarmente nessa passagem. Assim, junto com uma explicitação do efeito psicológico da travessia de Castorp ressoa o tema subterrâneo da debilitação do compromisso do homem moderno para com as "exigências do dia" (tópico explorado mais a fundo na seção 2.6 abaixo e no Capítulo 4).

2.3 Novos conceitos

Mann (1924) (p. 15-16)	Silveira (1943) (p. 14-15)	Caro (1952) (p. 14-15)	Encarnação (2009) (p. 16-17)
"Du kommst doch gleich mit mir herunter? Ich sehe wirklich kein Hindernis."	– Poderás regressar comigo. Não vejo nenhuma objeção a fazer.	– Você vai regressar comigo, não é? Não vejo nada que o possa impedir.	– Voltas logo comigo lá para baixo, não voltas? Não vejo nenhuma razão que o impeça.
"Gleich mit dir?" (...) "Gleich wann?"	– Regressar contigo? (...) Contigo? Quando?	– Regressar com você? (...) Com você? Quando?	– Voltar logo contigo? (...) Logo quando?
"Na, in drei Wochen."	– Ora, dentro de três semanas.	– Ora, daqui a três semanas.	– Bem, daqui a três semanas.

stagnieren, obgleich sie 'dort unten' immer schneller fließen wird, bis zum überraschenden Abschluß, auf den bereits der Beginn der Reise verwies."

⁶⁰ A abertura *in media res* do capítulo contribui também para esse deslocamento, que se estende ao leitor.

⁶¹ Comentada em mais pormenores no Capítulo 3, início.

⁶² "(...) *die frühe Neigung Thomas Manns, das jeweils Bedeutsame sorgfältig zu verschleiern und hinter Nebensächlicherem zu verstecken.*" (KOOPMANN, 1971, p. 93)

<p>(...)</p> <p>"Nun, warte nur, du kommst ja eben erst an. Drei Wochen sind freilich fast nichts für uns hier oben, aber für dich, der du zu Besuch hier bist und überhaupt nur drei Wochen bleiben sollst, für dich ist es doch eine Menge Zeit. Erst akklimatisiere dich mal, das ist gar nicht so leicht, sollst du sehen. Und dann ist das Klima auch nicht das einzig Sonderbare bei uns. Du wirst hier mancherlei Neues sehen, paß auf. (...)</p> <p>[Comunica que ficará mais seis meses no sanatório]</p> <p>"Ein halbes Jahr? Du bist schon fast ein halbes Jahr hier! Man hat doch nicht so viel Zeit!"</p> <p>"Ja, Zeit", sagte Joachim und nickte mehrmals geradeaus, ohne sich um des Veters ehrliche Entrüstung zu kümmern. "Die springen hier um mit der menschlichen Zeit, das glaubst du gar nicht. Drei Wochen sind wie ein Tag vor Ihnen. Du wirst schon sehen. Du wirst das alles noch lernen", sagte er und setzte hinzu: "Man ändert hier seine Begriffe."</p>	<p>(...)</p> <p>– Espera um pouco. Mal acabas de chegar. Três semanas não são nada aqui, para nós; mas para ti que estás de visita e que não deves permanecer senão três semanas, para ti são, afinal de contas, um bom pedaço de tempo. Começa, primeira, a te aclimar. Não é tão fácil, logo perceberás. Além disso, o clima não é a única coisa estranha aqui. Verás novidades de toda espécie. (...)</p> <p>[Comunica que ficará mais seis meses no sanatório]</p> <p>– Seis meses? Mas já faz quase seis meses que te encontras aqui! Não se pode dispor de tanto tempo...</p> <p>– Oh! O Tempo! – exclamou Joachim, e moveu a cabeça várias vezes para a frente, sem preocupar-se com a indignação do primo.</p> <p>– Aqui se toma grande liberdade com o tempo das pessoas. Não podes nem fazer idéia. Três meses são, para elas, um dia. Logo verás. Ficarás sabendo disto tudo, – e acrescentou: – Aquí as opiniões se transformam.</p>	<p>(...)</p> <p>– Espere um pouco; mal acaba de chegar. Três semanas representam quase nada para nós aqui em cima, mas para você que vem de visita e tenciona demorar-se só três semanas, é uma porção de tempo. Trate de se aclimatar primeiro. Não tardará a notar que não é assim tão fácil. E o clima não é a única coisa estranha que existe aqui. Você encontrará muita coisa nova, sabe? (...)</p> <p>[Comunica que ficará mais seis meses no sanatório]</p> <p>– Seis meses? Mas já faz quase seis meses que você está aqui! Não se tem tanto tempo assim...</p> <p>– Pois é, o tempo... – disse Joachim, olhando para a frente e meneando a cabeça repetidas vezes, sem se preocupar com o sincero agastamento do primo. – Aqui não fazem muita cerimônia com o tempo da gente. Você não tem idéia. Três semanas são para eles como um dia, vai ver. Tudo isso se aprende e... – acrescentou – ... aqui se modificam todas as nossas concepções.</p>	<p>(...)</p> <p>– Espera algum tempo, acabaste de chegar. Para nós, aqui em cima, três semanas não é praticamente nada, mas para ti, que vens de visita, e apenas por três semanas, para ti deve ser imenso tempo. Adapta-te lá primeiro, o que não é assim tão fácil, como terás ocasião de perceber. E depois o clima não é a única particularidade deste sítio. Olha que te vais deparar aqui com coisas novas. (...)</p> <p>[Comunica que ficará mais seis meses no sanatório]</p> <p>– Seis meses? Mas se já cá estás há quase mio ano! Olha que não temos tanto tempo assim!</p> <p>– Pois é, tempo! – repetiu Joachim, assentindo com a cabeça, como que entregue aos seus próprios pensamentos, indiferente à indignação sincera do primo.</p> <p>– Podes não acreditar, mas o tempo das pessoas não interessa aqui para nada. Vais ver, para eles, três semanas são como um dia. Ainda irás aprender tudo isto – disse. E acrescentou:</p> <p>– Aqui, as coisas passam a ter outro sentido.</p>
---	--	---	--

Tabela 3

A chegada de Hans Castorp fere uma corda cômica, inicialmente. Seu destino final é Davos–Platz (uma das duas divisões antigas da localidade), mas na estação anterior, Davos–Dorf, Joachim já o apanha, pois é mais conveniente chegar ao sanatório de coche por ali. O diálogo pela janela do trem, para além de uma comédia de erros, aponta cifradamente para a entrada de Castorp em um mundo artificial, feito de aparências e com leis próprias ("— Mas eu ainda não cheguei — disse Hans Castorp, aparvalhado e ainda sentado. — Chegaste sim."⁶³). Essa chegada por Davos–Dorf é errada mesmo: o herói não chegou em lugar nenhum. O que se abriu é um intermédio na sua vida, um espaço de irresponsabilidade, como quem "já rodou de ano e não precisa mais fazer nada"⁶⁴.

Depois do desembarque, Hans Castorp logo percebe que existe outra noção de tempo além daquela da planície. Vendo Joachim bem-posto e corado, sugere que volte com ele dali a três semanas. É aí que Joachim lhe dá uma primeira preleção (Tabela 3) sobre a diferença profunda entre o viver da montanha e o da planície. (Mais além no livro, será Lodovico Settembrini que assumirá essa função de cicerone, pelos menos no que tange aos simbolismos; Joachim seguirá encarregado de aclimatar Hans Castorp aos aspectos materiais e comezinhos da nova esfera de vida).

No seu estilo militar e sintético, Joachim nos dá em poucas frases o essencial. Em primeiro lugar, deixa claro que o tempo "lá debaixo" é mais rico que o do sanatório: três semanas no plano significam algo, trazem consigo mudanças (mais sobre isso na seção 2.4, sobre a conversa no restaurante), possuem um peso específico e uma capacidade de conteúdo que não encontram par no mundo dos doentes. Entre estes, três semanas valem como um dia ou como qualquer massa indeterminada de tempo: lida-se com essa dimensão da existência com um

⁶³ "*Ich bin aber noch nicht da', sagte Hans Castorp verdutzt und noch immer sitzend.*

'Doch, du bist da. (...)' (MANN, 2017, p. 17)

⁶⁴ MANN, 2017, p. 114-5 (aqui, parafraseado).

desprendimento extremo que passa do limite da liberalidade e se perde na indiferença amorfa.

Também é apontado que a aclimatação de Castorp não se limitará à meteorologia, embora essa também tenha um papel alegórico (o ar da montanha é descrito como "fresco — e mais nada. Carecia de odor, de conteúdo, de umidade, entrava fácil e nada dizia à alma"⁶⁵). Nesse novo universo, todas as categorias foram reconfiguradas ("o clima não é a única coisa estranha aqui"); portanto, o ingresso na nova esfera implica, antes de tudo, uma quebra com os valores trazidos de fora. É todo um modo de vida que se impõe ao neófito, que deve se preparar para ver muita coisa nova e estranha. Igualmente, o novo ambiente, depois de desestabilizar o entrante, demandará uma redefinição de conceitos: Hans Castorp, como um segundo Dante⁶⁶, acaba de entrar em uma esfera bem diversa da anterior, exigindo novos parâmetros de vivência e compreensão. A desorientação é só o primeiro patamar. Mais tarde, o protagonista se adapta às medidas dilatadas da montanha. Em uma estação crucial do seu devir (o resfriado que o leva ao exame médico, que por sua vez constata que ele tem sinais de tísica no pulmão, efetuando a ligação necessária entre seu passado de devoção à morte e o ambiente mórbido do sanatório) que define o seu futuro (também votado à morte, como ficamos sabendo ao fim do livro), ele precisará guardar leito por outras três semanas⁶⁷ e experimentará uma fatia de eternidade⁶⁸, breve mas suficiente para sua inclinação natural à acronia.

⁶⁵ "(...) *frisch — und nichts weiter. Sie entbehrte des Duftes, des Inhaltes, der Feuchtigkeit, sie ging leicht ein und sagte der Seele nichts.*" (MANN, 2017, p. 18)

⁶⁶ Settembrini prefere falar em "Odisseu no reino das sombras" ("*Odysseus im Schattenreich*"; MANN, 2017, p. 83).

⁶⁷ MANN, 2017, p. 255 ss.

⁶⁸ Título da seção: *Sopa sempiterna e súbita clareza (Ewigkeitssuppe und plötzliche Klarheit).*

2.4 O presente estagnado

Mann (1924) (p. 26-8)	Silveira (1943) (p. 22-3)	Caro (1952) (p. 24-6)	Encarnação (2009) (p. 25-7)
<p>"Ja, es ist brillant, daß du gekommen bist!", sagte er, und seine gemächliche Stimme war bewegt. "Ich kann wohl sagen, es ist für mich geradezu ein Ereignis. Das ist doch einmal eine Abwechslung, – ich meine, es ist ein Einschnitt, eine Gliederung in dem ewigen, grenzenlosen Einerlei..."</p>	<p>– Sim, é magnífico teres vindo, – disse, e sua voz tranquila revelava emoção –. É uma verdadeira festa para mim, uma variação, uma espécie de parada, de hiato nessa monotonia eterna e infinita...</p> <p>– Mas o tempo deve passar para todos aqui com certa pressa, – disse Hans Castop.</p>	<p>– Sim, senhor, você veio mesmo a calhar – disse ele, e sua voz pausava revelava emoção. – Posso lhe afirmar que para mim a sua chegada é um grande acontecimento. É pelo menos uma variação... Quero dizer que ela representa um marco, uma subdivisão, nesta eterna e infinita monotonia...</p>	<p>– É, de facto, fabuloso que estejas aqui! – disse, emocionado, com a sua voz serena. – Posso mesmo afirmar que, para mim, se trata de um acontecimento. É, pelo menos, uma mudança, quero dizer, um corte, uma cesura na eterna e incomensurável monotonia...</p>
<p>"Aber die Zeit muß euch eigentlich schnell hier vergehen", meinte Hans Castorp.</p>	<p>– Depressa ou devagar, como quiseres – respondeu Joachim –. Propriamente, não passa de modo nenhum. Aquí não há tempo, nem há vida – acrescentou</p>	<p>– Mas o tempo deve passar depressa para vocês aqui – opinou Hans Castorp.</p>	<p>– Mas o tempo deve passar depressa aqui em cima – alvitrou Hans Castorp.</p>
<p>"Schnell und langsam, wie du nun willst", antwortete Joachim. "Sie vergeht überhaupt nicht, will ich dir sagen, es ist gar keine Zeit, und es ist auch kein Leben, – nein, das ist es nicht", sagte er kopfschüttelnd und griff wieder zum Glase.</p>	<p>movendo a cabeça, e levantou o copo.</p> <p>[Falam sobre os progressos na sua terra natal e amenidades do sanatório]</p>	<p>– Depressa ou devagar, como quiser – responder Joachim. – Propriamente não passa de modo algum; sabe? Aquí não há tempo nem vida; não senhora, não há nada disso – acrescentou meneando a cabeça. E novamente levantou a taça.</p>	<p>– Depressa ou devagar, puedes escolher – replicou Joachim. – Simplesmente não passa, acredita no que te digo, o tempo é coisa que deixou de existir, assim como a vida – tão simples como isto –, afirmou, abanando a cabeça e bebendo um pouco mais.</p>
<p>[Falam sobre os progressos na sua terra natal e amenidades do sanatório]</p>	<p>Contudo, Joachim entristecia-se e pensava na sua infelicidade.</p>	<p>[Falam sobre os progressos na sua terra natal e amenidades do sanatório]</p>	<p>[Falam sobre os progressos na sua terra natal e amenidades do sanatório]</p>
<p>Zwischendurch betrückte Joachim sich und gedachte seines Loses.</p>	<p>– Sim, estamos sentados aqui e nos rimos, – disse com uma expressão dolorosa, ainda interrompido pelas emoções do diafragma – e todavia não posso prever, nem</p>	<p>– Pois é, aqui estamos e nos divertimos – disse com uma expressão dolorosa, ainda interrompido, de vez em vez, pelas trepidações de seu diafragma – e no entanto não posso</p>	<p>– Pois é, aqui estamos nós sentados a rir – disse, o rosto amargurado e a voz por vezes entrecortada pelo estremecimento do diafragma – sem eu fazer, no entanto, a mínima ideia de</p>
<p>"Ja, da sitzen wir nun und lachen", sagte er mit schmerzdem Gesicht und zuweilen</p>	<p>aproximadamente, quando poderei ir-</p>	<p>entanto não posso</p>	<p>entanto não posso</p>

<p>von den Erschütterungen seines Zwerchfelles unterbrochen; "und dabei ist gar nicht abzusehen, wann ich hier wegkomme, denn wenn Behrens sagt: noch ein halbes Jahr, dann ist es knapp gerechnet, man muß sich auf mehr gefaßt machen. Aber es ist doch hart, sage mal selbst, ob es nicht traurig für mich ist. Da war ich nun schon genommen, und im nächsten Monat könnte ich meine Offiziersprüfung machen. Und nun lungere ich hier herum mit dem Thermometer im Mund und zähle die Schnitzer von dieser ungebildeten Frau Stöhr und versäume die Zeit. Ein Jahr spielt solch eine Rolle in unserem Alter, es bringt im Leben unten so viele Veränderungen und Fortschritte mit sich. Und ich muß hier stagnieren wie ein Wasserloch, – ja, ganz wie ein fauliger Tumpel, es ist gar kein zu krasser Vergleich..."</p> <p>Sonderbarerweise antwortete Hans Castorp hierauf nur mit der Frage, ob man hier eigentlich Porter bekommen könne, und als sein Vetter ihn etwas erstaunt betrachtete, sah er, daß jener im Einschlaf begriffen war, – eigentlich schlief er schon.</p>	<p>me. Quando Behrens diz: "Ainda seis meses", é certo que se deve esperar ainda muito mais tempo. Compreendes o quanto isso é triste e duro para mim. Já estava matriculado e no mês seguinte devia apresentar-me para os exames de oficial. E agora languideço aqui, com o termómetro na boca, contando as bobagens dessa estúpida senhora Stöhr e esbanjando o tempo. Um ano tem tanta importância em nossa idade, provoca tanta mudança e tantos progressos lá embaixo! E é preciso que eu aqui fique, como num lodaçal, como dentro de uma fossa apodrecida. A comparação não é exagerada...</p> <p>Coisa estranha: em resposta a essas palavras, Hans Castorp perguntou se não havia um jeito de beber <i>porter</i>. Joachim olhou-o com uma expressão de surpresa e percebeu que seu primo estava a ponto de dormir, se já não cochilava.</p> <p>– Dormes! – disse Joachim. – Vamos, está na hora de irmos para a cama.</p> <p>– Não, não está na hora, de maneira alguma, – disse Hans Castorp, com a língua pastosa.</p> <p>[...]</p>	<p>prever, nem de longe, quando poderei sair daqui. Pois, quando o Behrens me diz: "Mais meio ano", sei que preciso preparar-me para um prazo maior. É bem duro isso. Você deve compreender como é triste para mim. Já me haviam aceitado no exército, e no mês que vem poderia fazer exames para oficial. Agora vivo aqui vadiando, com o termómetro na boca, conto os erros dessa ignorantona da sra. Stöhr e perco meu tempo. Um ano tem tanta importância na nossa idade, traz tantas alterações e tantos progressos na vida lá de baixo! E eu obrigado a estagnar aqui como uma poça d'água, sim senhor, como um charco apodrecido. Não há exagero nenhum nessa comparação...</p> <p>Ao invés de responder, Hans Castorp limitou-se a perguntar se havia um jeito de se obter <i>porter</i> nesse sanatório. O primo olhou-o com certa surpresa e verificou que estava a ponto de adormecer ou até já cochilava.</p> <p>– Mas você está com sono! – disse Joachim. – Vamos, está na hora da gente ir para a cama.</p> <p>– Não! Não está na hora – disse Hans Castorp com a língua trôpega.</p>	<p>quando é que poderei sair daqui. Quando o Behrens fala em seis meses, há que contar sempre com mais, a estimativa é feita por alto. Mas custa muito, diz lá tu se não é de uma pessoa ficar triste. Já me tinham apurado e ia fazer o exame para oficial no mês que vem. E o que sucede em vez disso? Por aqui ando às voltas, de termómetro na boca, desperdiçando o meu tempo e colecionando os disparates desse ser inculto, a senhora Stöhr. É que um ano faz muita diferença na nossa idade, repara só na mudança e evolução que pode produzir na vida lá em baixo! E aqui estou em estagnação como as águas de um charco – sim, como as águas pútridas de um lamaçal, a comparação não é exagerada de todo...</p> <p>A única reacção de Hans Castorp a estas palavras foi, curiosamente, tentar saber se havia <i>porter</i> no sanatório. Quando o primo, espantado, olhou para ele, percebeu que Hans Castorp estava prestes a adormecer – já fechara, na realidade, os olhos.</p> <p>– Mas já estás a dormir! – admirou-se Joachim. – Anda, são horas de ir para a cama, para nós os</p>
---	---	--	--

<p>"Aber du schläfst ja!, sagte Joachim. "Komm, es ist Zeit, zu Bett zu gehen, für uns beide."</p> <p>"Es ist überhaupt keine Zeit", sagte Hans Castorp mit schwerer Zunge. (...)</p>	<p>[...]</p>	<p>[...]</p>	<p>dois.</p> <p>– Não são nada horas – replicou Hans Castorp a custo.</p> <p>[...]</p>
---	--------------	--------------	--

Tabela 4

É no diálogo à mesa de jantar, no restaurante do Berghof, que os personagens nos fornecem pistas mais claras quanto ao estado de espírito que nos interessa e que será desenvolvido na segunda parte desta dissertação. Joachim começa manifestando sua satisfação em gozar agora da companhia do primo, cuja chegada representa uma quebra na monotonia em que se encontra. A essa observação contrapõe Hans Castorp que o tempo para os internos deve passar depressa, haja visto sua situação de quase férias. A isto responde Joachim com uma consideração crucial: o tempo não "passa" propriamente na montanha mágica, ele é indiferente. Não há tempo, assim como não há vida de verdade no Berghof. Um pouco adiante, Joachim compara sua situação com uma poça d'água estagnada, um charco em decomposição. Em face da agitada vida da esfera pública, dos negócios, do trabalho e das conquistas tecnológicas (os primos recém conversaram sobre importantes obras públicas na Hamburgo natal – a regularização do rio Elba), a juventude doente do Berghof dissipa sua vida, precisamente em uma época que costuma trazer tanta variedade e mudança, e que desempenha um papel único em relação aos demais estágios vitais. Alheios aos importantes atos profissionais, sociais, familiares, políticos, científicos etc. que lhes caberiam, os Joachim (e, muito em breve, os Hans Castorp) vagam como espectros vadios pelo ambiente frívolo e descompromissado do sanatório, prodigalizando um tempo precioso.

Em resposta ao comentário amargo do primo, Castorp tem uma reação que, antes da leitura do Segundo Capítulo, parece desconexa: pergunta se no sanatório é possível obter *porter*, a pesada cerveja inglesa que o médico da família lhe receitou na infância para combater uma tendência anêmica (a mesma que o

conselheiro Behrens detectará na primeira vez que falar com Castorp, apontando para sua saúde debilitada⁶⁹) e que Castorp manteve como "hábito calmante" mesmo depois de crescido⁷⁰. Para o dr. Heidekind, essa bebida substanciosa "sossegava apreciavelmente os espíritos vitais de Hans Castorp, revertendo em benefício do seu pendor a 'dormitar' (...), isto é, devanear de boca flácida e sem pensamentos fixos"⁷¹. Conhecemos essa pose: representa o ponto máximo da inatividade em Castorp, atingido quando ele se subtrai às solicitações do entorno e se deixa perder no gozo schopenhaueriano da música ou na veneração quase religiosa de tudo que é antigo, formalizado, tradicional (ver seção 2.5 adiante).

Joachim, que nem poderia fazer a associação correta, mira-o com espanto e constata que Hans Castorp está adormecendo – na verdade, já dorme. Chamando-o para irem ambos embora, pois é hora de ir para a cama, Joachim recebe de Hans Castorp outra réplica aparentemente incidental, mas cheia de sentido: "Não é hora de nada"⁷² ("*Es ist überhaupt keine Zeit*", no original; literalmente, "Não é tempo nenhum"). O herói ainda está nas suas primeiras horas de Berghof, mas já caiu presa do seu feitiço (ao qual é receptivo porque carrega em si o germen da tuberculose, símbolo da doença crônica que desenvolveremos): renega o tempo, que é "o elemento da vida"⁷³, porque se entrega ao suave torpor da doença e da morte.

Arrisquemos aqui uma interpretação que integre os elementos superficialmente díspares da reação de Hans Castorp à confissão de Joachim. Ao lembrete de que à juventude cabe um papel de agência sobre o mundo, chamando a si incumbências e responsabilidades que mais tarde reverterão em benefício próprio e dos seus contemporâneos (por exemplo, a nivelção do Elba, efetuada por engenheiros como Hans Castorp), o herói, que já não possui em si a fortitude para

⁶⁹ MANN, 2017, p. 69.

⁷⁰ MANN, 2017, p. 53.

⁷¹ "*Hans Castorps Lebensgeister auf eine ihm schätzenswerte Weise besänftigte, seiner Neigung, zu 'dösen', (...) nämlich mit schlaffem Munde und ohne einen festen Gedanken ins Leere zu träumen, wohltuend Vorschub leistete.*" (MANN, 2017, p. 46.)

⁷² MANN, 2017, p. 28.

⁷³ "*das Element des Lebens*" (MANN, 2017, p. 741).

esforços além do mínimo necessário (ver seção 2.6), instintivamente recorre ao sono e ao "calmante" que lhe "sossega os espíritos vitais". A essa díade soma-se a negação do tempo, a negação de que, sim, é tempo de realizar coisas — coisas que cabem ao *Bürger* instruído e com o futuro à sua frente (ver Capítulo 3). Hans Castorp, esse "dorminhoco"⁷⁴ fruto das decepções acumuladas de uma certa classe e época (e, como argumentaremos na segunda parte, de uma cultura/país específico), não destoa do seu meio. Ele é um "filho enfermiço da vida" (*das Sorgenkind des Lebens*), no dizer de Settembrini, e a sua enfermidade é essa incapacidade de se desprender de uma vida meramente contemplativa e passar a uma vida ativa.

2.5 Passado e antepassados

Mann (1924) (p. 36-8)	Silveira (1943) (p. 28-30)	Caro (1952) (p. 34-5)	Encarnação (2009) (p. 34-5)
[...] Der Name des Vaters war da, der des Großvaters selbst und der des Urgroßvaters, und dann verdoppelte, verdreifachte und vervierfachte sich die Vorsilbe "Ur" im Munde des Erklärers, und der Junge lauschte seitwärts geneigten Kopfes, mit nachdenklich oder auch gedankenlos-träumerisch sich festsehenden Augen und andächtig-schläfrigem Munde auf das Ur-Ur-Ur-Ur, – diesen dunklen Laut der Gruft und der Zeitverschüttung, welcher dennoch zugleich einen fromm gewahrten Zusammenhang	(...) O nome de seu pai ali estava, assim como o de seu avô, do bisavô, e depois dobrava-se, triplicava-se, quadruplicava-se o prefixo na boca do narrador. O jovenzinho, com a cabeça inclinada para um lado, ouvia, com olhos pensativos e os lábios apertados aquele "bis, bis, bis", aquele obscuro ruído de tumba e de outros tempos, que expressavam, contudo, uma relação piedosamente mantida com o presente, com sua própria vida. Aquele passado já há tanto enterrado, produzia-lhe uma estranha	(...) Estava ali o nome do pai, assim como o do próprio avô, o do bisavô, e depois se dobrava, triplicava, quadruplicava o prefixo na boca do narrador. O menino, com a cabeça inclinada para o lado, ouvia tudo isso, cravando na bacia um olhar pensativo, sonhador ou abstrato, e abrindo a boca infantil, numa expressão entre respeitosa e sonolenta; ouvia esses "bis, tris, tetra", sons obscuros de tumba e de tempos soterrados, que todavia expressavam uma ligação piedosamente	(...) Lá estava o nome do pai, do avô também e do bisavô, e depois eram os prefixos que se iam complicando na boca do professor, o menino à escura, de cabeça inclinada para o lado, os olhos pensativos fixos no infinito, perdidos em pensamentos ou em sonhos, os lábios entre a devoção e a dormência, seguindo o bi- e o tri- e o tetra- – aqueles sons obscuros vindos das catacumbas e do fim dos tempos, mas que simbolizavam também uma aliança religiosamente preservada entre o tempo presente, a sua própria vida e o

⁷⁴ "Siebenschläfer" (MANN, 2017, p. 975).

<p>zwischen der Gegenwart, seinem eigenen Leben und dem tief Versunkenen ausdrückte und ganz eigentümlich auf ihn einwirkte: nämlich so, wie es auf seinem Gesichte sich ausdrückten. Er meinte modrig-kühle Luft, die Luft der Katahrinenkirche oder der Michaeliskrypte zu atmen bei diesem Laut, den Anhauch von Orten zu spüren, an denen man, den Hut in der Hand, in eine gewisse, ehrerbietig vorwärts wiegende Gangart ohne Benutzung der Stiefelabsätze verfällt; auch die abgeschieden, gefriedete Stille solcher hallender Orte glaubte er zu hören; geistliche Empfindungen mischten sich mit denen des Todes und der Geschichte beim Klang jener dumpfen Silbe, und dies alles mutete den Knaben irgendwie wohlthuend an, ja, es mochte wohl sein, daß er um des Lautes willen, um ihn zu hören und nachzusprechen, gebeten hatten, die Taufschale wieder einmal betrachten zu dürfen.</p> <p>[...]</p> <p>Der Kleine blickte empor auf des Großvaters schmales Greisenhaupt, das eben wieder über die Schale geneigt war, wie zu der längst</p>	<p>impressão, manifestada em seu rosto. Parecia-lhe sentir o odor úmido de coisas guardadas, o ar da igreja de Santa Catarina ou o da cripta de São Miguel.. Ao ouvi aquele som, tinha a impressão de estar sentindo o sopro daqueles lugares que convidam a atitudes recolhidas e devotas, a andar com o chapéu na mão, nas pontas dos pés. Tinha, também, a impressão de estar ouvindo o silêncio longínquo e misteriosos desses lugares sonoros; sensações devotas misturavam-se, ao som das sílabas surdas, a pensamentos sobre a morte e a história. Tudo isto parecia ao pequeno uma coisa sumamente benéfica. Sim, talvez pedisse para ver a bacia, por amor a essas sílabas, para poder ouvi-las e repeti-las.</p> <p>[...]</p> <p>O pequeno levantava os olhos até o delgado rosto do ancião, que se inclinava novamente sobre a bacia, como estivera no momento, já tão longínquo a que se referia afora. Apoderou-se, então, do menino, a mesma impressão já experimentada outras vezes; aquela estranha impressão, um tanto angustiosa, meio sonhadora, de imobilidade movel, de</p>	<p>mantida entre o presente – a sua própria vida – e aquele mundo submerso. Esses sons exerciam sobre ele um efeito esquisito, que se refletia no seu rosto. Ao ouvi-los, tinha a impressão de respirar um ar frio, bolorento, o ar da igreja de Santa Catarina ou da cripta de São Miguel; parecia-lhe sentir o sopro daqueles lugares onde as pessoas tiram os chapéus e avançam num andar reverente, cadenciado, na ponta dos pés; julgava ouvir até mesmo o silêncio remoto, pacato, desses lugares ecoantes; sensações devotas mesclavam-se com a idéia da morte e da história, ao som dessas sílabas surdas, e tudo isso impressionava o garoto simpaticamente; quem sabe se não era para ouvi-las e repeti-las mais uma vez, que ele gostava tanto de contemplar a pia batismal?</p> <p>[...]</p> <p>O pequeno levantava os olhos para a fina e comprida cabeça do ancião, que voltava a inclinar-se para a bacia, como fizera naquele momento já longínquo a que se referia. E se apoderava do menino uma sensação já muitas vezes experimentada, a impressão estranha,</p>	<p>que desaparecera para sempre, exercendo um efeito muito particular sobre si mesmo: aquele que estava espelhado no seu rosto. Era como se respirasse um ar húmido e bafiento, o ar da igreja de Santa Catarina ou da cripta de São Miguel, era como se sentisse a atura dos lugares em que se entra de chapéu na mão, o corpo suspenso e os passos silentes, numa atitude de veneração, julgando até escutar o silêncio e a paz sepulcral que ressoam nesses lugares. E eram sentimentos religiosos que se misturavam com o sentimento da morte e da História à medida que ouvia aquelas sílabas lúgubres. Mas, por alguma razão, tudo isso lhe transmitia uma sensação de prazer, sim, era bem possível que o seu desejo de rever a pia baptismal nada mais fosse que um mero pretexto para escutar aqueles sons e voltar a repeti-los.</p> <p>[...]</p> <p>O menino erguia os olhos para o avô e observava a cabeça franzina do ancião, de novo inclinada sobre a taça, como naquela época remota em que a narrativa se desenrolara, e uma sensação que já lhe era familiar voltava a</p>
---	--	---	---

<p>verflossenen Stunde, von der er erzählte, und ein schon erprobtes Gefühl kam ihn an, die sonderbare, halb träumerische, halb beängstigende Empfindung eines zugleich Ziehenden und Stehenden, eines wechselnden Bleibens, das Wiederkehr und schwindelige Einerleiheit war – eine Empfindung, die ihm von früheren Gelegenheiten her bekannt war, und von der wieder berührt zu werden er erwartet und gewünscht hatte: sie war es zum Teil, um derentwillen ihm die Vorzeigung des stehend wandernden Erbstücks angelegen gewesen war.</p>	<p>transformações permanentes, de reiteração e de uma monotonia que causava vertigem; impressão que já sentira em outras circunstâncias e cuja repetição esperara e desejava. Era, em parte, pelo prazer que lhe causava essa estranha impressão, que pedia lhe mostrassem o objeto da família, o objeto ao mesmo tempo movente e imutável.</p>	<p>entre sonhadora e angustiante, de algo que desfilava sem se mover, que se mudava e contudo permanecia, algo que era reiteração tanto como vertiginosa monotonia – impressão que ele conhecia de outras ocasiões, e cuja volta esperara e desejava. Era em parte pelo prazer de senti-la mais uma vez que pedia ao avô que lhe mostrasse a relíquia da família, na sua imutável progressão.</p>	<p>percorrer o seu corpo, aquele estranho sentimento, meio onírico, meio angustiante, de algo que se dilui e ao mesmo tempo permanece, um devir estável, uniformidade vertiginosa e simultâneo retorno – uma sensação que conhecia de outras ocasiões e pela qual ansiava e desejava ser de novo tocado: era ela, em parte, a razão de ser do seu interesse por aquele objecto herdado de geração em geração, em fluxo remanescente.</p>
--	---	---	--

Tabela 5

Nessa passagem do Segundo Capítulo, que se ocupa da vida pregressa do protagonista, descreve-se o efeito que tem sobre o menino Hans Castorp um evento recorrente ao qual ele mesmo dá ensejo: o avô Hans Lorenz Castorp, homem conservador e ultrapassado já em seu tempo⁷⁵, mostra-lhe um conjunto velhíssimo de bacia e prato que serviu para batizar várias gerações de homens da família, cujos nomes estão gravados em uma das peças. Hans Castorp, nesse período breve em que mora com o avô na Esplanade, já é órfão de pai e mãe. Sua ascendência direta se extinguirá logo depois, quando o avô falecer (mais adiante na mesma seção), ficando o jovem aos cuidados de um tio-avô do lado materno, o cônsul Tienappel.

⁷⁵ Cf. MANN, 2017, p. 38.

No rito do neto e do avô em torno da bacia batismal, Hans Castorp contempla o objeto com uma veneração mística, embalado pela sílaba "Ur"⁷⁶ repetida pelo avô na enumeração dos antepassados. Antes de tudo, é relevante interpretarmos a postura física de Castorp durante o seu transe: a cabeça caída de lado, os olhos perdidos em devaneio e a boca entreaberta. Essa é precisamente a pose que o herói inconscientemente assume ao longo de *A montanha mágica* sempre que ouve música. Essa arte, que Castorp ama profundamente, possui um perigoso efeito colateral, segundo Settembrini: quando não serve para "despertar o tempo, despertar em nós o mais primoroso gozo do tempo"⁷⁷, ela pode "entorpecer, adormecer, tolher a atividade e o progresso"⁷⁸, tendo o mesmo efeito de uma droga: "O opiáceo é do capeta, pois ele engendra torpor, conservação, inatividade, inércia servil..."⁷⁹. É nesse sentido que a música pode ser declarada "politicamente suspeita"⁸⁰.

A conjuração do passado realizada pelo avô, porém, é uma faca de dois gumes. Ao mesmo tempo que é evocado um mundo de morte ("sentimentos religiosos misturavam-se aos de morte e de história ao som da sílaba surda"⁸¹), o rito desperta no menino um sentimento de pertença ("simultaneamente exprimia uma conexão piedosamente preservada entre o presente, a sua própria vida e priscas eras"⁸²) que o estabiliza temporal e existencialmente. No contexto do fraco apego de Hans Castorp ao momento presente, para não falar na ausência de planos e expectativas quanto ao futuro, sua ânsia infantil de reencenar a tradição através da contemplação dos bens de família configura uma tentativa desesperada de se agarrar a algo durante seu gradual afundamento na acronicidade letárgica. Essa

⁷⁶ Prefixo compositivo que denota "originário, primevo, antiquíssimo" e está presente em *Urgroßvater* ("bisavô"), sendo repetido a partir daí a cada grau superior de parentesco: *Urugroßvater* ("trisavô"); *Uruurgroßvater* ("tataravô") etc.

⁷⁷ "(...) *weckt die Zeit, sie weckt uns zum feinsten Genusse der Zeit (...)*" (MANN, 2017, p. 160).

⁷⁸ "(...) *betäubt, einschläfert, der Aktivität und dem Fortschritt entgegenarbeitet (...)*" (MANN, *ibidem*).

⁷⁹ "*Das Opiat ist vom Teufel, denn es schafft Dumpfsinn, Beharrung, Untätigkeit, knechtischen Stillstand...*" (MANN, *ibidem*)

⁸⁰ "*politisch verdächtig*" (MANN, *ibidem*).

⁸¹ MANN, 2017, p. 36.

⁸² MANN, *ibidem*.

"conexão piedosamente preservada" constitui o amuleto do pequeno Hans contra sua fraqueza temporal inata, pois dá a ilusão de o inserir firmemente em uma estirpe "antig[a] e bo[a]"⁸³, amplamente respeitada na terra natal e tendo originado cidadãos importantes e devotados ao bem comum⁸⁴.

Contudo, é uma estabilidade precária e opressiva. A sensação é, afinal, a de uma embriaguez ("o sentimento particular, meio onírico, meio agonizante de estar ao mesmo tempo em movimento e parado, uma permanência cambiante que era retorno e vertiginosa mesmice"). O pendor de Hans Castorp ao esvaziamento do tempo, em fantasias amorfas⁸⁵, é mais forte que essa proba genealogia. Sob o eterno retorno do *Ur-Ur-Ur*, essa "sílabas obscura de cripta e de coisa soterrada pelo tempo"⁸⁶, o herói submerge mais ainda na sua subjetividade.

2.6 Um herói do seu tempo

Mann (1924) (p. 49-53)	Silveira (1943) (p. 37-40)	Caro (1952) (p. 47-51)	Encarnação (2009) (p. 44-8)
Man sieht, daß wir darauf denken, alles zu sagen, was für ihn einnehmen kann, aber wir beurteilen ihn ohne Überschwang und machen ihn weder	Conforme se vê, procuramos apontar tudo quanto possa prevenir o espírito do leitor a favor de Hans Castorp; mas julgamo-lo sem exagero e não o	Como se vê, empenhamo-nos em anotar tudo quanto possa prevenir o espírito do leitor a favor de Hans Castorp. Mas julgamo-lo sem	Como se depreende, é nossa intenção narrar tudo o que possa influenciar favoravelmente o leitor a respeito de Hans Castorp, pesar de não pretendermos

⁸³ "alt und gut" (MANN, 2017, p. 54).

⁸⁴ Nisso aparentados à linhagem paterna de Aschenbach, de *A morte em Veneza* (cf. MANN, 2008, p. 508).

⁸⁵ Na segunda metade do romance, esse sonhar acordado de Hans Castorp é batizado de *regieren* (reger, governar, reinar, dirigir) (MANN, 2017, p. 536 ss.).

⁸⁶ MANN, 2017, p. 36. Uma redação semelhante é utilizada em uma passagem importante das *Considerações de um apolítico*: "Se herdei de Schopenhauer o moralismo — uma palavra popular para a mesma coisa é 'pessimismo' — da minha disposição fundamental de espírito, aquela disposição de 'cruz, morte e cripta', que já se distingue nos meus primeiros experimentos: esse 'ar ético', nas palavras de Nietzsche, também se encontra em Wagner; é completamente nesse ar que está sediada sua obra gigantesca, e eu poderia invocar a sua influência com igual direito". ("*Wenn ich von Schopenhauer den Moralismus — ein populäres Wort für dieselbe Sache lautet 'Pessimismus' — meiner seelischen Grundstimmung habe, jene Stimmung von 'Kreuz, Tod und Gruft', die schon in meinen ersten Versuchen hervortrat: so findet sich diese 'ethische Luft', um mit Nietzsche zu reden, auch bei Wagner; in ihr steht ganz und gar sein riesenhaftes Werk, und ebenso gut auf seinen Einfluß könnte ich mich berufen.*"; MANN, 2013, p. 87)

<p>besser noch schlechter, als er war. Hans Castorp war weder ein Genie noch ein Dummkopf, und wenn wir das Wort "mittelmäßig" zu seiner Kennzeichnung vermeiden, so geschieht es aus Gründen, die nicht mit seiner Intelligenz und kaum etwas mit seiner schlichten Person überhaupt zu tun haben, nämlich aus Achtung vor seinem Schicksal, dem wir eine gewisse überpersönliche Bedeutung zuzuschreiben geneigt sind. Sein Kopf genügte den Anforderungen des Realgymnasiums, ohne sich überanstrengen zu müssen, – aber dies zu tun, wäre er auch ganz bestimmt unter keinen Umständen und um keines Gegenstandes willen geneigt gewesen: weniger aus Furcht, sich weh zu tun, als weil er unbedingt keinen Grund dazu sah oder, richtiger gesagt: k e i n e n u n b e d i n g t e n Grund; und eben darum vielleicht mögen wir ihn nicht mittelmäßig nennen, weil er das Fehlen solcher Gründe auf irgendeine Weise empfand.</p> <p>Der Mensch lebt nicht nur sein persönliches Leben als Einzelwesen, sondern, bewußt oder unbewußt, auch das seiner Epoche</p>	<p>fazemos nem melhor nem pior do que era. Hans Castorp não era nem um gênio, nem um imbecil e se evitamos, para caracterizá-lo, a palavra "mediano", é por uma série de razões que nada têm a ver com sua inteligência, nem com sua pessoa modesta, mas sim devido ao seu destino ao qual nos sentimos inclinados a concede certa importância, mais que individual. Seu cérebro correspondia às exigências do Liceu, secção de ciências, sem que ele tivesse necessidade de realizar um esforço além do que costumava dispensar a qualquer circunstância ou objeto, – menos por motivo de não se prejudicar, como por não ver razão nenhuma para resolver-se a esse super-esforço, ou mais exatamente, por não ver nenhuma razão absoluta; é precisamente por isto que não o chamamos vulgar, pois não dava a mínima importância às razões vulgares.</p> <p>O homem não vive apenas sua vida individual, pois também, consciente ou inconscientemente, participa da vida da época e dos contemporâneos. Embora inclinado a considerar as bases naturais – e não se pensa exercer sobre elas nenhuma crítica,</p>	<p>exagero, e não o apresentamos nem melhor nem pior do que era. Hans Castorp não era um gênio nem um imbecil, e a razão de evitarmos, para sua qualificação, o termo "mediocre", reside em circunstâncias que nada têm que ver com sua inteligência e quase nada com a sua singela personalidade; fazemo-lo devido ao respeito que temos pelo seu destino, ao qual nos sentimos inclinados a atribuir certa significação ultra-individual. Seu cérebro satisfazia as exigências do curso científico do colégio, sem que tivesse de recorrer a excessivos esforços – que decerto não teria realizado em nenhuma ocasião e por nenhum objetivo; menos por medo de se prejudicar do que por não ver nenhum motivo para empreendê-los; ou melhor: por não ver nenhum motivo absoluto. É precisamente por isso que não o chamamos de medíocre, já que ele, percebia, desta ou daquela forma, a ausência de tais motivos.</p> <p>O homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconscientemente participa também da vida de sua época e dos seus</p>	<p>incorrer em exageros, nem apresentá-lo melhor ou pior do que ele, de facto, era. Hans Castorp não era nem um gênio nem um idiota, e se evitamos o termo "mediano" na sua caracterização não é, de modo algum, por razões que se prendem com a sua inteligência ou com a simplicidade da sua pessoa, mas sim por respeito para com o seu destino, que, assim nos julgamos inclinados a acreditar, comporta um determinado sentido sobre-individual. As suas faculdades eram suficientes para cumprir as exigências colocadas pela escola industrial, sem que para isso se tivesse de esforçar demasiado – o que também não teria feito, em circunstância alguma ou por que motivo fosse: não tanto por receio de se melindrar, mas por não encontrar, em absoluta, razão alguma para o fazer. Melhor dizendo: por não encontrar nenhuma razão <i>absoluta</i> para o fazer. E é talvez precisamente por isso que não o podemos caracterizar como mediano, pois de alguma forma ele tinha consciência da ausência de tais motivos.</p> <p>Ao ser humano não cabe apenas viver a sua vida individual.</p>
--	---	--	---

<p>und Zeitgenossenschaft, und sollte er die allgemeinen und unpersönlichen Grundlagen seiner Existenz auch als unbedingt gegeben und selbstverständlich betrachten und von dem Einfall, Kritik daran zu üben, so weit entfernt sein, wie der gute Hans Castorp es wirklich war, so ist doch sehr wohl möglich, daß er sein sittliches Wohlbefinden durch ihre Mängel vage beeinträchtigt fühlt. Dem einzelnen Menschen mögen mancherlei persönliche Ziele, Zwecke, Hoffnungen, Aussichten vor Augen schweben, aus denen er den Impuls zu hoher Anstrengungen und Tätigkeit schöpft; wenn das Unpersönlichen um ihn her, die Zeit selbst der Hoffnungen und Aussichten bei aller äußeren Regsamkeit im Grunde entbehrt, wenn sie sich ihm als hoffnungslos, aussichtslos und ratlos heimlich zu erkennen gibt und der bewußt oder unbewußt gestellten, aber doch irgendwie gestellten Frage nach einem letzten, mehr als persönlichen, unbedingten Sinn aller Anstrengung und Tätigkeit ein hohles Schweigen entgegengesetzt, so wird gerade in Fällen</p>	<p>– o bom Hans Castorp possivelmente sentia vagamente seu bem-estar moral violado por seus defeitos. O indivíduo pode realizar toda espécie de objetivos pessoais, de fins, de esperanças, de perspectivas, das quais recebe o impulso para os grandes esforços de sua atividade; mas quando o impessoal que o rodeia, quanto a época em que ele vive, apesar de sua agitação, não possui objetivos nem esperanças, quando se revela secretamente desorientada e sem saída, quando à pergunta angustiosa, sobre o sentido supremo acima do pessoal e do incondicionado, de todo esforço e de toda atividade, quando se responde a essa pergunta angustiosa com o silêncio do nada, esse estado de coisas paralizará os esforços de um caráter reto, e esta influência, além de afetar a alma e a moral, estender-se-á até sobre a parte física e orgânica do indivíduo. Para um homem se dispor a realizar um esforço considerável que suplante a medida do comum, sem que a época possa dar uma resposta satisfatória à pergunta "para que?", é preciso um isolamento e uma</p>	<p>contemporâneos. Até mesmo uma pessoa inclinada a julgar absolutas e naturais as bases gerais e ultrapessoais da sua existências, e que da idéia de criticá-las permaneça tão distante quanto o bom Hans Castorp – até uma pessoa assim pode facilmente sentir o seu bem-estar moral um tanto diminuído pelos defeitos inerentes a essas bases. O indivíduo pode visar numerosos objetivos pessoais, finalidades, esperanças, perspectivas, que lhe dêem o impulso para grandes esforços e elevadas atividades; mas, quando o elemento impessoal que o rodeia, quando o próprio tempo, não obstante toda a agitação exterior, carece no fundo de esperanças e perspectivas, quando se lhe revela como desesperador, desorientado e falto de saída, e responde com um silêncio vazio à pergunta que se faz consciente ou inconscientemente, mas em todo caso se faz, a pergunta pelo sentido supremo, ultrapessoal e absoluto, de toda atividade e de todo esforço – então se tornará inevitável, justamente entre as naturezas mais retas, o efeito paralisador desse estado de coisas, e esse efeito será capaz de ir além</p>	<p>Consciente ou inconscientemente, ele toma também parte na vida da sua época e da sua contemporaneidade. Mesmo que o indivíduo considere os fundamentais gerais e sobre-individuais da sua existência como dados evidentes e absolutamente adquiridos e seja adverso à ideia de os questionar, como sucedia, na realidade, com o nosso bom Hans Castorp, não deixa, contudo, de ser bem possível que ele sinta vagamente o seu bem-estar moral ameaçado se os mesmos forem lesados. O indivíduo pode alimentar toda a espécie de objetivos, finalidades, esperanças e perspectivas, que lhe servem de impulso a ambições e feitos mais elevados. No entanto, quanto ao elemento sobre-individual que o rodeia, nomeadamente ao próprio tempo, não se colocam esperanças ou perspectivas, apesar de todo o dinamismo exterior que possa reinar, quando o próprio tempo se lhe apresenta como desalentado, sem sentido e sem norte, respondendo à questão do sentido último das coisas, de um sentido sobre-individual absoluto de</p>
--	---	---	--

<p>redlicheren Menschentums eine gewisse lähmende Wirkung solches Sachverhalts fast unausbleiblich sein, sie sich auf dem Wege über das Seelisch-Sittliche geradezu auf das physische und organische Teil des Individuums erstrecken mag. Zu bedeutender, das Maß des schlechthin Gebotenen überschreitender Leistung aufgelegt zu sein, ohne daß die Zeit auf die Frage Wozu? eine befriedigende Antwort wüßte, dazu gehört entweder eine sittliche Einsamkeit und Unmittelbarkeit, die selten vorkommt und heroischer Natur ist, oder eine sehr robuste Vitalität. Weder das eine noch das andere war Hans Castorps Fall, und so war er doch wohl mittelmäßig, wenn auch in einem recht ehrenwerter Sinn [...]</p> <p>[O narrador descreve a evolução dos estudos de Castorp e sua atitude perante o esforço]</p> <p>Wir kommen hier auf unsere Andeutungen von früher zurück, die nämlich auf die Vermutung zielten, daß Beeinträchtigungen des persönlichen Lebens durch die Zeit geradezu den physischen Organismus des Menschen zu beeinflussen</p>	<p>pureza moral que são raros e uma natureza heróica ou uma atividade particularmente robusta. Hans Castorp não possuía nem uma nem outra dessas qualidades; era, portanto, simplesmente um homem; um homem, num de seus sentidos mais honrosos.</p> <p>[O narrador descreve a evolução dos estudos de Castorp e sua atitude perante o esforço]</p> <p>Insistimos aqui sobre as reflexões que iniciamos há pouco e que nos levaram a supor uma alteração da vida pessoal, em relação à época, como capaz de exercer também influência sobre o organismo físico do homem. Como era possível a Hans Castorp deixar de respeitar o trabalho? Isto seria ir contra a natureza.</p> <p>Apresentavam-nos as circunstâncias como coisa eminentemente respeitável. No fundo, nada havia de respeitável fora do trabalho; era o princípio diante do qual alguém se afirmava ou se revelava insuficiente; era o absoluta da época. O respeito que Hans Castorp sentia pelo trabalho era de natureza religiosa e, conforme ele podia observar, era indiscutível. Mas</p>	<p>do domínio da alma e da moral, e de afetar a própria parte física e orgânica do indivíduo. Para um homem se dispor a empreender uma obra que ultrapassa a medidas das absolutas necessidades, sem que a época saiba uma resposta satisfatória à pergunta "Para quê?", é indispensável ou um isolamento moral e uma independência, como rara vezes se encontram e têm um quê heróico, ou então uma vitalidade muito robusta. Hans Castorp não possuía nem uma nem outra dessas qualidades, e portanto deve ser considerado medíocre, posto que num sentido inteiramente decoroso.</p> <p>[O narrador descreve a evolução dos estudos de Castorp e sua atitude perante o esforço]</p> <p>Nesse ponto insistimos sobre as reflexões que fizemos acima, sobre a questão de saber se um prejuízo que a época causa à vida individual do homem lhe pode diretamente influenciar o organismo físico. Hans Castorp respeitava o trabalho. Como poderia deixar de fazê-lo? Isto seria contrário à sua natureza. Tudo contribuía para que o trabalho se lhe</p>	<p>toda a ambição e de todo o feito – questão que é, de facto, colocada, que consciente quer inconscientemente –, com um enorme silêncio, torna-se, então, quase inevitável que se faça sentir um certo efeito letárgico precisamente sobre a natureza humana mais recta, um efeito que não atingirá somente a dimensão psíquica e moral do indivíduo, mas que afectará igualmente o seu lado mais físico e orgânico. Para que um indivíduo se disponha a realizar uma tarefa de peso, para lá dos limites do absolutamente necessário, sem que a sua época forneça uma resposta satisfatória à questão da finalidade, é fundamental viver em solidão e independência morais – o que comporta algo de heróico e raramente sucede – ou ser dotado de uma vitalidade extremamente robusta. Hans Castorp não cumpria nem uma nem outra dessas condições, pelo que merece, afinal, ser considerado mediano, se bem que num sentido bastante louvável.</p> <p>[O narrador descreve a evolução dos estudos de Castorp e sua atitude perante o esforço]</p>
---	---	--	--

<p>vermöchten. Wie hätte Hans Castorp die Arbeit nicht achten sollen? Es wäre unnatürlich gewesen. Wie alles lag, mußte sie ihm als das unbedingt Achtungswerteste gelten, es gab im Grunde nichts Achtenswertes außer ihr, sie war das Prinzip, vor dem man bestand oder nicht bestand, das Absolutum der Zeit, sie beantwortete sozusagen sich selbst. Seine Achtung vor ihr war also religiöser und, soviel er wußte, unzweifelhafter Natur. Aber eine andere Frage war, ob er sie liebte; denn das konnte er nicht, so sehr er sie achtete, und zwar aus dem einfachen Grunde, weil sie ihm nicht bekam. Angestrengte Arbeit zerrte an seine Nerven, sie erschöpfte ihn bald, und ganz offen gab er zu, daß er eigentlich viel mehr die freie Zeit liebte, die unbeschwerte, an der nicht die Bleigewichte der Mühsal hingen, die Zeit, die offen vor ihm gelegen hätte, nicht abgeteilt von zähneknirschend zu überwindenden Hindernissen. Dieser Widerstreit in seinem Verhältnis zur Arbeit bedürfte genaugenommen der Auflösung. War es möglicherweise so, daß sein Körper</p>	<p>atormentava-o a questão de saber se realmente ele amava o trabalho; isso, parecia-lhe impossível, por mais profundo que fosse seu respeito, simplesmente pela razão do trabalho ser-lhe difícil. Uma tarefa contínua irritava-lhe os nervos, esgotava-o rapidamente e ele reconhecia, com franqueza, que, em resumo, amava mais o tempo que estava em liberdade, o tempo em que não pesava sobre ele o chumbo de uma tarefa penosa, o tempo que se estendia diante dele livre e não juncado de obstáculos que deviam ser vencidos, embora graças à pressão dos dentes uns contra outros.</p> <p>Esta contradição em sua atitude com relação ao trabalho devia ser resolvida. Devia supor que seu corpo seu espírito, – primeiro o espírito, depois o corpo, – precisavam acreditar no trabalho como num valor absoluto, como num princípio que respondesse por si próprio, para se disporem mais satisfatoriamente e se tornarem mais resistentes – e tranquilizar-se com esse pensamento? Não se trata, aqui, de saber se Hans Castorp era medíocre ou mais que medíocre; em breve, poderemos</p>	<p>apresentasse como digno do mais irrestrito respeito; no fundo não existia nada fora dele que merecesse tal respeito; o trabalho era o princípio em face do qual uma pessoa se saía bem ou malograva, era o que havia de absoluto na época, e trazia em si a sua justificativa. O respeito que Hans Castorp lhe devotava era portanto de carácter religioso e, conforme lhe parecia, indiscutível. Isso não que, no entanto, dizer que ele amava o trabalho; disso não era capaz, por mais que o respeitasse, simplesmente pela razão de não se dar bem com ele. Um esforço intenso irritava-lhe os nervos e esgotava-o rapidamente. Com toda a franqueza Hans Castorp confessava que no seu íntimo gostava muito mais das horas de lazer, livres do lastro de chumbo das tarefas penosas, as horas que abertamente se estendiam diante dele, e não crivadas de obstáculos a serem vencidos a duras penas. Essa contradição na sua atitude perante o trabalho deveria, a bem dizer, ser resolvida. Talvez assim é que o seu corpo tanto como seu espírito – em primeiro lugar o espírito e sob a sua influência</p>	<p>Voltamos, neste ponto, às nossas alusões anteriormente tecidas e que apontavam no sentido de acreditarmos que as dificuldades interpostas pela época à nossa vida particular podem ter as suas repercussões sobre o organismo humano, isto é, sobre a estrutura somática. Como poderia Hans Castorp não respeitar o trabalho? Teria sido contranatura. Perante o actual estado das coisas, era imperioso que o trabalho representasse para ele o que havia de absolutamente digno de respeito. Para além dele, nada mais existia que fosse, na realidade, digno de respeito, ele era o princípio que tudo informava, o factor absoluto da época, algo que, de certa forma, valia por si mesmo. O seu respeito perante o trabalho era, portanto, de carácter religioso e, a seu ver, inquestionável. Mas isso não queria dizer, por si só, que gostasse de trabalhar. A verdade é que não era capaz de gostar no trabalho, não obstante o grande respeito que por ele nutria. A razão é muito simples: não se dava bem com ele. O trabalho intenso arrasava-lhe os nervos, esgotando-o em poucos instantes.</p>
--	---	---	---

<p>sowohl wie sein Geist – zuerst der Geist und durch ihn auch der Körper – zur Arbeit freudiger und nachhaltiger willig gewesen wäre, wenn er im Grunde seiner Seele, dort, wo er selbst nicht Bescheid wußte, an die Arbeit als unbedingten Wert und sich selbst beantwortendes Prinzip zu glauben und sich dabei zu beruhigen vermocht hätte? Es wird damit wieder die Frage seiner Mittelmäßigkeit oder Mehr-als-Mittelmäßigkeit aufgeworfen, die wir nicht bündig beantworten wollen. Denn wir betrachten uns nicht als Hans Castorps Lobredner und lassen der Vermutung Raum, daß die Arbeit in seinem Leben einfach dem ungetrübten Genuß von Maria Mancini etwas im Wege war.</p> <p>–</p>	<p>responder a esta questão. Não nos consideramos, de forma alguma, apologistas de Hans Castorp. emitimos simplesmente a suposição de que o trabalho o molestava apenas por incomodá-lo em seu tranquilo desfruto dos Maria Mancini.</p>	<p>também o corpo – se teriam dedicado ao trabalho com maior prazer e intensidade, se Hans Castorp, no âmago da sua alma, naquelas profundeza que ele mesmo ignorava, tivesse sido capaz de crer no trabalho como valor absoluto e princípio que justificasse a si próprio, e de achar sossego nesse pensamento. Com isso chegaríamos mais uma vez à questão da sua mediocridade ou mais-do-que-mediocridade, à qual não tencionamos dar uma resposta precisa. Não nos consideramos, de forma alguma, encomiastas de Hans Castorp, e por isso não eliminado a hipótese de que o trabalho, na sua vida, apenas estorvava um pouco o gozo perfeito do Maria Mancini.</p>	<p>Era sem reservas que admitia que preferia dispor de tempo livre, sem entraves, sem o duro peso dos sacrifícios, o tempo intacto que ele poderia moldar a seu bel-prazer, o tempo não compartimentado por obstáculos que só uma força de ferro seria capaz de transpor. Para este conflito gerado pelo trabalhourgia encontrar literalmente uma solução. Teriam porventura o seu corpo e espírito – primeiro o espírito e, por intermédio deste, o corpo – revelado uma inclinação mais entusiasmada e persistente pelo trabalho se Hans Castorp, perscrutando o seu lado mais íntimo e insondável, tivesse sido capaz de acreditar nele como valor absoluto e princípio inquestionável e essa ideia tivesse apaziguado a sua alma? E assim voltamos, uma vez mais, à questão da sua mediania ou mais-que-mediania, à qual não pretendemos responder de forma concludente. É que não nos compete fazer aqui um discurso de louvor à sua pessoa, antes queremos deixar em aberto a hipótese de, na vida de Hans Castorp, o trabalho simplesmente se interpor de certa</p>
--	--	--	--

			maneira ao desfrutar tranquilo de um Maria Mancini...
--	--	--	---

Tabela 6

A passagem que discutiremos aqui é, na nossa opinião, a mais importante das selecionadas. Nela, o narrador dá um passo à frente e esclarece aspectos da personalidade de Hans Castorp à luz do contexto maior em que ele está inserido, dando valiosos acenos sobre a significação extrarromanesca do personagem. É a essência do argumento da segunda parte desta dissertação que é exposta, em exemplar síntese, no trecho aqui comentado (localizado em uma seção de título eloquente: *Na casa de Tienappel. E da condição moral de Hans Castorp*).

O narrador inicia garantindo sua imparcialidade no julgamento de Castorp e caracterizando-o como "mediano" (*mittelmäßig*), mas expressamente sem a conotação depreciativa que se associa a essa noção. A razão disso não está propriamente nas capacidades ou na personalidade de Castorp, mas no significado mais que pessoal do seu destino, que inspira respeito. Seu desempenho acadêmico, apenas suficiente e sem grandes entusiasmos, deve-se menos a um vício moral próprio e, como tal, reprovável do que a uma falta de estímulo no solo da própria época e cultura. Esse estímulo, de ordem absoluta e impessoal, seriam esperanças e perspectivas oferecidas pela própria era, recompensas prometidas por uma cultura de otimismo e confiança em seu potencial de criar algo melhor. No entanto, a era de Castorp, apesar de todo o bulício externo, se revela deficiente de idealismo: à questão do sentido último de todo esforço, nada tem a responder. O herói o sabe — vagamente, mas o sabe —, e por isso mesmo sua pouca iniciativa é até honrosa, pois faz dele um filho autêntico do seu tempo e meio.

Entretanto, não é só o protagonista de *A montanha mágica* que sofre com as ilusões perdidas do idealismo fracassado. Trata-se de um fenômeno amplo, decorrente da ligação que o ser humano tem com o espírito geral do seu entorno: "O homem vive não apenas a sua vida pessoal como ser individual, mas, consciente ou

inconscientemente, também a da sua época e dos seus contemporâneos⁸⁷. Mesmo que o indivíduo possua metas e aspirações individuais definidas, a falta de um senso de direção que seja dado pelo elemento social em que se encontra faz com que ele sinta "seu bem-estar moral vagamente prejudicado"⁸⁸. Esse dano ultrapassa os limites do espiritual e moral, estendendo-se inclusive à porção orgânica do homem⁸⁹. Castorp e seus congêneres medianos, por mais que venerem o esforço como o princípio fundamental da civilização em que estão enraizados, não conseguem gostar dele, pois não lhes cai bem. A debilidade sistêmica dessa geração impede que eles tenham pelo trabalho o mesmo apreço que têm pelo "tempo livre, desobrigado"⁹⁰. Esse respeito fundamental pela existência ativa, por um lado, e a incapacidade espiritual e orgânica⁹¹ de a ela se dedicar, por outro lado, cria nessas pessoas um impasse, em princípio irresolúvel⁹². Apenas uns poucos, de constituição especialmente tenaz ou determinação ética excepcional, conseguem ir além do estritamente obrigatório em um ambiente tal e alcançar uma "mais-que-mediania"⁹³. Não é o caso de Hans Castorp, esse herói simples – que talvez não ambicione nada mais mesmo que desfrutar de seus charutos...

Com isso, cremos ter dados textuais suficientes para fazer a transição à segunda parte da dissertação. Começaremos, no Capítulo 3, com um pequeno panorama do *Zeitgeist* dessa época (estertores do século XIX e início do século XX), enfocando o espaço de fala alemã através de textos de diferentes autores. Uma

⁸⁷ MANN, 2017, p. 49.

⁸⁸ MANN, 2017, p. 50.

⁸⁹ Aí fica clara a função simbólica de o livro se passar em um sanatório internacional de tuberculosos, para além da verossimilhança realista e do dado autobiográfico (cf. MANN, [1939], p. 9-10).

⁹⁰ MANN, 2017, p. 52.

⁹¹ O narrador confere primazia ao imaterial, que condiciona o orgânico, e não ao contrário: "primeiro o espírito, e através dele o corpo também" (MANN, 2017, p. 52). Nisso, previne um possível equívoco, como em uma leitura superficial de *Os Buddenbrooks*, onde a visível degeneração biológica da família de comerciantes segue tão de perto sua decadência moral que poderia implicar um simples determinismo de tipo naturalista.

⁹² No Capítulo 3, mostraremos que uma das resoluções antevistas ou mesmo desejadas pela intelectualidade era um conflito bélico.

⁹³ MANN, 2017, p. 53.

contextualização sócio-histórica, fornecida por Stern, será de vital importância para ligar a desilusão de pensadores e artistas à realidade da época, especialmente quando vista como o resultado dos malogros do idealismo do século XIX. Posteriormente, no Capítulo 4, esboçaremos um "diagnóstico" da geração castorpiana, ligando o mal-estar cultural aludido à problemática temporal comentada no Capítulo 1, assim fechando o círculo do nosso trabalho.

3. Desilusão e torpor pré-1914

Helmut Koopmann (1971) encaixa *A montanha mágica* e as obras posteriores de Thomas Mann em um conceito que ele desenvolve de "romance intelectual". Com isso, refere-se a um complexo poético multifacetado, criado com extremo entendimento e precisão artística, apesar de toda a pretensa ingenuidade. São romances em que os procedimentos da arte narrativa tradicional são excedidos: novos temas, materiais e motivos aparecem, assim como matéria antiga transmutada por formas novas. Essa riqueza de relações cria uma forte dose de ambivalência, onde a superfície realista torna-se fachada: sob ela, escondem-se camadas que raramente vêm à tona, mas que seguem presentes e pedem uma interpretação. No caso de Thomas Mann, isso é operado pelo uso constante do que Koopmann denomina "óptica dupla", que

significa que nenhum fenômeno pode mais ser considerado unilateralmente, mas a posição contrária precisa ser levada em conta sempre que se almeja o discernimento autêntico de forças e efeitos espirituais ou históricos. Sob a óptica dupla, toda afirmação é apenas uma afirmação condicionada, que necessita de um corretivo para conservar sua validade.⁹⁴ (KOOPMANN, 1971, p. 29-30)

Georg Lukács associa esse procedimento à época histórica específica do escritor aqui estudado:

Os homens da era imperialista perderam qualquer perspectiva, tanto da sociedade quanto, nela, da própria existência. A falta de perspectiva, porém, faz desaparecer a diferença na vida entre essência e aparência; a essência objetiva das determinações sociais torna-se irreconhecível.⁹⁵ (LUKÁCS, 1957, p. 90)

⁹⁴ "(...) das bedeutet, daß kein Phänomen mehr einseitig betrachtet werden darf, sondern vielmehr, daß auch die jeweilige Gegenposition in Betracht gezogen werden muß, wo eine echte Erkenntnis geistiger oder geschichtlicher Kräfte und Wirkungen geleistet werden soll. Unter doppelter Optik ist jede Aussage immer nur eine bedingte Aussage, die des Korrektivs bedarf, wenn sie Geltung behalten soll."

⁹⁵ "Die Menschen des imperialistischen Zeitalters haben jede Perspektive sowohl für die Gesellschaft wie in ihr für das eigene Dasein verloren. Die Perspektivenlosigkeit läßt aber im Leben den

A reflexão teórica é desde sempre um componente constitutivo do romance intelectual. *A montanha mágica* e seus congêneres não são mais um romance no sentido de apenas "contar uma história": a faculdade associativa do leitor é constantemente solicitada a realizar percepções e discernir o que não é exposto às claras. Nisso, Thomas Mann é um inovador do quilate de James Joyce, Marcel Proust, Robert Musil e Hermann Broch.

Esse enquadramento é refinado posteriormente por Koopmann (1983) por meio do conceito de "romance clássico-moderno". Por isso o teórico entende os livros que, não sendo exatamente atuais (logo, não inteiramente modernos), são modernos o suficiente para ter o que dizer ao presente. São títulos que ainda ajudam a definir o nosso ser, apesar de escritos antes da nossa era (nisso sendo, portanto, clássicos). Constituem clássicos também na medida em que se veem como estando no fim de uma grande era⁹⁶, cuja importância merece ser registrada ficcionalmente, quase à maneira de um testemunho de época. Inclusive, o próprio escritor pode ter consciência desse seu papel, e Koopmann crê ser esse o caso do autor de *A montanha mágica*: "(...) Thomas Mann também é um representante da sua era, que ele mesmo reconhece como uma era de transição, de análise e de dissolução de formas transatas e agora inverídicas"⁹⁷. Isso se verifica como especialmente verdadeiro quando o artista já possui algum distanciamento temporal da época que pretende retratar, pois vive as consequências dos acontecimentos históricos lá sediados: "(...) só recrutando-se o respectivo passado e o respectivo futuro é que se pode assegurar uma visão correta do presente"⁹⁸.

Seguindo essas linhas-mestras, procuraremos neste capítulo desenhar o contexto maior em que se insere o estado de espírito expresso nas cenas de *A*

Unterschied zwischen Wesen und Erscheinung verschwinden; das objektive Wesen der gesellschaftlichen Bestimmungen wird unerkennbar."

⁹⁶ Para Lukács (1957), Thomas Mann é o último grande escritor da era burguesa, fruto derradeiro da linhagem que se estende de Goethe, passando por Balzac, até os decadentes finiseculares.

⁹⁷ "(...) ist auch Thomas Mann Repräsentant seiner Zeit, die er selbst als eine Zeit des Überganges, der Analyse und der Auflösung überalterter und unwahr gewordener Formen erkennt." (KOOPMANN, 1971, p. 18)

⁹⁸ "(...) erst der Einbezug der jeweiligen Vergangenheit und der jeweiligen Zukunft gewährleistet eine rechte Schau der Gegenwart." (KOOPMANN, 1971, p. 30)

montanha mágica que analisamos no Capítulo 2. O primeiro ângulo é mais histórico, esboçando um quadro dos vetores da cultura alemã que desembocaram na Grande Guerra. Posteriormente, traremos contribuições extraficcionais de intelectuais e críticos culturais que viveram e produziram nessa época, comentando o *Zeitgeist* gerado pelo desenvolvimento histórico aludido.

3.1 O fracasso do idealismo

No ensaio *The Political Consequences of the Unpolitical Germany*⁹⁹ (cujo título nos remete imediatamente às *Considerações de um apolítico*, de Thomas Mann — ver seção 3.2 abaixo), Fritz Stern faz um reparo inicial que, mesmo que anotado com a República de Weimar (1919–1933) em mente, tem validade para o período pré-guerras que nos interessa aqui. Ele argumenta que, ao contrário da assunção geral de que foram os "alemães maus" que levaram seu país à derrocada, a contrapelo do que desejariam os sujeitos cultos, sensatos e sensíveis, a chave para entender os desastrosos desenvolvimentos nacionais dessa época são mesmo os "cidadãos de bem", os *Bürger* (correspondente aproximativo: "burgueses", como se verá mais adiante em nota de pé de página) pacíficos, apreciadores da ordem, cultores da cultura e depreciadores da política. Investiguemos como isso veio a suceder.

A origem desse fenômeno pode ser situada com razoável certeza no idealismo alemão. Tal como empregado por Stern, esse termo guarda-chuva na realidade é a amalgamação e sublimação, operada retrospectivamente através da distância histórica, de uma porção de correntes artísticas e filosóficas de alcance mais localizado do que seus proponentes gostariam de acreditar à época. São os conhecidos *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), o *Aufklärung* (Iluminismo) kantiano, o classicismo de Weimar, o alto romantismo, o idealismo filosófico *stricto sensu* etc. Foi o agregado residual de todas essas vertentes que constituiu o substrato intelectual comum da sociedade alemã do século XIX (não que cada

⁹⁹ Capítulo do livro *The Failure of Illiberalism. Essays on the Political Culture of Modern Germany* (STERN, 1972, p. 3-25).

Bürger soubesse seu Kant, Hegel ou Goethe de cor, mas esses contributos estavam "no ar", perpassando toda a formação cultural individual como outros tantos *leitmotive*).

A reverência diante da *Kultur* e da *Bildung* ("cultura" e "formação/instrução", respectivamente), apanágio quase estereotípico do alemão médio, encaixou-se firmemente na cultura alemã moderna como um sucedâneo e um sucessor da religião protestante, acompanhando a marcha da História rumo à secularização do *Geist* ("espírito"). O culto às criações do espírito em geral, porém, facilmente degenerou na veneração obtusa do passado¹⁰⁰, nas frases feitas, na citação vazia e no filisteísmo acomodado, o que acabou acarretando amplos efeitos sobre a sociedade, política, religião e autoimagem nacional alemãs.

Essa *Bildung* simplificada — e gradualmente fossilizada¹⁰¹ nas instituições formadoras do homem de classe média (escola, universidade, periódicos de divulgação científica, enciclopédias, mercado editorial etc.) — assumiu seu cunho de sucedâneo político especialmente a partir das invasões napoleônicas, acontecidas nos primeiros quinze anos do século XIX. Foi aí que o idealismo alemão (*lato sensu*) começou a assumir fortes cores antiocidentais e antigálicas¹⁰². Explica-se isso também pela ausência da revolução social: o idealismo foi para o mundo de língua alemã o que a Revolução Francesa fora para a França. No entanto, em vez da exaltação das liberdades cívicas individuais, na Alemanha valorizou-se a realização cultural: mormente música, poesia e filosofia alçaram-se a verdadeiro patrimônio inalienável da nação (nação ainda imaterial, pois fragmentada no plano político e econômico). Começa aí a se formar um nacionalismo que pouco se ocupa de direitos e liberdades civis no sentido revolucionário francês.

¹⁰⁰ O sortilégio do "*Ur-Ur-Ur*" que vimos na seção 2.5.

¹⁰¹ Processo já completo nos anos formativos de Thomas Mann (nascido em 1875), por exemplo: "A época da sua infância e juventude era uma época de expansão econômica ('anos de fundação') e estagnação cultural – nas instituições educacionais reinava um idealismo agora estéril e epigonista" ("*Die Zeit seiner Kindheit und Jugend war eine Zeit wirtschaftlicher Expansion ('Gründerjahre') und kultureller Stagnation — in den Bildungsinstitutionen herrschte ein steril gewordener, epigonaler Idealismus*"; KURZKE, 2010, p. 27).

¹⁰² Cf. a cristalização disso na seção 3.2 abaixo.

Não por acaso, a modernização pública prussiana começou com a cultura e a educação: a potência material deficiente do Estado é compensada pelas forças espirituais, em princípio. Daí a noção arraigada, muito alemã, de que uma educação de alto nível é indispensável e, em certo aspecto, suficiente para a autorrealização do indivíduo. Respeitadas as devidas proporções, a escola buscava formar o "homem universal" à moda renascentista, o polímata, o erudito (*Gelehrter*) completo, mas não o cidadão¹⁰³ completo, atento às questões do seu entorno imediato e disposto a nele intervir em prol de metas supraindividuais. Isso foi também estimulado pelas enormes vantagens sociais e econômicas atreladas à educação superior, como mobilidade de classe, isenção parcial ou total do serviço militar, vencimentos garantidos pelo Estado, prestígio nas rodas sociais, perspectivas de realizar um casamento vantajoso, títulos colados indelevelmente ao nome (*Magister, Doktor, Dozent, Professor...*) etc.

Um desenvolvimento complementar foi a gradual secularização da religião, que assumiu cores mais filosóficas que propriamente religiosas. A mística perdeu seu lugar, dando espaço muito maior à ética (o mandamento moral kantiano passou a ser mais relevante que o mandamento evangélico cristão). Assim, a crença na perfectibilidade das faculdades estéticas e racionais da pessoa, quaisquer que fossem as condições sociais em que vivesse, ganhou *status* de alicerce existencial, com a erudição livresca valendo mais que as boas ações práticas. No caso do culto a Goethe, por exemplo, isso podia inclusive degenerar em culto da personalidade: seria preciso ser um eleito, um homem intrinsecamente extraordinário — lugar-comum romântico —, como o autor do *Fausto*, para se alçar ao auge do autoaperfeiçoamento que o idealismo pregava. No entanto, aos reles mortais bastaria a fruição passiva da cultura: o efeito purificador do contato com o belo e o sublime provenientes do *Geist* livraria o homem probo do mister sujo da política.

¹⁰³ Diversos autores apontam para a ausência de uma distinção fina na língua alemã entre o mero homem de classe média (cidadão passivo, digamos, definido economicamente) e o sujeito investido de prerrogativas cívico-sociais (cidadão ativo, definido politicamente), diferença presente em *bourgeois x citoyen*, em francês. Em alemão, as duas noções acabam subsumidas ao polissêmico *Bürger*, que gera compostos com essas e outras conotações também (cidadino; urbano; civil). Tal confusão deve-se precisamente ao desenvolvimento histórico deficiente que estamos explorando nesta seção: sob a carência do idioma esconde-se a carência da realidade da qual ele é espelho (cf. KURZKE, 2010, p. 48; LUKÁCS, 1957, p. 36). Assim, preferimos aqui o termo não traduzido.

Entre a Restauração e o meio do século XIX, esse ideal humanitário peculiar chegou a estimular, a seu modo, a aspiração a uma sociedade liberal. Sob o Estado-gendarme instituído por Metternich após o Congresso de Viena, as ânsias individuais buscaram, ainda que timidamente, alcançar expressão exterior também, combatendo o *establishment* — o judiciário, a nobreza, o clero — como representantes de forças tirânicas e obscurantistas¹⁰⁴. Em seus libelos, os artistas românticos difusamente defendiam a salvaguarda de liberdades individuais, como as de opinião, expressão e religião, contra a arbitrariedade do poder constituído. Com o fracasso das revoluções de 1848 em diversos focos do território germanófono, contudo, esses anseios foram recalçados, e muitas facções do liberalismo alemão abandonaram ou adiaram indefinidamente as demandas de autogoverno político por parte do *Bürger*, chegando mesmo a conciliar os conceitos de liberdade e *Obrigkeitsstaat* (Estado autoritário)¹⁰⁵ após a unificação de 1871, levada a cabo pelo gigante Bismarck. Aí operou-se finalmente o divórcio entre espírito e moral, de um lado, e política e prática (*Realpolitik*), do outro: o Estado para os estadistas, o trabalho para o *Bürger*. Com isso, estava consolidado o terreno para o alemão apolítico de classe média: "Bismarck tinha que ser aceito, pois era o mestre da esfera política, e dessa aceitação emergiu o alemão rematadamente apolítico (...)"¹⁰⁶. A César o que é de César, à *Kultur* o que é da *Kultur*.¹⁰⁷

¹⁰⁴ Amiúde em forma artística cifrada, lançando mão de épocas ou terras distantes para sua ambientação, como a ópera *Fidélio*, de Beethoven.

¹⁰⁵ "Confesso estar profundamente convencido de que o povo alemão jamais conseguirá amar a democracia política pelo simples motivo de que não consegue amar a política em si, e que o famigerado 'Estado autoritário' segue sendo a forma de Estado adequada, suportável e, no fundo, desejada pelo povo alemão." ("*Ich bekenne mich tief überzeugt, daß das deutsche Volk die politische Demokratie niemals wird lieben können aus dem einfachen Grunde, weil es die Politik selbst nicht lieben kann, und daß der vielverschiedene 'Obrigkeitsstaat' die dem deutschen Volke angemessene, zukömmliche und von ihm im Grunde gewollte Staatsform ist und bleibt.*"; MANN, 2013, p. 33-34)

¹⁰⁶ "*Bismarck had to be accepted, for he was the master of the practical realm, and in that acceptance emerged full-blown the unpolitical German (...)*" (STERN, 1972, p. 13).

¹⁰⁷ O conde Harry Kessler faz a seguinte anotação de diário em 26 de novembro de 1897: "Uma meta a se almejar na Alemanha atual: unificar a cultura filosófica de Goethe com a [cultura] política de Bismarck e a cultura estética do *fin-de-siècle*; em outras palavras, criar personalidades que contivessem naturalmente todas as três. Essa versatilidade natural de interesses é o que admiramos nos estadistas e pensadores ingleses, mas lá isso é o resultado de uma evolução de trezentos anos". ("*A goal to strive for today in Germany: to unite the philosophical culture of Goethe with the political [culture] of Bismarck and the fin-de-siècle aesthetic culture; in other words to create personalities that would naturally contain all three. This natural versatility of interests is what we admire in English*

A partir da unificação alemã (1871), esse viés eminentemente pragmático da política rapidamente gerou frutos tangíveis. O império guilhermino se equiparou à conjuntura dos demais países europeus com muita velocidade, e logo se impôs como a maior potência industrial continental (isto é, excluindo a Inglaterra) e uma força militar respeitável. Verdade é que, ao mesmo tempo, os antagonismos de classe foram aguçados, com Bismarck opondo o polo dos nobres e industriais aos democratas de cepa burguesa. A essa nova situação fática, os intelectuais reagiram de maneiras diversas. Alguns, como Heinrich Mann (irmão e, na época, êmulo de Thomas), ainda esperavam que a Alemanha se ocidentalizasse, alinhando-se aos valores franco-latinos da democracia, do debate público, da república e da sociedade liberal. Outros se retiraram para o apolitismo e o crescente antagonismo ao "Ocidente" (entre eles, Thomas Mann — ver seção 3.2 abaixo). Um terceiro grupo, mais numeroso, comprou o sonho da "Alemanha forte" e justificou seu fortalecimento industrial e bélico com uma pretensa maior qualidade da cultura germânica perante a ocidental; esse binômio *Besitz und Bildung* (posses e cultura) seduziu grande parte dos cidadãos cultos.

Paralelamente a essa crescente especialização e aprofundamento da expertise alemã nos plano acadêmico e técnico (levando à sua pujança material e à empáfia decorrente), os mal-entendidos ideológicos se proliferaram. A valorização quase religiosa da própria cultura desembocou em um *Vulgäridealismus* (idealismo vulgar) entre 1871 e 1918. Essa metafísica do esnobismo (pois desprezava os privados da alta cultura como *la crapule*), fundada na crença de uma vaga "missão alemã"¹⁰⁸, foi o instrumento ideológico do alemão apolítico para atacar tudo que lhe parecesse alheio à sua essência, como a sociedade de massas, a república, a democracia, o direito ao voto, o liberalismo econômico e o progresso moderno (todas palavras-chave do discurso caricatural de Settembrini em *A montanha mágica*). Naturalmente, esse ideário negativo também serviu como manto para camuflar as mais simplórias paixões chauvinistas: imputar os males da Europa circundante ao

statesmen and thinkers, but there it is the result of a three-hundred-year-old evolution." KESSLER, 2013, p. 194)

¹⁰⁸ Parecida com a visão dostoiévskiana da tarefa salvadora do povo russo, que traria Deus de volta a uma cultura ocidental niilista, atea e materialista.

materialismo e utilitarismo inglês, à corrupção judaica, à ganância socialista, ao corporativismo maçônico, à demagogia francesa e estereótipos semelhantes.

As intrincadas contradições sociais, políticas e econômicas resultantes convergiram na "trovoada" da guerra de 1914 — culminação trágica de 150 anos de idealismo pragmaticamente inepto. A tensão acumulada da paz armada foi finalmente liberada em um conflito dionisíaco de proporções épicas¹⁰⁹, amplamente desejado por muitos círculos instruídos como a concretização de antigos anseios heroicos — e a ser travado pelos jovens, naturalmente¹¹⁰: é conhecido o lugar-comum dos rapazes de boa família, instruídos e alistados voluntariamente, tombando sob a metralha com canções patrióticas ou versos de Rilke nos lábios¹¹¹.

¹⁰⁹ Mann fala, no último parágrafo de *A montanha mágica*, em "festim mundial da morte", "maligna ciranda" e "agudo ardor de febre" ("*Weltfest des Todes*", "*arge[s] Tanzvergnügen*" e "*schlimme[] Fieberbrunst*"; MANN, 2017, p. 983).

¹¹⁰ Cabe aqui uma citação mais longa de Erich Maria Remarque, cujo *best-seller Nada de novo no front* (*Im Westen nichts Neues*, 1928) conta a experiência imediata de quem estava nas trincheiras: "Para nós, jovens de dezoito anos, eles deveriam ser mediadores e guias no mundo dos adultos, no mundo do trabalho, do dever, da cultura e do progresso, no futuro. Às vezes, nós zombávamos deles e pregávamos-lhes pequenas peças, mas, no fundo, acreditávamos neles. Na nossa mente, ao conceito de autoridade, cujos portadores eram eles, ligava-se uma percepção maior e um conhecimento mais humano. Entretanto, o primeiro morto que vimos demoliu essa convicção. Tivemos que reconhecer que a nossa geração era mais honesta que a deles; eles só estavam à nossa frente no fraseado hábil. A primeira barragem de artilharia nos mostrou nosso equívoco, e sob ela desmoronou a visão de mundo que eles tinham nos ensinado. Enquanto eles seguiam escrevendo e discursando, nós víamos lazaretos e moribundos — enquanto eles qualificavam o serviço ao Estado como o bem supremo, nós já sabíamos que o medo da morte é mais forte. Nem por isso nos tornamos amotinados, desertores, covardes — eles lançavam mãos dessas expressões com muita facilidade —, nós amávamos a nossa pátria tanto quanto eles, e a cada ataque avançávamos corajosamente, mas agora discerníamos, de golpe havíamos aprendido a enxergar. E enxergamos que nada sobrava do mundo deles. Subitamente, estávamos terrivelmente sozinhos — e precisávamos nos virar sozinhos". ("*Sie sollten uns Achtzehnjährigen Vermittler und Führer zur Welt des Erwachsenseins werden, zur Welt der Arbeit, der Pflicht, der Kultur und des Fortschritts, zur Zukunft. Wir verspotteten sie manchmal und spielten ihnen kleine Streiche, aber im Grunde glaubten wir ihnen. Mit dem Begriff der Autorität, dessen Träger sie waren, verband sich in unseren Gedanken größere Einsicht und menschlicheres Wissen. Doch der erste Tode, den wir sahen, zertrümmerte diese Überzeugung. Wir mußten erkennen, daß unser Alter ehrlicher war als das ihre; sie hatten vor uns nur die Phrase und die Geschicklichkeit voraus. Das erste Trommelfeuer zeigte uns unseren Irrtum, und unter ihm stürzte die Weltanschauung zusammen, die sie uns gelehrt hatten. Während sie noch schrieben und redeten, sahen wir Lazarette und Sterbende — während sie den Dienst am Staate als das Größte bezeichneten, wußten wir bereits, daß die Todesangst stärker ist. Wir wurden darum keine Meuterer, keine Deserteure, keine Feiglinge — alle diese Ausdrücke waren ihnen ja so leicht zur Hand —, wir liebten unsere Heimat genauso wie sie, und wir gingen bei jedem Angriff mutig vor, aber wir unterschieden jetzt, wir hatten mit einem Male sehen gelernt. Und wir sahen, daß nichts von ihrer Welt übrigblieb. Wir waren plötzlich auf furchtbare Weise allein — und wir mußten allein damit fertig werden.*"; REMARQUE, [1928], p. 15-16)

¹¹¹ Hans Castorp, apropriadamente, desaparece da nossa vista cantarolando o *lied A tília* (*Der Lindenbaum*), do ciclo de canções *Viagem de inverno* (*Winterreise*, 1827) de Schubert — signo da

3.2 O homem apolítico

Thomas Mann, antes da sua conversão à causa democrática no início dos anos 20, chegou a louvar o conflito de 1914 e elevar os ideais culturais nele defendidos como muito superiores ao egoísmo materialista da Europa inimiga (a Tríplice Entente, no caso). As visões do escritor sobre esse imbróglio são expostas de forma concentrada (e um tanto confusa e passional, como convém à matéria) em *Considerações de um apolítico* (*Betrachtungen eines Unpolitischen*, 1918), "a mais dolorosa elaboração da equação da Alemanha com o idealismo e do alemão com a apolítica"¹¹². Nele, dois conjuntos de valores são postos em colisão: à cultura, espírito, protesto e música (que ele via como fatores característicos do seu país) Mann opõe civilização, sociedade, democracia e literatura — elementos do ideário moderno do Ocidente e, especialmente, da França¹¹³, defendido intramuros pelo "espião" *Zivilisationsliterat* ("literato da civilização"):

Espírito *não* é política (...). A diferença entre espírito e política compreende a de cultura e civilização, alma e sociedade, liberdade e sufrágio, arte e literatura; e ser alemão é cultura, alma, liberdade, arte, e *não* civilização, sociedade, sufrágio, literatura. A diferença entre espírito e política é, para dar outro exemplo, aquela entre cosmopolita e internacional. Aquele conceito decorre da esfera cultural e é alemão; este decorre da esfera da civilização e da democracia, e é — algo bem diverso. Internacional é o *bourgeois* democrático, por mais nacionais que sejam as cores em que se drapeja; o *Bürger* — e este é um motivo deste livro — é cosmopolita *porque* é alemão, mais alemão que príncipes e "povo": esse homem do "meio" geográfico, social e anímico foi e segue sendo o portador da espiritualidade, humanidade e antipolítica alemãs...¹¹⁴ (MANN, 2013, p. 34-35, primeiro e último grifos do original)

"simpatia com a morte" do nosso herói (cf. MANN, 2017, 894 ss. e p. 984). É o canto de cisne do idealismo fracassado que aqui mapeamos.

¹¹² "(...) *the most painful elaboration of the equation of Germany with idealism and of the German with the unpolitical.*" (STERN, 1972, p. 21)

¹¹³ Nisso retomando um traço de Nietzsche, com seu desprezo pelas ideias francesas do século XVIII, seu antidemocratismo e seu antifeminismo (cf. KRISTIANSEN, 1990, *passim*).

¹¹⁴ "*Geist ist nicht Politik (...). Der Unterschied von Geist und Politik enthält den von Kultur und Zivilisation, von Seele und Gesellschaft, von Freiheit und Stimmrecht, von Kunst und Literatur; und Deutschland, das ist Kultur, Seele, Freiheit, Kunst und nicht Zivilisation, Gesellschaft, Stimmrecht, Literatur. Der Unterschied von Geist und Politik ist, zum weiteren Beispiel, der von kosmopolitisch und*

Fiel súdito do Império, Mann desprezava o parlamentarismo republicano avançado pelo Ocidente como o fantoche de interesses econômicos ocultos. A esse arranjo, preferia a monarquia, cujo chefe seria um árbitro desinteressado a zelar pelo bem do seu povo. No entanto, é interessante notar que Mann defende uma identidade nacional fundada mais em realizações espirituais (como afirma Stern) do que em instituições públicas:

A missão e a tarefa, o "destino" da Alemanha jamais pode ou irá ser concretizar ideias politicamente. A politização do espírito, como o literato da civilização a concebe, choca-se aqui com a mais profunda, instintiva e inquebrantável resistência, pois aqui a convicção de que nisso tanto a política quanto o espírito acabam em maus lençóis, que é igualmente perigoso para ambos fazer de uma filosofia a mentalidade e a base da sociedade e do Estado, é elementar, essencial, um componente fundamental do *ethos* nacional. (...) [R]everência diante do espírito gera ceticismo quanto a programas de ação para a sua "concretização" política.¹¹⁵ (MANN, 2013, p. 41)

Posteriormente, na sua chamada "virada democrática", Thomas Mann se converterá à causa da república e se tornará um dos mais ferozes inimigos dos incipientes regimes da extrema-direita irracionalista, com cruciais consequências para sua vida e carreira. Isso ocorreu pouco depois da publicação das *Considerações de um apolítico*, durante a retomada do trabalho em *A montanha mágica* que aquele trabalho interrompera¹¹⁶. A cronologia pode parecer

international. Jener Begriff entstammt der kulturellen Sphäre und ist deutsch; dieser entstammt der Sphäre der Zivilisation und Demokratie und ist — etwas ganz anderes. International ist der demokratische Bourgeois, möge er überall auch noch so national sich drapieren; der Bürger —und das ist ein Motiv dieses Buches — ist kosmopolitisch, denn er ist deutsch, deutscher als Fürsten und 'Volk': dieser Mensch der geographischen, sozialen und seelischen 'Mitte' war immer und bleibt der Träger deutscher Geistigkeit, Menschlichkeit und Anti-Politik..."

¹¹⁵ "Nie kann und wird es die Sendung und Aufgabe das 'Los' Deutschlands sein, Ideen politisch zu verwirklichen. Die Politisierung des Geistes, wie der Zivilisationsliterat sie meint, stößt hier auf den tiefsten, triebhaftesten, unverbrüchlichsten Widerstand, denn die Überzeugung, daß sowohl die Politik wie der Geist dabei vor die Hunde kommen, daß es gleich gefährlich für beide ist, eine Philosophie zur Denkweise und Basis der Gesellschaft und des Staates zu machen, ist hier elementar, wesenhaft, ein Grundbestandteil des nationalen Ethos. [...] Ehrfurcht vorm Geiste macht skeptisch gegen Aktionsprogramme zu seiner politischen 'Verwirklichung'."

¹¹⁶ Processo esse com enormes consequências para a configuração do título ficcional: "O que fez *A montanha mágica* passar de uma diversão menor para um grande projeto indubitavelmente foi a

incongruente, mas, como diz Lukács, as *Considerações* são, do ponto de vista da obra completa de Mann, um "*reculer pour mieux sauter*"¹¹⁷ — saltar ao sonho harmônico de Castorp no capítulo *Neve* (vide Capítulo 1). Antes disso, todavia, fez uma batida em retirada em grande estilo, ciente da sua falta de perspectivas: intuía não ter mais razão, mas preferiu insistir no erro a cair no papel risível do beletrista retórico (*à la* Heinrich Mann/Lodovico Settembrini). Foi preciso se despedir do passado da sua cultura para só então abrir uma nova senda.

3.3 Outras vozes

Investiguemos agora os efeitos do idealismo malfadado e seu conflito com a sensibilidade moderna em escritos de alguns autores contemporâneos de Thomas Mann e da ação de *A montanha mágica* (passada entre 1907 e 1914). Com isso, queremos evidenciar que não era apenas Hans Castorp e seus semelhantes ficcionais que sentiam um profundo "mal-estar na cultura", para usar um título de Freud: tratava-se de uma insatisfação e uma náusea existencial bem reais, que levou vários intelectuais a posições complexas.

Em um escrito de 1887 (*Para a genealogia da moral*), Nietzsche — pensador dominante para o período aqui estudado— associa a fraqueza vital imperante nas épocas hiper-intelectualizadas à incerteza quanto às promessas do porvir: "(...) são épocas de cansaço, frequentemente de ocaso, de declínio — esvaiu-se a força transbordante, a certeza da vida, a certeza do futuro"¹¹⁸. Parte da sua invectiva contra a ciência, o progresso e demais fetiches da modernidade origina-se do que

eclosão da Grande Guerra em agosto de 1914, as controvérsias às quais Mann foi arrastado pelas hostilidades e a sua resposta complexa à derrota e à nova república que veio em sua esteira". ("*What turned the The Magic Mountain from a minor diversion into a major project was undoubtedly the outbreak of the Great War in August 1914, the controversies into which Mann was drawn by the hostilities, and his complex response to the defeat and the new republic which came in its wake.*"; BEDDOW, 2004, p. 137)

¹¹⁷ "recuar para melhor saltar" (LUKÁCS, 1957, p. 106).

¹¹⁸ "(...) es sind Zeiten der Ermüdung, oft des Abends, des Niederganges, — die überströmende Kraft, die Lebens-Gewissheit, die Z u k u n f t s-Gewissheit sind dahin." (NIETZSCHE, 2012, p. 403)

ele percebia como a desvitalização do ser humano exatamente pela agência dessa modernidade:

(...) o apequenamento e nivelamento do homem europeu traz o *nosso* supremo perigo, pois essa visão cansa... Hoje não vemos nada que queira se tornar maior, pressentimos que só se vai morro abaixo, morro abaixo, rumo ao mais delgado, mais bondoso, mais esperto, mais confortável, mais mediano, mais indiferente, mais chinês, mais cristão — o homem, não cabe dúvida, torna-se cada vez "melhor"... É precisamente aí que jaz o fado da Europa — com o temor diante do homem perdemos também o amor por ele, a reverência por ele, a esperança nele, até a vontade dele. A visão do homem agora cansa — o que é o niilismo atual senão *isto*?... nós estamos cansados *do homem*...¹¹⁹ (NIETZSCHE, 2012, p. 278)

Sob a influência do cientificismo evolucionista, então triunfante, o papel ativo do ser humano estaria sendo revisado, reduzindo-se sua "vontade de poder" a uma função apenas reativa:

(...) definiu-se a própria vida como uma adaptação interna cada vez mais proveitosa a circunstâncias externas (Herbert Spencer). Com isso, porém, equivoca-se quanto à essência da vida, à sua *vontade de poder*; com isso, negligencia-se a precedência das forças espontâneas, animosas, sobrepujantes, reinterpretativas, realinhadoras e formativas cujo efeito ocasiona a "adaptação" (...).¹²⁰ (NIETZSCHE, 2012, p. 316)

No entanto, Nietzsche cria no advento de uma força poderosa, criadora *porque* destruidora, que restauraria o homem em sua dignidade e o tiraria do estado mórbido em que estava estagnado:

¹¹⁹ "(...) *die Verkleinerung und Ausgleichung des europäischen Menschen birgt u n s r e grösste Gefahr, denn dieser Anblick macht müde... Wir sehen heute Nichts, das grösser werden will, wir ahnen, dass es immer noch abwärts, abwärts geht, in's Dünnerere, Gutmüthigere, Klügere, Behaglichere, Mittelmässigere, Gleichgültigere, Chinesischere, Christlichere — der Mensch, es ist kein Zweifel, wird immer 'besser'... Hier eben liegt das Verhältniss Europa's — mit der Furcht vor dem Menschen haben wir auch die Liebe zu ihm, die Ehrfurcht vor ihm, die Hoffnung auf ihn, ja den Willen zu ihn eingebüsst. Der Anblick des Menschen macht nunmehr müde — was ist heute Nihilismus, wenn er nicht d a s ist?... Wir sind d e s M e n s c h e n müde...*"

¹²⁰ "(...) *ja man hat das Leben selbst als eine immer zweckmässigere innere Anpassung an äussere Umstände definirt (Herbert Spencer). Damit ist aber das Wesen des Lebens verkannt, sein W i l l e z u r M a c h t ; damit ist der principelle Vorrang übersehn, den die spontanen, angreifenden, übergreifenden, neu-auslegenden, neu-richtenden und gestaltenden Kräfte haben, auf deren Wirkung erst die 'Anpassung' folgt (...).*"

(...) essa grande *saúde!*... Será ela ao menos possível hoje em dia?... Mas algum dia, em uma época mais forte do que este presente bolorento que duvida de si, ele há de vir, o homem *salvador* do grande amor e do desprezo (...). Esse homem do futuro, que nos salvará tanto do ideal atual quanto *daquilo que teve que brotar dele*, do grande asco, da vontade de nada, do niilismo, esse repicar de sinos do meio-dia e da grande decisão que liberta novamente a vontade, que devolve à Terra o seu propósito e ao homem a sua esperança, esse Anticristo e Antiniilista, esse triunfador sobre Deus e o nada – *ele precisa um dia vir...*¹²¹ (NIETZSCHE, 2012, p. 336)

Porém, deve-se frisar que o que se propõe aqui é uma espera, e não uma intervenção. Nietzsche ainda está sob o poderoso influxo de Schopenhauer, que reconhece que a vida carece de sentido, sendo portanto trágica e negativa:

Quem quer ser justo – eis a convicção conservadora que Thomas Mann, nas *Considerações de um apolítico*, encontrou confirmada igualmente em Nietzsche, mas também em Goethe e Schopenhauer (através da doutrina da liberdade metafísica da vontade) – não pode querer mudar o mundo, devendo assumir um ânimo contemplativo e se entregar à marcha das coisas, considerando o que foi, é e será. Em vez de visar a melhorar o mundo, o justo se empenha em dar "a tudo que é real ou pensado o que é seu" (XII, 500) e deixar as coisas continuar sendo o que são.¹²² (KRISTIANSEN, 1990, p. 265)

Essa postura passiva do intelectual desempenhou forte papel na miséria do desenvolvimento cultural do fim de século. É o que Lukács chama de "interioridade apadrinhada" (*machtgeschützte Innerlichkeit*). Um belo símbolo disso é o

¹²¹ "(...) *dieser grossen Gesundheit!*... Ist diese gerade heute auch nur möglich?... Aber irgendwann, in einer stärkeren Zeit, als diese morsche, selbstzweiflerische Gegenwart ist, muss er uns doch kommen, der *erlösende Mensch der grossen Liebe und Verachtung* (...). Dieser Mensch der Zukunft, der uns ebenso vom bisherigen Ideal erlösen wird, als von dem, *was aus ihm wachsen muss*, vom grossen Ekel, vom Willen zum Nichts, vom Nihilismus, dieser *Glockenschlag des Mittags und der grossen Entscheidung*, der den Willen wieder frei macht, der der Erde ihr Ziel und dem Menschen seine Hoffnung zurückgibt, dieser *Antichrist und Antinihilist*, dieser *Besieger Gottes und des Nichts* — *er muss ein kommen...*"

¹²² "*Wer gerecht sein will — das ist die konservative Überzeugung, die Thomas Mann in den Betrachtungen eines Unpolitischen ebenfalls bei Nietzsche, aber auch bei Goethe und Schopenhauer (durch die Lehre von der metaphysischen Freiheit des Willens) bestätigt fand —, darf nicht die Welt verändern wollen, sondern muß sich kontemplativ stimmen und sich dem Lauf der Dinge im Betrachten dessen hingeben, was war, ist und sein wird. Anstatt auf Weltverbesserung bedacht zu sein, ist der Gerechte bemüht 'jeden Wirklichen oder Gedachten das Seine' (XII, 500) zu geben und die Dinge so gewähren zu lassen, wie sie sind.*"

personagem fáustico de Thomas Mann (Adrian Leverkühn, de *Doutor Fausto*), artista isolado da comunidade, trancado no gabinete de estudos. Os clássicos problemas do complexo fáustico são reduzidos a um quatinho de estudos porque inexistem desde sempre uma ligação entre as buscas do intelectual e a prática social. O gabinete desse novo Fausto está rigidamente isolado, psicológica e moralmente, do mundo ao redor, que ele não busca mais conquistar (como fora o caso na segunda parte do *Fausto* goetheano). A vida subjetiva de Leverkühn é apenas ascese e desprezo pelo mundo. Essa apatia quase monacal pela azáfama do universo externo é a porta de entrada para o diabólico em sua obra e vida. Leverkühn, como Nietzsche, Spengler, Freud e Heidegger, é um dos vultos mais marcantes de tudo que há de fatal na intelectualidade do período imperialista. O desaparecimento do "grande mundo" é um índice geral da cultura das classes dominantes nessa era — cada vez mais uma caricatura da própria *Kultur*.

Assim, o entorno do intelectual se reduziu ao "pequeno mundo" — as preocupações individuais do artista —, implicando a sobrecarga da interioridade espiritual e sentimental, o que frequentemente reverte em tédio, vazio e filisteísmo grotesco ou banal. A atmosfera da "interioridade apadrinhada" da era guilhermina sempre ameaça se transformar em barbárie, em apoio cultural a novos poderes que se prevalecem e se ocupam do "grande mundo" como melhor lhes aprouver. Mas mesmo essa aparente politização do espírito segue se dando no "pequeno mundo", distorcendo e apequenando o conteúdo do "grande mundo" para fazê-lo caber em seu intelectualismo estreito e esotérico. É o caminho que percorreu Wagner, por exemplo: do entusiasmo pelas revoluções de 1848 ao pessimismo erótico de *Tristão e Isolda*, o mito de *O anel do nibelungo*, o idílio vernacular de *Os mestres-cantores de Nuremberg* e o cristianismo místico de *Parsifal*¹²³ dos seus últimos anos.

Há muito de decadentismo nessas inteligências saciadas, expressão de um sentimento compartilhado da caducidade histórica dos meios artísticos e do tédio daí resultante. O declínio do velho humanismo não trouxe um novo humanismo: após as derrotas de 1848, os seres pensantes se recolheram aos gabinetes e bibliotecas, inicialmente como oposição, depois como fuga, hermetismo, esteticismo,

¹²³ "[O] final de um homem mortalmente cansado", nas palavras de Otto Maria Carpeaux (2001, p. 317).

decadentismo etc. Enquanto isso, as tendências reacionárias do mundo capitalista urdiam sua obra surdamente, pelo subsolo, alterando o teor e a forma dessa atividade aparentemente só interior dos artistas:

(...) o culto do inconsciente, a psicologia profunda, a mitificação da vida interior etc. são, em todas as suas diferentes formas artísticas e atitudinais, modos de manifestação dessa autodistorção do mundo interior.¹²⁴ (LUKÁCS, 1957, p. 83)

Isso se deu internacionalmente, sendo a Alemanha apenas um caso especialmente trágico-grotesco. Daí tantos líderes da reação moderna, como Schopenhauer, Nietzsche, Wagner, Freud e Heidegger, serem austro-germânicos: essa região não passara por todas as fases da vida social em comum da cultura humanista burguesa. O resultado foi que se cumpriu a profecia de Marx: "Portanto, numa bela manhã, a Alemanha se encontrará no nível da decadência europeia sem jamais ter estado no nível da emancipação europeia"¹²⁵.

Consequentemente, Thomas Mann não estava sozinho: trata-se de uma fase necessária do fatídico desenvolvimento da cultura da época. Um caso parecido foi o do austríaco Robert Musil (1880–1942), que dá sinais de ter passado por uma conversão de apolítico a democrata somente após percepções e decepções semelhantes. Em um ensaio de 1913, *Credo político de um jovem*, Musil começa declarando que também ele teve uma formação de apolítico:

Nunca antes me interessei por política. As pessoas metidas com política, deputados ou ministros, pareciam-se com os serviçais de casa que cuidam dos assuntos triviais da vida, zelando para que o pó não se acumule e que a mesa seja posta na hora certa. Naturalmente, elas cumprem os seus deveres tão mal quanto todos os serviçais, mas desde que o essencial funcione, ninguém se mete. Quando por vezes eu lia o programa de um partido político ou os discursos do parlamento, a leitura apenas confirmava

¹²⁴ "(...) *der Kult des Unbewußten, die Tiefenpsychologie, die Mythisierung des Innenlebens usw. sind in allen ihren verschiedenen weltanschaulichen und künstlerischen Formen Erscheinungsweisen dieser Selbstverzerrung der Innenwelt.*"

¹²⁵ "*Deutschland wird sich daher eines Morgens auf dem Niveau des europäischen Verfalls befinden, bevor es jemals auf dem Niveau der europäischen Emanzipation gestanden hat.*" (apud LUKÁCS, 1957, p. 83, sem indicação de fonte)

minha visão de que essa era uma atividade humana totalmente subalterna, que não deveria ter o poder de nos comover internamente.¹²⁶ (MUSIL, 1913, s. p.)

Temos aí, em tom quase zombeteiro, uma boa síntese do mesmo menoscabo do *Bürger* quanto ao reino da política na época: uma atividade reles, necessária, mas que está longe de ferir cordas mais profundas do ser.

No entanto, após essa atitude inicial na juventude, Musil passou por um reposicionamento:

O pensamento que me trouxe à mudança talvez pareça ridículo. É breve e simples: ele me dizia — tu mesmo já és, naquilo que almejas, uma criatura da democracia, e o futuro só pode ser alcançado através de uma democracia mais pura e potencializada. (MUSIL, 1913, s. p.)

Apesar de sentir um si um ressaibo aristocrático que se nega a admitir que todos os homens são iguais, reconhece que

a democratização da sociedade que se processou nos últimos dois séculos viabilizou a cooperação de seres humanos em número maior que nunca, e que, nesse número maior — ao contrário do que diz o preconceito aristocrático — ocorreu uma seleção mais relevante de talentos.¹²⁷ (MUSIL, 1913, s. p.)

Musil também está agudamente ciente do descompasso entre a política qual praticada na sua época e as promessas do idealismo, escamoteadas pois relegadas à *Bildung*, sem uma implementação social:

¹²⁶ "Ich habe mich nie früher für Politik interessiert. Der politisierende Mensch, Abgeordneter oder Minister, erschien mir wie ein Diensthote in meinem Haus, der für die gleichgültigen Dinge des Lebens zu sorgen hat; daß der Staub nicht zu hoch liegt und daß das Essen zur Zeit fertig sei. Er erfüllt seine Pflicht natürlich so schlecht wie alle Diensthoten, aber solange es angeht, mischt man sich nicht ein. Las ich zuweilen das Programm einer politischen Partei oder die Reden des Parlaments, so wurde ich in der Ansicht nur bestärkt, daß es sich hier um eine ganz untergeordnete menschliche Tätigkeit handle, der nicht im geringsten erlaubt werden dürfe uns innerlich zu bewegen."

¹²⁷ "(...) durch die Demokratisierung der Gesellschaft, die in den letzten zweihundert Jahren stattgefunden hat, eine größere Zahl Menschen als je zur Mitarbeit gelangt ist und daß unter dieser größeren Zahl – entgegen dem aristokratischen Vorurteil – die Auslese an Begabung größer ausfiel."

Entrementes, fazemos política, pois não sabemos nada. Prova-o com clareza a maneira como a fazemos. Nossos partidos existem pelo medo da teoria. A cada ideia, pensa o eleitor, sempre se pode opor uma outra ideia. Por isso, os partidos protegem uns aos outros da meia dúzia de ideias velhas que herdaram. Não vivem daquilo que prometem, mas de frustrar as promessas dos outros. Essa é a sua tácita comunidade de interesses. Chamam de *Realpolitik* esses impedimentos mútuos que permitem atingir apenas algumas pequenas metas práticas.¹²⁸ (MUSIL, 1913, s. p.)

O resíduo humano desse contexto é um homem irrequieto e perdido no vácuo moral e existencial:

Lembrei do jardim zoológico de Roma, não longe daquela igreja; tudo me parecia como ele. Lá, um animal anda para lá e para cá, para lá e para cá. Preso sem grades. Vi-o ontem. Não seria isso também o homem: um animal que se desgarrou do espaço cósmico, vindo parar aqui? Preso sem grades. Para lá e para cá. Para lá e para cá. Não entende por que não consegue escapar.¹²⁹ (MUSIL, 1913, s. p.)

Em outro escrito, de 1918, Musil faz observações cruciais sobre a origem do conflito de 1914 como um produto do *spleen* levado até o paroxismo. Citemo-lo mais extensamente com um trecho que formula, no calor do momento, as consequências de muito do que expusemos na seção 3.1:

Quem quiser saber como alcançar a paz deve afinal se perguntar como chegamos à guerra. Penso que a resposta mais correta é: porque estávamos fartos da paz. Antes de 1914, todos encarávamos a guerra como um ídolo pagão no qual nenhuma pessoa razoável realmente acreditava, embora concordasse com a manutenção de seu culto apenas para não privar de sua subsistência a indústria do templo (metalúrgicas, fábricas de canhões, estaleiros, oficiais etc.). Mesmo assim, a guerra não surgiu da

¹²⁸ "Einstweilen treiben wir Politik, weil wir nichts wissen. Es zeigt sich deutlich, darin, wie wir es tun. Unsre Parteien existieren durch die Angst vor der Theorie. Gegen die Idee, fürchtet der Wähler, läßt sich stets eine andre Idee einwenden. Darum schützen sich die Parteien gegenseitig vor den paar alten Ideen, die sie ererbt haben. Sie leben nicht von dem, was sie versprechen, sondern davon, die Versprechen der andern zu vereiteln. Das ist ihre stillschweigende Interessengemeinschaft. Sie nennen diese gegenseitige Behinderung, die nur kleine praktische Ziele erreichen läßt, Realpolitik."

¹²⁹ "Mir fiel der Giardino zoologico ein, nicht weit von der Kirche; so erschien mir alles. Ein Tier geht dort auf und ab, auf und ab. Ohne Gitter eingeschlossen. Ich habe es gestern gesehn. Ist es nicht wirklich so, der Mensch ein Tier, aus dem Weltraum hier verfangen? Eingeschlossen ohne Gitter. Auf und ab. Auf und ab. Versteht nicht, warum es nicht hinaus kann?"

noite para o dia, mas suscitou um entusiasmo durável em todos, com escassas (e nem sempre honrosas) exceções.

Já antes da guerra se previa uma explicação para isso, por meio da sugestão e da psicose das massas. Essa explicação poderia ser aplicada agora com não menos legitimidade do que para qualquer experiência passional; o estranho foi precisamente que tudo isso não parecia ser um deslocamento, uma distorção ou diminuição do ponto de vista interior, mas o acréscimo de uma nova força. Para explicar aquilo, seria necessário lançar mão de suposições muito incertas a respeito da psicologia das massas, por exemplo, a ideia de que a alma coletiva sucumbe a delírios cíclicos, sem que conheçamos muito sobre esses estados delirantes nos interregnos. Embora esse tipo de suposição pareça ser justificado pela observação da eterna e uniforme periodicidade histórica das guerras, falta-lhe o substrato que nos permita pensá-la, qual seja, a objetividade do conceito de alma das massas. Portanto, sobra como explicação do estado passional no início da guerra apenas a tese da catástrofe, da explosão terminal de uma situação europeia preexistente que há muito estava preparada.

Uma vez que o fenômeno foi o mesmo entre amigos e inimigos, a causa deve ser de ordem europeia. Uma vez que não se trata de um fenômeno isolado e único, mas de algo que se repete regularmente na história mundial, ele não pode ter causas ocasionais e contingentes: elas devem se situar na região dos valores eternos e das formas de existência permanentes. Isso já basta para entender que não é o capitalismo a causa da guerra, tampouco o nacionalismo, mas que esses fatores, normalmente considerados responsáveis pela guerra, são no máximo causas intermediárias ou estágios preliminares (como um catarro dos olhos pode preceder uma inflamação da garganta). A mesma coisa que causou a guerra causa também aqueles epifenômenos (capitalismo e nacionalismo): a falta de um conteúdo mais elevado para a vida. Podemos reduzir a guerra à seguinte fórmula: morremos pelos seus ideais porque não vale a pena viver por eles. Ou: para o idealista, é mais fácil morrer do que viver.

Uma tremenda calma pairava sobre a Europa, atingindo na Alemanha sua maior pressão atmosférica. Religião: morta. Arte e ciência: assuntos esotéricos. Filosofia: praticada apenas como ciência de conhecimento positivo. Vida familiar: de dar bocejos (sejamos francos!). Entretenimento: ruidoso, como para afastar o sono. Quase todos os homens: reduzidos a operários de precisão que não sabem fazer nada além de alguns gestos ensaiados. E, em tudo isso, cada indivíduo formando o centro do universo graças à imprensa e às ferrovias, sem saber fazer nada com essa posição privilegiada. Política: um comércio a conta-gotas de ideias de antanho. O que, afinal, vale a pena ser vivido na vida dessa gente?: o homem de 1914 literalmente morria de tédio! Foi por isso que a guerra o alcançou com a embriaguez de uma aventura, com o fulgor de longínquas praias ainda virgens. Por isso ela foi uma experiência religiosa até para os incrédulos, uma experiência de união para os reclusos. O que no imo era uma forma de organização vital suportada de mau grado – dissolveu-se, o ser humano se fundiu em outros seres humanos, vagueza em vaguezas, ninguém mais pensava, Deus seja louvado, em partidos, embalados na esperança de poder esquecer também o Eu e o Tu e todas as organizações que se tecem em torno de indivíduos. Foi a revolução encerrando uma evolução estagnada.

Na Alemanha isso tomou uma forma peculiar, cuja importância merece menção específica e que poderia ser resumida na fórmula mais sucinta: PP – CM (paz imposta pelo poder – comunhão mundial). Não estou exagerando: PP – CM é a religião e o etos da comunidade alemã, ela é o imperativo em estado de delírio raivoso e o cerne do seu militarismo.

Traduzida em linguagem humana, a fórmula típica “Será feito” significa: afinco. É o único valor ético que a nova Alemanha cunhou e impregnou em cada alemão. Já se escreveu bastante sobre isso, sobre o laivo de americanismo que assim se anuncia e outros assuntos do tipo – eu apenas gostaria de sublinhar que também as velhas virtudes alemãs da retidão, da alegria de viver, do espírito comunitário, da força etc. encontram-se amalgamadas nesse afinco. Em nível amplo: organização da indústria e do comércio; em nível amplo e glorioso: o militarismo. Quem torcer o nariz para isso nunca irá entender o quanto de idealismo cru, bronco, mas também valioso há nesse ideal. Vou ainda além e considero esse afinco a contribuição mais elevada que um Estado pode fazer.

Olhando a Alemanha por um momento com o aparelho sensório do estrangeiro benevolente no campo inimigo, eu diria: a Alemanha é o formigueiro mais estupendo e mais promissor que existe; mas seus indivíduos são formigas cinzentas, sem graça, laboriosas. Compare-o com o inglês, com os latinos – o único molde humano de valor e graça que a Alemanha produziu é o oficial. Nele, o alemão tem prumo e postura. Suas realizações são formidáveis. Ele é de fato (em termos sóbrios e científicos) o tipo ideal do alemão.

E aqui começa o dilema do final da guerra. Exige-se de nós que renunciemos ao militarismo, e isso não é um truque de propaganda, mas um desgosto que atinge com instinto certo a essência do modo de ser alemão. Exige-se que abramos mão do ideal do alemão médio justo quando ele apresenta as provas mais altas do seu afinco? Essa exigência equivale realmente a uma emasculação. E ela não faz nenhum sentido, pois o militarismo ter se tornado o ideal alemão é, como vimos, menos um erro alemão do que um erro europeu.¹³⁰ (MUSIL, [1918], s. p.)

¹³⁰ "Auch muß man, wenn man wissen will, wie man zum Frieden kommt, sich endlich einmal die Frage vorlegen, wie man zum Krieg gekommen ist. Ich glaube, die richtigste Antwort darauf ist: weil wir den Frieden satt hatten. Wir hatten ja doch vor 1914 den Krieg für einen heidnischen Götzen gehalten, an den kein vernünftiger Mensch glaubt, dessen Kult bloß nicht eingestellt wird, um die Tempelindustrie (Eisenwerke, Kanonenfabriken, Schiffswerften, Offiziere, usw) nicht ihres Daseinsgrundes zu berauben. Trotzdem war er nicht nur über Nacht da, sondern begeisterte mit wenigen (durchaus nicht durchwegs besseren) Ausnahmen alle.

Dafür hatte man schon vor dem Krieg eine Erklärung vorgesehn, die durch Suggestion und Massenpsychose. Aber mit nicht größerer Berechtigung als auf jedes leidenschaftliche Erleben hätte man sie hier anwenden können; das seltsame war ja gerade, daß es sich innerlich um keine Verschiebung, Verzerrung und Minderung zu handeln schien, sondern um das Hinzutreten einer neuen Kraft. Man müßte denn rein zur Erklärung sehr unsichere Annahmen über die Massenseele machen, wie die, daß sie einem gewissen zirkulären Irwerden unterworfen sei und in der Zwischenzeit zwischen ihren Erregungszuständen von diesen nicht viel wisse. Wenn eine solche Annahme auch durch die geschichtliche Betrachtung der ewigen und gleichförmigen Periodizität der Kriege verblüffend nahegelegt wird, so fehlt ihr doch zur Denkbarkeit das Substrat, nämlich die dingliche Realität des Begriffes Massenseele. So bleibt zur Erklärung der Leidenschaft des Kriegsausbruches wirklich nur die Annahme, daß es sich um eine Katastrophe, um die Endexplosion einer europäischen Lage gehandelt hat, die schon lange vorbereitet war und bestand.

Da die Erscheinungen bei Freund und Feind gleich waren, muß die Ursache eine europäische sein. Da es sich nicht um eine einmalige, sondern um eine in der Weltgeschichte regelmäßig wiederkehrende Erscheinung handelt, kann sie keine Gelegenheitsursachen haben, sondern die Ursachen müssen gerade in der Gegend der ewigen Werte und der gleichgebliebenen Daseinsformen liegen. Es folgt schon daraus, daß der Kapitalismus nicht die Ursache des Kriegs sein kann und ebensowenig der Nationalismus, sondern daß diese beiden, gewöhnlich verantwortlich Gemachten, höchstens Zwischenursachen sind oder Vorstadien (wie ein Augenkatarrh mitunter einer Halsentzündung vorausgeht) Das gleiche, was den Krieg verursacht hat, verursacht auch sie, der Mangel eines höheren Lebensinhaltes. Man kann den Krieg auf die Formel bringen: Man stirbt für

Nessa poderosa síntese, Musil identifica no tédio das décadas que precederam à guerra o combustível maior da histeria bélica e da esperança de redenção através da destruição.

Opiniões concordantes circulavam também informalmente. O conde Harry Kessler (1868–1937), diplomata e homem do mundo que registrou toda uma vida de articulação cultural e política em seus diários, anota o seguinte em Berlim, em 22 de dezembro de 1908:

seine Ideale, weil es sich nicht lohnt für sie zu leben. Oder: Es ist als Idealist leichter zu sterben als zu leben.

Eine ungeheure Flaute lag über Europa und wurde wohl am drückendsten in Deutschland empfunden. Religion tot. Kunst u Wissenschaft eine esoterische Angelegenheit. Philosophie nur als Erkenntniswissenschaft betrieben. Familienleben zum gähnen (aufrichtig gestanden!) Vergnügungen lärmend, wie um sich vor dem Einschlafen zu schützen. Fast jeder Mensch ein Präzisionsarbeiter, der nur ein paar Handgriffe auszuführen weiß. Dabei jeder durch Zeitung, Eisenbahn in den Mittelpunkt der Erde gesetzt ohne etwas damit anfangen zu können. Politik ein Kleinverschleiß von gewesenen Ideen. Was Lebenswertes gibt es in einem solchen Menschenleben?: Dieser Mensch von 1914 langweilte sich buchstäblich zum Sterben! Deshalb kam der Krieg mit dem Rausch des Abenteuers über ihn, mit dem Glanz ferner unentdeckter Küsten. Deshalb nannten ihn solche, die doch nicht geglaubt hatten, ein religiöses Erlebnis, nannten ihn die Vermauerten ein einigendes Erlebnis. Die im Innersten ungern ertragene Organisationsform des Lebens zerging, Mensch verschmolz mit Menschen, Unklarheit mit Unklarheit, man kannte, Gott gedankt, keine Parteien mehr und hoffte bald Ich und Du und alle darum herum geknüpften Gebilde auch nicht mehr zu kennen. Es war die Revolution als Ende einer gestockten Evolution.

In Deutschland nahm das eine besondere Form an, die ihrer Wichtigkeit halber auch gesondert genommen werden muß, ich nenne sie mit ihrer kürzesten Formel: M. W. Ich übertreibe nicht: M W ist Religion und Ethos der deutschen Gemeinschaft es ist ihr toll gewordener Imperativ und es ist der Kern ihres Militarismus. In ein menschliches Wort übersetzt heißt dieses Machen wir: Tüchtigkeit. Es ist der einzige ethische Wert, den das neue Deutschland ausgeprägt und jedem Deutschen eingepreßt hat. Es ist ja genug darüber geschrieben worden, über den Einschlag von Amerikanismus, der sich so anzeigt udgl. – ich möchte nur betonen, daß auch die alten deutschen Tugenden der Rechtschaffenheit, der Lebensfreude, des Gemeinsinns, der Kraft usw. verschmolzen darin ruhen. Im Großen Organisation der Industrie und Kaufmannschaft, im Großen und Glänzenden der Militarismus. Wer über dieses Wort nur die Nase rümpft, wird nie verstehen, wieviel roher, klotziger aber wertvoller Idealismus in ihm steckt. Ich gehe noch weiter und halte diese Tüchtigkeit überhaupt für die höchste Leistung, die ein Staat schaffen kann.

Wenn ich Deutschland für einen Augenblick mit den Sensorien eines wohlwollenden feindlichen Ausländers betrachten darf, so würde ich sagen: es ist der wundersamste und zukunftsreichste Ameisenbau, den es gibt, aber der Einzelne darin ist eine graue, reizlose, arbeitsame Ameise, cf. den Engländer, Romanen – Die einzige Menschenschablone von Wert und Reiz, die Deutschland erzeugt hat, ist der Offizier. In ihm hat der Deutsche Haltung. Seine Leistungen sind wunderbar. Er ist wirklich (wissenschaftlich nüchtern gemeint) der Idealtypus des Deutschen.

Und da setzt das Dilemma des Kriegsendes ein. Daß man von uns verlangt, den Militarismus preiszugeben, ist keine Propagandamache, sondern instinktiv ins Wesen treffende Abneigung gegen deutsche Art. Wir sollen das Ideal des Durchschnittsdeutschen preisgeben im Augenblick, wo es die höchsten Proben seiner Tüchtigkeit abgelegt hat? Diese Forderung läuft wirklich auf eine Entmannung hinaus. Und ist ganz sinnlos, denn daß der Militarismus zum deutschen Ideal avancierte, ist, wie wir gesehen haben, kein deutscher Fehler, sondern ein europäischer gewesen."

Visitei a sra. Richter, onde estavam Musch e Reinhold. Reinhold acha que hoje em dia uma guerra não seria tão terrível para desatolarmos do pântano interno. Observo isso porque sinto-me surpreendido ao ouvir essa opinião com cada vez mais frequência aqui. Nostitz, por exemplo, me disse algo semelhante; o pequeno Klinckowström em Potsdam também. Sem dúvida, um partido da guerra está lentamente se desenvolvendo aqui.¹³¹ (KESSLER, 2013, p. 477)

A referência ao "pântano interno" lembra o palavreado usado por Joachim Ziemßen na conversa no restaurante (seção 2.4). Porém, o que na cena de *A montanha mágica* aparenta ser apenas uma frustração individual é aqui extrapolado para um tédio coletivo ansioso pela *hybris* catártica.

Retrospectivamente (17 de agosto de 1918), Kessler chega a conclusões semelhantes às de Musil quanto à semente malsã que a paz precária do início do século encerrava:

[Após listar refinados objetos de arte e cultura que reencontra em sua casa em Weimar:] Quão monstruosamente o destino brotou dessa vida europeia – precisamente dela –, assim como a segunda tragédia mais sangrenta da História surgiu da imitação de pastores e do espírito leve de Boucher e Voltaire. Todos nós sabíamos que aquela era rumava não a uma paz mais sólida, mas à guerra; porém, ao mesmo tempo não sabíamos. Era uma espécie de sentimento flutuante que, como uma bolha de sabão, subitamente estourou e desapareceu, sem deixar traços, quando as forças infernais que fervilhavam em seu seio chegaram ao ponto.¹³² (KESSLER, 2013, p. 858)

No capítulo final, voltaremos à montanha mágica, agora munidos de mais informações sobre o clima cultural em que se situa a trama, para reinterpretarmos a

¹³¹ "I went to Frau Richter's, where there was Musch und Reinhold. Reinhold believes that to get out of the inner swamp a war today would not be so terrible. I note that because I am surprised to hear this view more and more frequently here. Nostitz, for example, said to me something similar, the little Klinckowström in Potsdam as well. Without a doubt a war party is developing slowly here."

¹³² "How monstrously did fate reared up from this European life — precisely from it — just like the second bloodiest tragedy of history arose from the playing at shepherds and the light spirit of Boucher and Voltaire. That the age was heading not toward a more solid peace but toward war we all actually knew, but didn't know at the same time. It was a kind of floating feeling that like a soap bubble suddenly burst and disappeared without a trace when the hellish forces that were bubbling up in its lap were ripe."

instabilidade temporal de Hans Castorp e seus colegas de sanatório à luz desse contexto.

4. A doença crônica

Para Lukács, Mann é sempre um realista: sua criação nunca ultrapassa a realidade, que é a Alemanha do *Bürger*. É um escritor carente de utopias ou projeções de futuro irrealizáveis. Nisso, é o antípoda de Goethe¹³³, o escritor que se via no início da era burguesa cujo fim Thomas Mann representa, e dá provas da sua integridade ético-artística e da fidelidade da sua representação mimética do mundo (o "é" em vez do "deve ser"): representa-o por inteiro, em toda a sua problemática, e o faz impondo perguntas, sem as responder (ou as respondendo por rodeios). É um espelho do mundo como ele é — sem a projeção de um estado moral universal — através de uma consciência burguesa que atingiu seu ápice. Portanto, Mann representa o grau mais apurado de autorreflexão literária da sua classe na época.

Consequência direta disso é que o autor estava convencido de que a essência do homem moderno reside em sua *Bürgerlichkeit* ("burguesidade", mal-traduzindo). "A busca pelo *Bürger*"¹³⁴ era a raiz de todas as questões presentes e futuras que o ocupavam. Seus escritos maiores da primeira fase, pré-*Montanha mágica* (*Os Buddenbrooks*, *Tristão*, *Tonio Kröger* e *A morte em Veneza*), são todos embates com essa questão. Neles, os protagonistas são ovelhas desgarradas de estirpes em derrocada, portadores tardios de uma cultura burguesa que já foi o orgulho da Alemanha, mas incapazes de renová-la. O solapamento dos princípios de vida formativos da classe (dever, profissão, fé; todos componentes da ética-estética da compostura [*Haltung*] do *Bürger*) causa a desagregação das suas personalidades, via de regra desembocando em uma morte inglória (Thomas Buddenbrook¹³⁵, Gustav Aschenbach, Hans Castorp). Essa moral do *Haltung* está

¹³³ Por exemplo, nas visões de futuro que este apresenta no *Fausto II* e nos *Anos de peregrinação de Wilhelm Meister* (a "Província Pedagógica" deste último é parodiada no sonho de Hans Castorp em *Neve*, nos parece).

¹³⁴ Título do ensaio de Lukács, *Auf der Suche nach dem Bürger* (1945, aqui citado pela edição revisada de 1957).

¹³⁵ Ao seu homônimo Thomas Mann reserva as seguintes linhas, retiradas de *Considerações de um apolítico*: "(...) o sofredor que resistiu bravamente, o moralista e 'militarista' conforme o meu sentimento, o burguês tardio e complicado cujos nervos não estão mais à vontade em sua esfera, o corregente de uma aristocrática democracia urbana, que, agora moderno e dubitativo, de gosto não tradicional e necessidades crescentemente europeizadas, há muito começou a estranhar e — ridicularizar o seu entorno, o qual permaneceu mais saudável, mais estreito e mais autêntico". ("[...]

intimamente ligada às condições de vida dos mais sinceros intelectuais guilherminos prussificados. Nisso, Thomas Mann traça uma linha de continuidade a partir da produção tardia de Theodor Fontane (1819–1898), que também admira a contenção prussiana, a superação da miséria da vida burguesa, mas igualmente critica ferozmente esse mesmo tipo, cômico da sua fragilidade interna.

É dessa contradição que nascem os famosos "tipos mistos" de Thomas Mann: os descendentes dos antigos *Bürger* acrílicos, agora levados pela estética decadente e pela sensibilidade do nascente século XX a uma posição medial entre os polos artista x burguês. São os personagens mais marcantes da primeira fase de Mann: Thomas e Hanno Buddenbrook, Tonio Kröger, Gustav Aschenbach. Esses *Bürger* desencaminhados anseiam pela vida normal das pessoas singelas e sem pretensões (os Hans Hansen e Ingeborg Holm de *Tonio Kröger*, por exemplo). Estes simplórios, porém, têm tão pouco a ver com a *Kultur* do idealismo alemão que exploramos mais acima quanto os capitalistas emergentes da nova mentalidade industrial (os Hagenström, em *Os Buddenbrooks*, ou o sr. Klöterjahn, em *Tristão*). Assim, ironicamente, são as "ovelhas desgarradas", os conflituosos estetas de classe média, que terminam sendo os precários portadores da ética do *Bürger*. Em sua dupla qualidade, onde nem a realização artística, nem a probidade burguesa alcança plenitude, essas figuras se revelam postizas e insuficientes¹³⁶. Na soma da sua produção pré-guerra, o que Thomas Mann emite é um lúcido e cruel autoverdicto.

Conforme Lukács, a obra ficcional de Mann guarda um privilégio em relação à sua ensaística para desvendar as questões atuais que o inquietavam e que tentamos revelar neste trabalho. Na seguinte observação, o crítico húngaro argumenta que a ficcionalização executa uma correção nas tendências ideológicas

dem Leidenden, der tapfer standgehalten, dem Moralisten und 'Militaristen' nach meinem Herzen, dem späten und komplizierten Bürger, dessen Nerven in seiner Sphäre nicht mehr heimisch sind, dem Mitregenten einer aristokratischen Stadtdemokratie, welcher, modern und fragwürdig geworden, unherkömmlichen Geschmacks und von entwickelt europäisierenden Bedürfnissen, die gesunder, enger und echter gebliebene Umgebung zu befremden und — zu belächeln längst begonnen hat."; MANN, 2013, p. 80)

¹³⁶ Em *Alteza Real*, que contempla um estrato social mais raro em Thomas Mann (a nobreza governante, ainda que com contornos feérico-alegóricos, no caso), os príncipes Albrecht e Klaus Heinrich sofrem de uma crise semelhante: o formalismo da *Haltung* se dissolve na consciência da inocuidade do seu caráter representativo, sem capacidade real de transformar a realidade.

equívocas do artista literário, cabendo à produção ficcional a primazia na interpretação do verdadeiro posicionamento dele:

Ao nosso parecer, é sempre errado partir das afirmações teóricas dos escritores significativos ao interpretar as suas obras. A relevância dessas obras para a literatura universal quase sempre consiste em que aqueles conflitos da sua época que, nos ensaios ousados e desassombrados do seu pensamento só chegam, na melhor das hipóteses, a uma antinomia francamente expressa e frequentemente deixam o sim e o não convivendo lado a lado – ou até mesmo se petrificam em posições ora erradas, ora reacionárias –, recebem nas obras a máxima forma de movimento possível para tais problemas na realidade histórica dada.¹³⁷ (LUKÁCS, 1958, p. 13-14)

Para o teórico, Thomas Mann é um daqueles escritores cuja ficção é um "espelho do mundo": sua *Weltanschauung* está inextricavelmente ligada à sua obra criativa. Sigamos essa orientação para, partindo dos dados que recolhemos nos capítulos anteriores, estender o "diagnóstico" das limitações do personagem ficcional Hans Castorp — e da geração da qual ele é símbolo — a um veredicto de sua era no mundo real.

Hans Castorp, apesar de não ser um artista¹³⁸ como Aschenbach ou Tonio Kröger, é um firme representante do *Bürger* guilhermino. Como o próprio Thomas Mann, descende de uma família tradicional de atacadistas e senadores de uma pujante cidade do norte da Alemanha, com um passado venerável de autonomia e prosperidade (Hamburgo, no caso de Castorp; Lübeck, no caso de Mann). Castorp se dedica a uma carreira universitária de grande importância para o jovem Império Alemão: engenharia naval. É, portanto, um homem da nova ordem, tecnocrática e expansiva, destinado a construir a frota mercantil e bélica da sua pátria.

¹³⁷ "Es ist unseres Erachtens immer falsch, bei der Interpretation der Werke bedeutender Schriftsteller von deren theoretischen Aussagen auszugehen. Die weltliterarische Bedeutung solcher Werke besteht nämlich fast immer darin, daß jene Konflikte ihrer Zeit, die in den kühnen, unerschrockenen Versuchen ihres Denkens bestenfalls nur bis zu einer ehrlich ausgesprochenen Antinomik gediehen sind und oft das Ja und Nein unvermittelt nebeneinander stehenlassen oder gar zuweilen bei falschen, zuweilen bei reaktionären Stellungnahmen erstarren, in den Werken die höchste Bewegungsform erhalten, die für solche Probleme in der gegebenen historischen Wirklichkeit möglich ist."

¹³⁸ Observe-se, porém, que o que lhe sugere a faculdade de engenharia naval é a habilidosa aquarela de um navio...

No entanto, a passagem analisada na seção 2.6 tempera esse quadro com um grão de dubiedade. A parte da Tabela 6 que vai da nossa transição resumida (entre colchetes) até o fim foi toda interpolada em junho de 1919¹³⁹, após a interrupção pela guerra e pela redação de *Considerações de um apolítico*. A essa altura, *A montanha mágica* já tinha evoluído da concepção original (um conto cômico como contraponto à tragédia de *A morte em Veneza*) a algo bem mais complexo. Agora, a singeleza de Hans Castorp (sua conformidade social autossatisfeita e atitude minimalista para com o trabalho)

é atribuída menos a uma lassidão temperamental do que a um sentimento obscuro de que o que o mundo da sua juventude tinha a oferecer não merecia o envolvimento completo das suas qualidades e talentos. O que provavelmente fora concebido de início como uma ociosidade amorável foi traduzido em um sintoma de uma perceptividade especial, mesmo que, até então, apenas subliminar (...).¹⁴⁰ (BEDDOW, 2004, p. 141)

Esse comentário crítico encontra apoio nas anotações de diário do autor: em 9 de junho de 1919, Mann anota que o capítulo correspondente

necessita ainda de melhoria, é preciso demonstrar como H. C. é determinado espiritualmente pelo seu tempo, sua indiferença intelectual-moral, sua falta de fé e de perspectivas.¹⁴¹ (*apud* MANN, 2002b, v. 2, p. 142.)

Três dias depois, a preocupação segue a mesma:

A alusão à situação espiritual em que os jovens, mais ou menos conscientemente, encontravam-se antes da guerra seria de qualquer forma

¹³⁹ Cf. MANN, 2002b, v. 2, p. 142.

¹⁴⁰ "(...) *are now attributed less to temperamental lassitude than to an obscure sense that what the world of his youth had to offer did not merit the full engagement of his qualities and talents. What was probably first conceived as amiable idleness was translated into a symptom of special, if as yet only subliminal, perceptiveness (...).*"

¹⁴¹ "(...) *'bedürfe noch der Verbesserung, man müsse H. C.'s geistige Zeitbestimmtheit, seine geistig-sittliche Indifferenz, Glaubenslosigkeit und Aussichtslosigkeit zeigen.*"

uma motivação a mais para a aventura dos 7 anos.¹⁴² (*apud* MANN, 2002b, v. 2, p. 142-3)

Esse caráter representativo de Hans Castorp adquire manifestação sintomática quando ele realiza a viagem em que o flagramos no Primeiro Capítulo. Na montanha mágica, o herói deixa para trás as perspectivas de vida socialmente inserida que se lhe apresentavam (profissão, atuação política¹⁴³, constituição de família, assunção de deveres e papéis tradicionais na disciplinada ordem social a que pertence) para fazer um experimento de irresponsabilidade, um namoro perigosíssimo com a ociosidade, o proibido, o aliciante. Ou, para usar dois *leitmotive* geoétnicos de *A montanha mágica*: afasta-se da Espanha (rigor, disciplina férrea, mortificação da carne, observância religiosa, obediência cega) e se aproxima da Rússia (lassidão, maneiras descontraídas, liberdade de costumes, desprezo pelas convenções e administração frouxa do tempo). Abaixo, argumentaremos que é a nova relação com o tempo, como vista no Capítulo 1, o principal agente desse processo.

Christian Hick, em um texto perspicacíssimo, denomina *A montanha mágica* uma "patografia do tempo"¹⁴⁴. Em sua análise, funde de maneira convincente duas das três linhas-mestras de interpretação que Paul Ricœur (vide Capítulo 1 acima) propõe para a obra: o romance temporal e o romance da doença e da decomposição. *A montanha mágica* seria, além de um romance do tempo em duplo sentido, o romance de uma doença temporal (*Zeiterkrankung*) em duplo sentido:

Visto historicamente, seu tema é a doença temporal da época, a estagnação (sentida como sem saída) de uma era pré-guerra. Porém, em um segundo plano, existencial, seu tema é o fracasso da plasmação do

¹⁴² "Für das Abenteuer der 7 Jahre wäre die Andeutung der geistigen Situation, in der ein junger Mensch sich mehr oder weniger bewußt vor dem Kriege befand, immerhin eine Motivierung mehr."

¹⁴³ Diretamente, no caso de Castorp, descendente de homens públicos da cidade livre de Hamburgo (cf. MANN, 2017, p. 54).

¹⁴⁴ "Pathographie der Zeit" (HICK, 2003, p. 1).

tempo humana, uma *doença* temporal, que encontra sua "crise solene" na vertigem/engodo do eterno presente.¹⁴⁵ (HICK, 2003, p. 3)

O primeiro quesito aí citado faz coro ao nosso Capítulo 3, onde interpretamos alguns escritos atinentes ao *Zeitgeist* imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial e concluímos que ele consistia, em larga medida, em um enfado coletivo, sequioso de uma mudança drástica que injetasse sangue novo no corpo sociopolítico. Resta ainda, porém, investigar melhor o segundo, aquilo que Hick chama de "fracasso da plasmação do tempo".

Por sua condição de saúde periclitante, os pacientes do Berghof têm suas perspectivas de futuro nubladas nos dois planos espaciais que informam o romance, estando um condicionado ao outro: a incerteza do prazo do tratamento médico, na montanha, acarreta a negligência por tempo indefinido dos seus afazeres, na planície. Seu futuro como entes tanto individuais quanto sociais — "suas metas, objetivos, esperanças e perspectivas"¹⁴⁶ — é esvaziado. Na montanha mágica, onde impera a vertigem/engodo (*Schwindel*, no trocadilho de Hick) circular do eterno retorno, sem direção, os horizontes de esperança animados de vida do futuro legítimo pereceram. Esses tuberculosos, desprovidos de qualquer certeza sobre a continuação da sua vida social e cívica "lá embaixo", tiveram seu futuro subtraído e só conseguem viver em um circuito temporal fechado, sem verdadeiro "antes" e "depois", "hoje" e "amanhã":

é sempre o mesmo dia a se repetir; mas como é sempre o mesmo, no fundo é pouco correto falar de "repetição"; com mais propriedade falar-se-ia em mesmice, um agora estático ou eternidade. (...) e o que se desvela como verdadeira forma do ser é um presente sem extensão (...). (MANN, 2017, p. 256)

¹⁴⁵ "Historisch betrachtet ist sein Thema die Zeitkrankheit der Epoche, die als ausweglos empfundene Stagnation einer Vorkriegszeit. Auf einer zweiten, existentiellen Ebene aber ist sein Thema das Versagen menschlicher Zeitgestaltung, eine Zeiterkrankung, die im Schwindel ewiger Gegenwart zu 'festlichem Ausbruch' kommt."

¹⁴⁶ MANN, 2017, p. 50.

Mais que da enfermidade pulmonar, são pessoas que padecem de uma outra afecção crônica — uma doença propriamente "crônica" (*cronos*), a alteração mórbida da relação do ser humano com o tempo.

Tal adoecimento crônico só é possível porque a época o permite, até mesmo o estimula. Como explicado no Capítulo 3, o início do século XX se apresentava ao mundo germanófono como uma era carente de objetivos de vida, esperanças realizáveis, perspectivas promissoras. A essas aspirações naturais do humano — à pergunta existencial "por quê?" — respondia com um "cavo silêncio"¹⁴⁷. A falta de um motivo incondicional para a vida, que lhe desse um sentido e um conteúdo, exalta a inclinação dos Hans Castorps a "matar o tempo": o *dolce far niente* referido no Segundo Capítulo do romance¹⁴⁸ é o reverso da pouca gana que ele tem de se dedicar ao trabalho¹⁴⁹, por mais que o respeite como valor fundador do seu ambiente nativo. Com um fraco por tentações devoradoras de tempo (os prazeres da boa mesa, o atordoamento do copo diário de *porter*, os charutos Maria Mancini, sua queda por música, ruminar no isolamento do seu mundinho particular [*regieren*]), é sem pejo que Castorp confessa uma maior aptidão ao tempo livre, sem os obstáculos dos afazeres¹⁵⁰: "*Saudável* de verdade eu só me sinto mesmo quando não estou fazendo nada..."¹⁵¹. A menção aqui à saúde, em um livro que tanto se ocupa dela, não é casual.

Esse vazio do horizonte futuro tem sérias consequências morais. Ele liberta as pessoas para o mais desvinculado imediatismo, permitindo que se afundem nas "vantagens infindáveis da infâmia"¹⁵² do presente descompromissado. O fato de não terem nada a *esperar* é uma libertação e uma condenação ao mesmo tempo, misto

¹⁴⁷ MANN, 2017, p. 50

¹⁴⁸ MANN, 2017, p. 47-8

¹⁴⁹ "(...) deixamos margem à suposição de que o trabalho na sua vida era simplesmente algo a atrapalhar a degustação de Maria Mancini." (MANN, 2017, p. 53)

¹⁵⁰ "Trabalho árduo dava-lhe nos nervos, exauria-o logo, e ele admitia com franqueza que na verdade gostava muito mais do tempo livre, desobrigado, sem o peso de chumbo da faina, o tempo que se estende aberto à nossa frente, sem ser segmentado por empecilhos a se superar rangendo os dentes." (MANN, 2017, p. 52)

¹⁵¹ "*Recht gesund fühle ich mich eigentlich nur, wenn ich gar nichts tue* —" (MANN, 2017, p. 86, grifo nosso).

¹⁵² "*die bodenlosen Vorteile der Schande*" (MANN, 2017, p. 115).

infausto de férias e naufrágio. A irresponsabilidade se instala como norma de vida. Ou, como o sr. Albin (um interno do sanatório que flerta com o suicídio) pitorescamente se expressa ao buscar uma analogia para o estado moral do tuberculoso desenganado: na escola, depois que foi decidido que vamos rodar de ano, ninguém nos faz mais perguntas nem nos exige nada – nós não contamos mais¹⁵³.

Como mostrado no Capítulo 2, Hans Castorp tem uma predisposição natural a essa gestão relaxada do tempo. Sua constituição psíquica é muito mais ancorada no passado do que no presente, possuindo frouxos liames com este e nada esperando do porvir: é notório que, apesar de bastante jovem, em nenhum momento do romance o herói fala ou pensa em projetos, sonhos ou desejos para o seu futuro. Ao ser transplantado para o ambiente tóxico do sanatório, está dada a circunstância ideal para a eclosão da sua "doença crônica" (assim como o ar da montanha, que tanto combate quanto desperta a tuberculose¹⁵⁴), pois ele é a presa perfeita para o sortilégio temporal da montanha. Essas condições propícias, porém, devem-se mais a uma questão de grau: no Sanatório Internacional Berghof, está tão somente potenciada uma característica natural do tempo, que é a sua infirmitude. O complexo de circunstâncias que Thomas Mann reúne em *A montanha mágica* configura-se num experimento em ambiente controlado (o fator "hermético") que explicita, num caso extremo, um processo verificado também alhures, "lá embaixo".

Exploremos um pouco o aspecto recém-mencionado do tempo. Como apontado por Nunes (1995) e Hick (2003), foi a filosofia de Henri Bergson (1859–1941) que postulou claramente o quanto de subjetivo existe no que chamamos de tempo. O tempo dividido e medido dos relógios e calendários não é o único, ou melhor: a mensuração objetiva do tempo não faz parte da sua natureza, ela é uma cifra que nós, humanos, lhe apomos – como a marcação de graus sobreposta à coluna de mercúrio do termômetro ou, mais obviamente, os traços no mostrador do relógio. O tempo não é puramente um fenômeno natural, tanto que sequer temos um órgão próprio para percebê-lo. Somos caracterizados por uma "absoluta

¹⁵³ Cf. MANN, 2017, p. 114-5

¹⁵⁴ Cf. MANN, 2017, p. 253.

incapacidade de determinar, com uma confiança nem mesmo aproximada, o lapso do tempo por conta própria e sem um esteio externo"¹⁵⁵. Na imediatez da consciência humana, porém, o tempo corre como *durée*: a sensação subjetiva da sua duração. Por isso que, de pessoa para pessoa, um mesmo acontecimento "demora" mais ou menos, dependendo do seu interesse, disposição física, estado de consciência etc. Como o tempo corre diferentemente para cada consciência, é impossível medir (reduzir a um denominador comum universal) o tempo efetivamente vivido, qual cada um o percebe, sujeito a influências e situações individuais.

Este tempo vivido, sem ter forma em si, é o meio da nossa liberdade na medida em que depende de uma *vontade formativa (Gestaltungswille)*¹⁵⁶ que lhe dê um sentido. Contudo, sendo assim subjetivo, está aberto a toda sorte de influxo formativo, podendo degenerar em formações patológicas¹⁵⁷. Dessa maneira, a predisposição de Hans Castorp a "distúrbios temporais", mencionada acima, encontra seu substrato ideal em atributos do próprio tempo.

Os diálogos analisados no Capítulo 2 dão apoio a essas reflexões. Joachim (Tabela 4) avisa a Castorp, no restaurante, que o tempo passa "[r]ápido e devagar, como quiseres (...). Ele não passa de maneira alguma, diria eu, nem chega a ser tempo, e também não é vida..."¹⁵⁸. Eis uma chave para a identidade entre plasmação do tempo e plasmação da vida¹⁵⁹. Pouco mais tarde, no Terceiro Capítulo, Castorp

¹⁵⁵ "(...) unserer absoluten Unfähigkeit, den Ablauf der Zeit von uns aus und ohne äußeren Anhalt auch nur mit annähernder Zuverlässigkeit zu bestimmen." (MANN, 2017, p. 744)

¹⁵⁶ O termo é de Hick (2003, p. 6).

¹⁵⁷ "O tema do romance não são, primordialmente, as sensações subjetivas (até, como Thieberger parece sugerir, deliberadamente modificáveis) do tempo, mas maneiras diferentes e diversamente suportáveis à saúde de viver o tempo." ("*Thema des Romans sind nicht primär die subjektiven, womöglich gar, wie Thieberger zu suggerieren scheint, willkürlich beliebig modifizierbaren psychologischen Zeitgefühle, sondern unterschiedliche und der Gesundheit unterschiedlich zuträgliche Weisen die Zeit zu leben.*"; HICK, 2003, p. 3, nota 13)

¹⁵⁸ MANN, 2017, p. 26.

¹⁵⁹ Artisticamente, isso é refletido no procedimento composicional do próprio romance: o problema do "plasmação do lapso do tempo" ("*Gestaltung des Zeitablaufs*"). Os experimentos modernistas com o tempo na obra literária são um "reflexo artístico da relação entre o indivíduo, seu lapso de vida pessoal e seu quadro social, mais especificamente sua época histórica, aquele lapso histórico do qual esse lapso de vida individual é uma parte, um momento" ("*[...] künstlerisches Spiegelbild der Beziehung des Individuums, seines persönlichen Lebensanlaufs zu seinem gesellschaftlichen*

faz a pergunta que o assaltará, em inúmeras nuances, durante toda a estadia: "O que é o tempo, afinal?"¹⁶⁰. Na equação que aqui propomos, trata-se de uma indagação pelo vácuo existencial nos dois planos: o seu individual; e o da civilização a que pertence.

Esse mal-estar crônico acaba não só facilitando, mas desejando um Juízo Final. O "grande torpor" e a "grande exasperação"¹⁶¹ decorrentes da instabilidade temporal/existencial que descrevemos são, no fundo, expressões de insatisfação com a espera sem expectativa, uma tentativa de fugir do torvelinho sem direção da atemporalidade para a direcionalidade de um golpe generalizado, que reinstaura um horizonte futuro — o horizonte da morte. Com ela, o círculo do tempo é retificado, voltando a ganhar direção. Mas a libertação da montanha mágica é, ironicamente, um envio ao verdadeiro Hades... "O problema do afundamento informe no presente não é solucionado: é liquidado."¹⁶²

Fechemos com argumentos de Georg Lukács sobre a "realidade" da patologia crônica, qual a caracterizamos aqui, na dicotomia objetivo/subjetivo com que o seu gênero de crítica trabalha. Na montanha, as pessoas estão "de férias", arrancadas aos seus cuidados quotidianos. Com isso, surge uma apresentação ao mesmo tempo realista e tragicomicamente distorcida até o fantástico dos *Bürger* da época. E

Rahmen, genau zur historischen Zeit, zu jenem historischen Zeitablauf, dessen Teil, dessen Moment dieser individuelle Lebenslauf bildet"; LUKÁCS, 1957, p. 67). No caso específico de *A montanha mágica*, porém, Hick vê na estrutura formal do livro uma tentativa de combater o próprio caráter amorfo do tempo vivido nele retratado: "O romance da montanha mágica, articulado em seus sete capítulos, suas sub-seções com títulos eloquentes e caprichosamente divididas, seu ordenamento e entrelaçamento leitmotívico, é, no plano compositivo, uma verdadeira obra-prima da vontade formativa e, com isto, o antídoto formal daquilo que o seu conteúdo apresenta e que ele tenta invocar: como *arte formativa*, transfigura a informidade que ele descreve e gera". ("*Der Zauberbergroman mit seinen sieben Kapitelgliedern, den liebevoll-kleinteilig abgetrennten, sprechend betitelten Unterabschnitten, der leitmotivischen Ordnung und Verschränkung ist auf kompositorischer Ebene geradezu das Meisterstück eines Gestaltungswillens und somit in formaler Hinsicht das Gegengift zu dem, was er inhaltlich darstellt, ja hervorzurufen sucht: Als gestaltende Kunst transfiguriert er die Gestaltlosigkeit, die er beschreibt und erzeugt.*"; HICK, 2003, p. 25).

¹⁶⁰ "Was ist denn die Zeit?" (MANN, 2017, p. 95)

¹⁶¹ Títulos de duas seções do Sétimo Capítulo, perto do fim do romance. Neles, os tuberculosos são mostrados dedicando-se a passatempos absurdos e a hostilidades extremadas, respectivamente.

¹⁶² "*Das Problem des gestaltlosen Versinkens in der Gegenwart wird nicht gelöst, es wird liquidiert.*" (HICK, 2003, p. 24)

também eles tomam consciência (em seus melhores espécimes, claro) do conteúdo de vida que lhes passa batido no cotidiano na planície:

(...) o vazio espiritual, a falta de sustentáculos morais se expande, às vezes explodindo mesmo em formas nada menos que grotescas. Simultaneamente, porém, nos melhores exemplares torna-se consciente exatamente do conteúdo vital sobre o qual eles "não têm tempo" de refletir no dia a dia capitalista do qual vêm.¹⁶³ (LUKÁCS, 1957, p. 30)

Apesar dos seus empenhos nesse sentido (todo o caminho de elevação espiritual, sensual e intelectual do qual o romance é o relato), porém, Hans Castorp afunda no cotidiano soez e imbecilizado da montanha. Isso é consequência das "férias" no sanatório: ao passo que permitem uma maior elevação espiritual, também facultam um aprofundamento maior no animalesco e instintivo. Não que suas possibilidades objetivas de vida aumentem: mas nós, os leitores, as vemos aumentadas, como por uma lupa.¹⁶⁴

No romance social, como os melhores espécimes do século XIX o atestam, o

criador épico pode vivenciar e apresentar o lapso do tempo individual e histórico como uma unidade inseparável; o devir e perecer individual segue sendo (...) componente orgânico do devir e perecer sócio-histórico.¹⁶⁵ (LUKÁCS, 1957, p. 67)

Foi o que Thomas Mann fez ainda em *Os Buddenbrooks*. A questão se complica, todavia, quando a experiência da falta de sentido interior do indivíduo entra como

¹⁶³ "(...) *die seelische Leere, die moralische Haltlosigkeit breitet sich aus, explodiert zuweilen in geradezu grotesken Formen. Zugleich jedoch wird in den besseren Exemplaren gerade jener Lebensgehalt bewußt, über den nachzudenken sie im kapitalistischen Alltag, aus dem sie kommen, 'keine Zeit' gehabt haben.*"

¹⁶⁴ Necessário observar que, ao fim do romance, quando Castorp se alista e vai lutar nas trincheiras da guerra, o aparente passo em direção a satisfazer as exigências do mundo objetivo, na verdade, é mais uma saída "em férias" — diretamente para a morte, agora.

¹⁶⁵ "(...) *der gestaltende Epiker den individuellen und historischen Zeitablauf als eine untrennbare Einheit erleben und darstellen kann; das individuelle Werden und Vergehen bleibt (...) organischer Bestandteil des gesellschaftlichen-geschichtlichen Werdens und Verfalls.*"

questão central do épico (como em *A educação sentimental* e *Bouvard e Pécuchet*, de Flaubert). Aí

[f]ica claro que quando a vida social e a individual são vistas igualmente como sem sentido, quando no necessário e ignominioso fracasso das melhores ambições individuais é enxergada a essência da realidade, a representação do tempo também deve receber uma nova função. O tempo não surge mais como o meio natural, como o meio objetivo e histórico de movimento e desenvolvimento do homem, mas se distorce em um poder morto e mortal: no lapso do tempo expressa-se a degradação da vida individual, o lapso do tempo se independentiza naquela máquina impiedosa que achata, nivela e aniquila os desejos de desenvolvimento individuais, a singularidade, a própria personalidade. (...) Apenas quando vista a partir dessa distorção da experiência (...) é que a radical separação entre lapso de tempo individual (vivido) e tempo objetivo (físico, histórico) surge e torna-se consciente.¹⁶⁶ (LUKÁCS, 1957, p. 68)

Segundo o teórico, essa oposição entre tempo objetivo e subjetivo dominará literariamente as inovações formais da épica romanesca após a 1ª Guerra Mundial. A essência disso é

destruir a unidade e processualidade da totalidade épica. Pois quando se salienta a oposição entre tempo vivido e real, quando as diferenças de ritmo entre elas (que fazem com que, no tempo vivido, minutos se expandam a eternidades, e anos se contraíam a breves momentos) tornam-se princípios construtivos da composição, "comprovando-se" até o aspecto morto, a inferioridade e inclusive a inexistência do tempo objetivo, o todo pulveriza-se em consequência da pressão esmagadora dos momentos. (...) Com isso, ab-roga-se bruscamente qualquer proporção de importância da realidade objetiva. A experiência subjetiva hipertrofiada (...) cria, por força "soberana" "própria", um "universo" próprio, mais adequado a ela porque engendrado puramente a partir de si mesmo – demonstrando exatamente nesse seu

¹⁶⁶ "Es ist klar, daß, wenn das gesellschaftliche wie das individuelle Leben gleichermaßen als sinnlos betrachtet werden, wenn im notwendigen schmachlichen Scheitern der besten individuellen Bestrebungen das Wesen der Wirklichkeit erblickt wird, auch die Darstellung der Zeit eine neue Funktion erhalten muß. Die Zeit erscheint nicht mehr als das natürliche, als das objektive, historische Bewegungs- und Entwicklungsmedium der Menschen, sondern verzerrt sich zu einer toten und tötenden äußeren Macht; im Zeitablauf drückt sich die Degradation des individuellen Lebens aus, der Zeitablauf verselbständigt sich zu jener unerbittlichen Maschine, die die individuellen Entwicklungswünsche, die die Eigenheit, ja die Persönlichkeit selbst plattdrückt, nivelliert, zunichte macht. (...) Erst von dieser Erlebnisverzerrung aus gesehen (...) kann die radikale Trennung von individuellem (erlebtem) Zeitablauf und objektiver (physikalischer, historischer) Zeit entstehen und bewußt werden."

triunfo extremo sua própria impotência e nulidade.¹⁶⁷ (LUKÁCS, 1957, p. 68-9)

No entanto, cabe aos escritores da envergadura de Thomas Mann um privilégio na manifestação dessa problemática. Através do uso da "óptica dupla" (vide Capítulo 3 acima), esse artista jamais perde de vista a essência objetiva do tempo, distinguindo-a do reflexo distorcido da mesma. É por isso que, em Thomas Mann, o papel do tempo ganha um vulto bastante diferente da sua função na obra dos seus contemporâneos. Expliquemos por quê.

Em *A montanha mágica*, o mundo de cima e o de baixo possuem experiência de tempo diversas, e o contabilizam também diferentemente. Porém, Mann e seu narrador sabem que a "montanha mágica" é uma realidade apenas para seus habitantes (e, mesmo para eles, apenas na sua imaginação subjetiva); só eles acham que estão numa realidade isolada, autônoma, onde reina um tempo especial (o episódio da visita do tio James Tienappel¹⁶⁸, que vem da planície para tentar resgatar Castorp do encanto, o demonstra). Mas, na verdade, não estão:

Thomas Mann mostra que o isolamento artificial — objetivo, aqui medicamente determinado — desse mundo é mera aparência já porque nele todos os condicionamentos sociais dos homens, que determinam seu destino "embaixo", seguem aplicando-se inalterados.¹⁶⁹ (LUKÁCS, 1957, p. 71)

¹⁶⁷ "(...) *die Einheit und die Prozeßartigkeit der epischen Totalität zu zerstören. Denn, wenn die Gegensätzlichkeit von erlebter und wirklicher Zeit betont wird, wenn jene Tempounterschiede zwischen ihnen, die im Erlebten Minuten zu Ewigkeiten sich ausbreiten lassen und Jahre auf kurze Momente zusammenziehen, zu Aufbauprinzipien der Komposition werden, da ja gerade so das Tote, die Minderwertigkeit, ja das Nichtsein der objektiven Zeit 'bewiesen' wird, zerstiebt das Ganze infolge des übermäßigen Drucks der Momente. (...) Jede Wichtigkeitsproportion der objektiven Wirklichkeit wird damit schroff aufgekündigt. Das überwuchernde subjektive Erlebnis (...) schafft hier aus 'eigener', 'souveräner' Kraft ein eigenes, ihm angemesseneres, weil rein aus sich selbst hervorgebrachtes 'Universum' — und erweist gerade in diesem seinem extremen Triumph die eigene Ohnmacht und Nichtigkeit.*"

¹⁶⁸ Sexto Capítulo, *Assalto rechaçado (Abgewieser Angriff)*.

¹⁶⁹ "(...) *Thomas Mann zeigt, daß die künstliche — objektive, hier medizinische bestimmte — Isolation dieser Welt schon darum bloßer Schein ist, weil in ihr alle sozialen Bestimmungen der Menschen, die ihr Schicksal 'unten' determinieren, unverändert in Geltung bleiben.*"

Se esses condicionamentos diferem lá em cima, é por estarem ainda mais pronunciados: em cima, essas pessoas têm mesmo mais tempo (o tempo cívico, de calendário), podem atingir uma formulação mais precisa dos seus problemas até então inconscientes, e por isso mesmo a obtusidade do seu filisteísmo alcança novos graus (maior exemplo disso são o entorpecimento e a irritação imbecilizadas do Sétimo Capítulo). O "problema do tempo" é tão objetivamente presente quanto "embaixo" e quanto nos romances "normais": Mann apenas faz dele um meio de caracterização das personagens, pegando esse momento subjetivo e integrando-o organicamente à representação épico-objetiva do mundo delas. A aparente aproximação de Thomas Mann à "multitemporalidade" moderna só faz ressaltar mais fortemente ainda a unicidade tradicional-realista do lapso de tempo sócio-histórico.

A conclusão de Lukács é que

(...) a peculiaridade do estilo manniano (...) cresce organicamente do ser social da época, de ânimos e problemas do tempo. Em suma, trata-se da discrepância entre espelhamento subjetivo do mundo (...) e a coisa em si, isto é, a realidade objetiva.¹⁷⁰ (LUKÁCS, 1957, p. 94-5)

Porém, nesse aguçamento poético das contradições entre fenômeno e essência, consciência subjetiva e realidade objetiva, Thomas Mann, mesmo reconhecendo a supremacia da realidade legítima (objetiva), dá subjetivamente razão à realidade falsa: afinal, deve haver um grão de verdade nela — seria impossível viver a vida inteira com uma consciência 100% errada.

¹⁷⁰ "(...) die Eigenart des Mannschen Stils (...) wächst organisch aus dem gesellschaftlichen Sein der Epoche, aus Zeitstimmungen, aus Zeitproblemen heraus. Kurz gefaßt handelt es sich dabei um die Diskrepanz zwischen subjektiver Spiegelung der Welt (...) und der Sache selbst, nämlich der objektiven Wirklichkeit."

Conclusão

Sob a lente que empregamos neste trabalho, *A montanha mágica* ganha ares quase de julgamento histórico. Thomas Mann demonstra no singelo Hans Castorp, esse "filho-problema da vida", o "mecanismo social interno dessa moderna psiquê burguesa alemã"¹⁷¹. Sua honrosa mediocridade incapacita-o para qualquer decisão ou defesa perante o ambiente deletério que o cerca, com as consequências que demonstramos. O clima pré-1914 induzia o autor a esse arranjo: Thomas Mann encontrava-se em um desesperado embate interno para fundamentar e justificar a oposição entre a sua cultura e o Ocidente moderno: *Kultur x Zivilisation*, nos seus termos de predileção. Essa mesma tensão se encontrava no seu processo criativo também: *A morte em Veneza* (1911–13) põe a descoberto a contradição humana que há no artista militarizado malgrado seu, o que já constitui uma crítica antecipada ao seus próprios escritos pró-guerra. É desse impasse entre crítica ao ocidentalismo e constatação da inviabilidade do prussianismo que deve nascer *A montanha mágica* e sua busca da terceira via, a única propriamente humana. Enquanto isso não acontece, da oposição entre vida e morte antes da "trovoada" só sai um resultado: a vitória da morte, sendo a vida o mero horizonte de um *Sehnsucht* (anseio, saudade, anelo). A vida autêntica, que valha a pena ser gozada, é inatingível pelo indivíduo isolado: resta-lhe a doença, a decomposição, o abismo...

No entanto, pensar que Mann termina nesse pessimismo spengleriano a sua "busca pelo *Bürger*" seria menosprezar suas capacidades perceptivas e criativas. Parte da magia de *A montanha mágica* é o distanciamento mínimo, porém sensível, que sua primeira página anuncia entre a narração e o narrado: o livro versa sobre coisas passadas há pouco (em relação ao ato de as narrar), mas já com distanciamento intelectual suficiente para vislumbrar o que viria ou poderia vir depois. O sonho de Hans Castorp no capítulo *Neve* é a primeira cristalização de uma perspectiva de desenvolvimento que supera o ceticismo negativo da etapa pré-guerra.

¹⁷¹ "(...) den inneren gesellschaftlichen Mechanismus dieser neudeutsch-bürgerlichen Psyche (...)" (LUKÁCS, 1957, p. 35).

Nisso e no desenvolvimento posterior da sua obra, Mann demonstra ter tomado a tocha das mãos de Goethe e alumiado os futuros possíveis do *Bürger* em sua relação com a realidade. Na qualidade de melhores exemplares da *Bürgertum* ilustrada da qual descendem, ambos testemunharam que havia nessa classe possibilidades infinitas de autolibertação e autossuperação, desde que adentrasse corajosamente o espaço do espiritual. O tempo insta essa camada a se aviar a tal, e cabe a ela, dependendo da missão histórica da qual se sente incumbida, arrogar-se esse poder. Negando-o ou não estando à sua altura, deve dele abdicar, inclusive correndo o risco de desaparecer.

Mann e Goethe foram dois escritores de faculdades excepcionais que passaram por reviravoltas que modificaram a face do mundo para sempre e que, na luta com os problemas daí advindos, chegaram a uma verdadeira universalidade. Ao mesmo tempo, contudo, mostram uma antinomia peculiar por se situarem em pontas opostas do mesmo processo histórico-cultural. Goethe viveu precisamente o início do isolamento entre arte e sociedade cívica. Suas utopias literárias se dirigiam a salvar a pureza da arte dos poderes antiestéticos da época e preservar a sociabilidade da arte perante o isolamento iminente. Em Thomas Mann, cem anos depois, esse processo já terminou: a alienação do artista já é fato consumado. Especialmente entre 1848 e 1871, o espaço de manobra de uma interação viva entre arte moderna e vida social (como na França) se estreitara demais no espaço alemão. Por isso, para o jovem Thomas Mann, o "grande mundo" está excluído da sua arte. Tanto Goethe quanto Mann buscavam essa transição entre o "pequeno mundo" da vida pessoal, interiorizada, e o "grande mundo" socialmente inserido¹⁷². O *Fausto II* (1832) de Goethe era a projeção e preparação para a revolução baldada de 1848, que terminou não dando origem a um "grande mundo" autóctone e democrático; o *Doutor Fausto* (1943–1947) de Mann é o fechamento, o epílogo desse desenvolvimento deficiente, e também um prólogo da radical ruptura com o passado. O *Fausto II* termina com a esperança utópica de uma renovação e

¹⁷² Goethe não era apolítico: só representava uma espécie tipicamente alemã do político, à qual repugna a atividade vinda "de baixo". Em suas visões de futuro, porém, apostava mais na excelência técnica do que na revolução. (Schiller, por outros motivos, também só via a revolução vindo de cima.) Se isso era retrato da imaturidade da cultura local para uma reviravolta democrática ou falta de crença dos intelectuais na capacidade das massas é questão além das nossas forças.

libertação do homem, com fundamento econômico e moral social. O esvaziamento de todos esses pressupostos¹⁷³ é precisamente o que constitui a atmosfera trágica do *Doutor Fausto*, que traça a descida da cultura alemã ao fundo do poço.

Ambos os escritores que discutimos aqui também chegaram, no fim de suas carreiras, a uma apoteose e coincidência dos motivos artísticos e espirituais atacados na juventude (o que é muito característico dos dois). No entanto, espelhando suas posições polares na evolução histórica da sociedade à qual pertenciam, suas evoluções literárias nesse plano se deram em sentidos inversos. Mann começa a criar na atmosfera sufocante da "interioridade apadrinhada" do imperialismo (contos iniciais, *Os Buddenbrooks*); depois veio a crise do mundo e das visões de mundo da sua juventude (*Tonio Kröger*, *Alteza Real*, *A morte em Veneza*, *A montanha mágica*); na maturidade, a contínua luta pública contra o fascismo (*José e seus irmãos*, *Doutor Fausto*). Ao passo que Goethe foi se "abstraindo" e estilizando cada vez mais, o homem de Lübeck fez o caminho contrário: as determinações artísticas concretas foram enriquecidas, especialmente as conexões sócio-históricas das pessoas representadas. Vejamos os principais casos.

Convertendo-se a antinomia fáustica acima em uma linha evolutiva envolvendo outras obras épico-dramáticas dos autores, o José manniano estaria para o Fausto goetheano como Hans Castorp e Wilhelm Meister estão entre si (e Tonio Kröger para Werther): um paralelismo de desenvolvimento que, pelas diferenças sócio-históricas, se revela como contraposição formal. A linha evolutiva de Werther a Wilhelm Meister e Fausto é replicada uma oitava mais alta no percurso que vai de Tonio Kröger a Hans Castorp e José. A fábula de *José e seus irmãos* parte de um motivo simples, lírico e monomotívico para algo supra-histórico, psicológico-moral, polifonizando-se sinfonicamente em uma generalização social, tal como a última obra de Goethe.

¹⁷³ "[A]miudadamente, estão associados à moda 'irracional' um sacrifício e um malbaratamento apatizado de conquistas e princípios que fazem não apenas do europeu um europeu, mas do homem um homem." ("[...] mit der 'irrationalen' Mode häufig ein Hinopfern und bubenhaftes Überbordwerfen von Errungenschaften und Prinzipien verbunden ist, die nicht nur den Europäer zum Europäer, sondern sogar den Menschen zum Menschen machen."; citação de Thomas Mann sem indicação de fonte, *apud* LUKÁCS, 1957, p. 43)

O encontro ideal dessas duas figuras maiores da cultura alemã se deu, ficcionalmente (privilégios da arte...), em *Carlota em Weimar* (1939), onde Mann reage ao nazismo com um retrato humano do grande Goethe como bastião das verdadeiras virtude do *Bürger* alemão, o máximo expoente das forças progressivas que essa classe já atingira. Exatamente no ano em que a nação se afundava no charco sangrento da sua maior ignomínia, surge dos confins da História a imagem das suas supremas possibilidades, seu humanismo profundamente problemático e profundamente verdadeiro. Com esse livro, Thomas Mann não apenas entoa um canto de consolação a um povo que se lançou de cabeça na embriaguez niilista, mas também recorre ao passado para lançar uma luz ao futuro: uma admoestação com o *pathos* do otimismo moral, prometendo que o prodígio que já sucedeu pode se dar novamente.

Referências

Traduções de *A montanha mágica* citadas nas tabelas:

Otto Silveira: MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana, 1943.

Herbert Caro: MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 2. ed.

Gilda Lopes Encarnação: MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Alfragide: Dom Quixote, 2013. 6. ed.

Demais obras:

BEDDOW, Michael. "The Magic Mountain". In: ROBERTSON, Richard (ed.). *The Cambridge Companion to Thomas Mann*. Cambridge University Press: Cambridge (Inglaterra), 2004, p. 137-150.

BRUFORD, W. H. "'Bildung' in *The Magic Mountain*". In: BLOOM, Harold (ed.). *Thomas Mann's The Magic Mountain*. Nova York, New Haven, Philadelphia: Chelsea House Publishers (Modern Critical Interpretations), 1986, p. 67-83.

CARPEAUX, Otto Maria. *O livro de ouro da história da música. Da Idade Média ao século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

GAY, Peter. *Weimar Culture. The Outsider as Insider*. Nova York/Londres: W. W. Norton, 2001.

HATFIELD, Henry. "The Magic Mountain". In: BLOOM, Harold (ed.). *Thomas Mann's The Magic Mountain*. Nova York, New Haven, Philadelphia: Chelsea House Publishers (Modern Critical Interpretations), 1986, p. 85-104.

HICK, Christian. "Vom Schwindel ewiger Gegenwart. Zur Pathologie der Zeit in Thomas Manns Zauberberg". In: ENGELHART, D. v.; WISSKIRCHEN, H. *Der Zauberberg – Die Welt der Wissenschaften in Thomas Manns Roman*. Stuttgart, 2003, p. 71-106.

JEAN PAUL (Richter). *Vorschule der Ästhetik*. In: *Sämtliche Werke*. Abteilung I. Fünfter Band. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Lizenzausgabe 2000. 6., korrigierte Auflage 1995. Hrsg. Norbert Miller.

KESSLER, Harry (Graf). *Journey to the Abyss. The Diaries of Count Harry Kessler, 1880–1918*. Nova York: Vintage Books, 2013. Ed. e trad. por Laird M. Easton.

KOOPMANN, Helmut. *Der klassisch-moderne Roman in Deutschland. Thomas Mann – Döblin – Broch*. Stuttgart/Berlin/Colônia/Mainz: Kohlhammer, 1983 (Sprache und Literatur 113).

KOOPMANN, Helmut. *Die Entwicklung des "intellektualen Romans" bei Thomas Mann*. Bonn: Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1971. 2. ed. ampl. e rev.

KRISTIANSEN, Børge. "Thomas Mann und die Philosophie". In: KOOPMANN, Helmut (ed.). *Thomas-Mann-Handbuch*. Stuttgart: Kröner, 1990, p. 259-283.

KURZKE, Hermann. *Thomas Mann. Epoche – Werk – Wirkung*. Munique: C. H. Beck, 2010. 4. ed. rev. e atual.

LUKÁCS, Georg. *Thomas Mann*. Berlin: Aufbau-Verlag Berlin, 1957. 5. ed. ampl. e rev.

MANN, Thomas. *Betrachtungen eines Unpolitischen*. Frankfurt a. M.: S. Fischer Verlag, 2013, 2 v. (v. 1: Texto; v. 2: Comentário). Ed. e com. por Hermann Kurzke. (Große kommentierte Frankfurter Ausgabe, Band 13.1)

MANN, Thomas. *Briefe I. 1889-1913*. Frankfurt a. M.: S. Fischer Verlag, 2002a. Selec. e ed. por Thomas Sprecher, Hans R. Vaget e Cornelia Bernini. (Große kommentierte Frankfurter Ausgabe, Band 21)

MANN, Thomas. *Der Zauberberg*. Frankfurt a. M.: S. Fischer Verlag, 2002b, 2 v. (v. 1: Texto; v. 2: Comentário). Ed. e com. por Michael Neumann. (Große kommentierte Frankfurter Ausgabe, Band 5.1)

MANN, Thomas. *Der Zauberberg*. Frankfurt a. M.: Fischer Taschenbuch Verlag, 2017 (21ª reimpressão).

MANN, Thomas. "Einführung in den Zauberberg. Für Studenten der Universität Princeton" [1939]. In: MANN, Thomas. *Der Zauberberg*. Stuttgart, Hamburg, München: Deutscher Bücherbund, [s. d.] (Lizenzausgabe), p. 7-20.

MANN, Thomas. *Frühe Erzählungen. 1893–1912*. Frankfurt a. M.: S. Fischer Verlag, 2008. 2. ed. , v. 1 (Texto). Ed. e com. por Terence J. Reed com a colaboração de Malte Herwig. (Große kommentierte Frankfurter Ausgabe, Band 2.1)

MAX, Katrin. "Der Zauberberg (1924)". In: BLÖDORN, Andreas; MARX, Friedhelm (ed.). *Thomas Mann Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2015, p. 33-42.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2013. 12. ed. rev., ampl. e atual.

MUSIL, Robert. *Credo político de um jovem* (ensaio). São Paulo: Perspectiva (no prelo). Tradução de Kathrin H. Rosenfield. Citado conforme o manuscrito da tradutora. [1913].

MUSIL, Robert. *O fim da guerra* (ensaio). São Paulo: Perspectiva (no prelo). Tradução de Kathrin H. Rosenfield. Citado conforme o manuscrito da tradutora. [1918].

NIETZSCHE, Friedrich. *Jenseits von Gut und Böse. Zur Genealogie der Moral*. (KSA 5; ed. Giorgio Colli & Mazzino Montinari). Munique: DTV, 1999. 2. ed. 12. reimpr. (2012).

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1995. Série Fundamentos, n. 31, 2. ed.

ORTEGA Y GASSET. *Miseria y esplendor de la traducción*. In: *Scientia Translationis*, n. 13. Florianópolis: UFSC, 2013, p. 5-50 [1937].

REMARQUE, Erich Maria. *Im Westen Nichts Neues. Der Weg zurück*. Klagenfurt: Eduard Kaiser Verlag (Lizenzausgabe), s. d. [1928].

RICŒUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1984. 3 v. (Collection Points Essais 227-229)

ROCHA, Hildon. *Thomas Mann, traduzido e mutilado*. CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, sábado, 16 de julho de 1955, 1º Caderno, p. 11 e 14.

RODRIGUES, Menaldo Augusto da Silva. *A representação do tempo no romance Der Zauberberg de Thomas Mann*. Dissertação de mestrado: USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã. São Paulo, 2008.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*. In: *Sämtliche Werke*. Dritte Abteilung: Zur Philosophie, Bd. 2. Berlin: Reimer, 1838.

STERN, Fritz. "The Political Consequences of the Unpolitical Germany". In: *The Failure of Illiberalism. Essays on the Political Culture of Modern Germany*. Nova York: Alfred A. Knopf, 1972, p. 3-25.

WYSLING, Hans. "Der Zauberberg" (1986). In: KOOPMANN, Helmut (ed.). *Thomas-Mann-Handbuch*. Stuttgart: Kröner, 2001. 3. ed. atual., p. 397-422.

Anexo

A montanha mágica

Thomas Mann

(Tradução: Théo Amon)

Proposição

A história de Hans Castorp que pretendemos contar — não por causa dele (pois o leitor irá conhecer nele um moço simples, muito embora simpático), mas por causa da história, que nos parece em alto grau digna de ser contada (todavia, deve ser lembrado em favor de Hans Castorp que, no fim das contas, é a história *dele*, e que nem toda história sucede a todos): esta história é muito antiga, já está, por assim dizer, totalmente recoberta de uma preciosa ferrugem histórica, devendo incondicionalmente ser exposta no tempo verbal do mais remoto passado.

Isso não seria nenhuma desvantagem para uma história, mas, pelo contrário, uma vantagem; pois as histórias precisam ter passado, e quanto mais passadas forem, poder-se-ia dizer, melhor para elas em sua qualidade de histórias e para o narrador, o sussurrante invocador do imperfeito. Porém, com ela acontece o mesmo que hoje com os homens, e entre estes não menos com os contadores de histórias: ela é muito mais velha do que os seus dias, a sua anciania não se calcula em anos, a idade que sobre ela pesa não se calcula em revoluções solares; em uma palavra: ela deve o grau do seu ter-passado não exatamente ao *tempo* — uma afirmação com a qual se indica e alude de passagem à dubiedade e à peculiar natureza ambivalente desse elemento misterioso.

Mas para não obscurecer artificialmente fatos claros: o alto grau de transcorrência da nossa história advém de que ela se passa *antes* de uma certa virada e limiar que desagregou profundamente vida e consciência... Ela se passa, ou, para evitar ostensivamente qualquer presente, ela se passava e passou dantes, outrora, nos tempos d'antanho, no mundo anterior à grande guerra com cujo começo começou tanta coisa que, ao que parece, ainda mal terminou de começar. Portanto, ela se passa antes, embora nem tão antes. Mas não será o caráter pretérito de uma

história tanto mais profundo, perfeito e feérico quanto mais próximo for o “antes” em que ela se passa? Além disso, pode ser que a nossa tenha, conforme sua natureza interna, uma que outra coisa ver com os contos de fadas também em outros aspectos.

Vamos contá-la por inteiro, exata e exaustivamente — pois quando foi que uma história já dependeu do espaço e do tempo que ela exige para representar um passatempo ou um contratempo? Sem temor do ranço do constrangimento, inclinamo-nos mais ao parecer de que apenas o exaustivo entretém verdadeiramente.

Assim, não será num estalar de dedos que o narrador dará conta da história de Hans. Os sete dias de uma semana não bastarão para tal, e tampouco sete meses. O melhor é que ele não tenha clareza antecipada sobre quanto tempo terreno escoará enquanto ela o mantiver enredado. Mas também, pelo amor de Deus, não levará sete anos!

E, com isso, comecemos.

Primeiro Capítulo

Chegada

Um moço simples viajava, no auge do verão, de Hamburgo, sua cidade natal, a Davos–Platz, no cantão dos Grisões. Ia de visita por três semanas.

Mas subir de Hamburgo até lá é uma longa viagem; longa demais, na verdade, para uma estadia tão curta. Ela passa por várias terras e domínios, morro acima e morro abaixo, descendo do planalto do Sul da Alemanha até a orla do Mar Suábio e de navio sobre suas ondas saltitantes, depois atravessando gargantas antigamente consideradas insondáveis.

A partir daí se dispersa a viagem que até então se dava com largueza e em linhas diretas. Há paradas e contratempos. Na cidade de Rorschach, em território suíço, é-se confiado novamente à via férrea, mas de início se chega apenas até Landquart, um apeadeiro alpino onde se é obrigado a trocar de trem. É um trem de bitola estreita em que se embarca após se fazer hora em uma região ventosa e de poucos encantos, e no instante em que a máquina pequena, mas de uma tração manifestamente incomum, se põe em movimento, começa a parte realmente acidentada da viagem, uma subida empinada e obstinada que parece não acabar nunca. Isso porque a estação de Landquart ainda fica em uma altitude relativamente moderada; mas agora se entra a valer no alto das montanhas, por uma via rochosa exígua e atribulada.

Hans Castorp — eis o nome do moço — encontrava-se sozinho em um pequeno reservado acolchoado em cinza, com sua pasta de couro de crocodilo, presente do seu tio e tutor, o cônsul Tienappel, para já mencionarmos este nome também — seu casaco de inverno, que balançava em um gancho, e sua manta de viagem enrolada; estava de janela abaixada, e como a tarde esfriava cada vez mais, ele, um mimalho de boa família, havia levantado o colarinho da sua jaqueta de verão forrada em seda, larga conforme a moda. Ao seu lado sobre o banco estava uma brochura intitulada *Ocean steamships*, que ele havia compulsado vez que outra no início da viagem; agora, porém, jazia esquecida, enquanto as baforadas que

entravam, vindas da locomotiva que pesadamente ofegava, sujavam sua capa de fuligem.

Dois dias de viagem distanciam o homem — e mormente o homem jovem, ainda frouxamente enraizado na vida — do seu mundo cotidiano, de tudo o que ele chamava de seus deveres, interesses, cuidados, perspectivas, muito mais do que poderia imaginar no fiacre até a gare. O espaço que, rodando e fugindo, rola entre ele e o seu torrão guarda forças que costumamos crer um privilégio do tempo; a cada hora que passa, aquele produz modificações interiores muito semelhantes às que este efetua, mas que de certa maneira as excedem. Como este, aquele gera esquecimento; porém, o faz soltando a pessoa do homem das suas relações e transportando-o para um estado livre e originário — sim, até do pedante burguesote ele faz algo como um vagabundo num estalar de dedos. O tempo, diz-se, é o Letes; mas ares estrangeiros também são uma beberagem parecida, e conquanto tenham um efeito menos total, o fazem mais depressa.

O mesmo sucedia também a Hans Castorp. Sua intenção não fora conferir grande importância a essa viagem, deixar-se levar interiormente por ela. Pelo contrário, sua ideia fora despachá-la rápido porque ela precisava ser despachada, retornar o mesmo que havia partido e retomar a sua vida exatamente onde ele a tivera que deixar por um instante. Ainda ontem estava totalmente envolvido no seu círculo costumeiro de ideias, ocupava-se com o que recém deixara para trás, seu exame, e com o que imediatamente o aguardava, seu ingresso na profissão na Tunder & Wilms (estaleiros, maquinário e caldeiraria), e passava por cima das próximas três semanas com toda a impaciência que o seu gênio permitia. Agora, contudo, sentia como se as circunstâncias exigissem toda a sua atenção e como se não conviesse tratá-las com leviandade. Esse ser-alçado a regiões onde nunca respirara e onde, como ele sabia, vigoravam condições de vida completamente inusitadas, peculiarmente parcias e austeras — isso começava a agitá-lo, a enchê-lo de uma certa angústia. Lar e ordem não ficavam apenas para trás: estavam principalmente muitas braças abaixo, e ele continuava elevando-se cada vez mais. Pairando entre eles e o desconhecido, ele se perguntava como se sairia lá em cima. Quem sabe fosse imprudente e insalubre que ele, nascido e acostumado a respirar a apenas alguns metros acima do nível do mar, de súbito se deixasse transportar a

essas regiões extremas sem ter se detido ao menos alguns dias em um local a meia altura? Gostaria de já estar no seu destino, pois uma vez lá em cima, achava, poderia viver como em toda parte, sem ser lembrado, como agora na escalada, das esferas desmesuradas onde se encontrava. Olhou para fora: o trem se enroscava em curvas pelo passo estreito; viam-se os vagões dianteiros, via-se a máquina que em seu esforço expelia massas de fumaça marrom, verde e preta que se dispersavam. Águas rumorejavam nas profundezas à direita; à esquerda, abetos escuros espichavam-se entre blocos de rocha em direção a um céu cinza de pedra. Vinham túneis escuros como breu, e quando se fazia dia novamente, amplos precipícios com vilarejos se abriam na profundidade. Eles se fechavam, novos estreitos se seguiam, com restos de neve em suas gretas e fissuras. Havia paradas junto a desoladas casinholas de via férrea, terminais que o trem deixava em marcha a ré, o que tinha um efeito desconcertante, já que não se sabia mais aonde se ia nem se atinava mais com o norte. Grandiosas vistas longínquas da serra, com suas torreantes cumeadas sacro-fantasmagóricas às quais se ansiava chegar e entrar, descortinavam-se e depois furtavam-se aos olhos reverentes nas curvas da vereda. Hans Castorp ponderou que havia deixado a zona das árvores latifoliadas e, se não se enganava, também a dos pássaros canoros, e essa ideia de interrupção e empobrecimento teve como efeito que ele, acometido de uma ligeira tontura e mal-estar, cobrisse os olhos com a mão por dois segundos. Passou. Viu que a subida chegara ao fim, o cimo do passo fora superado. Agora o trem rolava com mais comodidade no talvegue plano.

Era próximo das oito horas, o dia ainda persistia. Um lago apareceu no fundo da paisagem, suas marolas eram cinza, e bosques de abetos, negros junto às suas margens, trepavam nas elevações circundantes, raleavam mais acima, perdiam-se e deixavam após si a brumosa rocha pelada. Pararam em uma pequena estação; era Davos-Dorf, como Hans Castorp ouviu gritarem lá fora; ele logo estaria no destino. De súbito, escutou perto de si a pausada voz hamburguesa de Joachim Ziemssen, seu primo, que dizia: "Bons dias, desce de uma vez", e, no que olhou para fora, sob a sua janela estava o próprio Joachim na plataforma, de *ulster* marrom, em cabelo e com a aparência mais saudável que jamais tivera em sua vida. Ele riu e disse de novo:

— Desce de uma vez, não te acanhes!

— Mas eu ainda não cheguei — disse Hans Castorp, aparvalhado e ainda sentado.

— Chegaste, sim. Aqui é Davos–Dorf. Para chegar ao sanatório é mais perto por aqui. Eu trouxe um carro. Me passa as tuas coisas.

Rindo, atrapalhado, na excitação da chegada e do reencontro, Hans Castorp alcançou-lhe luvas e casaco de inverno, a manta enrolada com a bengala e o guarda-chuva, e finalmente também o *Ocean steamships*. Então cruzou o corredor estreito e saltou à plataforma para agora cumprimentar de verdade e, por assim dizer, em pessoa o seu primo, o que foi executado sem exaltações, como entre gente de hábitos frios e reservados. É estranho dizer, mas eles desde sempre evitavam chamar-se pelo prenome, pura e simplesmente por receio de uma efusividade excessiva. Mas como certamente não teria cabimento se tratarem pelo sobrenome, limitavam-se ao "tu". Esse era um hábito arraigado entre os primos.

Um homem em libré, de gorro agalado, assistiu enquanto eles — o jovem Ziemssen em postura militar — apertavam a mão, depressa e um pouco constrangidos, e então se aproximou para solicitar o canhoto de bagagem de Hans Castorp; era o *concierge* do Sanatório Internacional "Berghof", e se prontificou a apanhar a mala grande do hóspede na gare de Davos–Platz enquanto os cavalheiros iam diretamente com o carro para a refeição noturna. O homem coxeava visivelmente; logo, a primeira coisa que Hans Castorp perguntou a Joachim Ziemssen foi:

— É um veterano de guerra? Por que ele manca assim?

— Pois sim! — retrucou Joachim, um tanto amargo. — Um veterano de guerra! Ele tem no joelho; ou ao menos tinha, já que mandou extirpar a rótula.

Hans Castorp atinou o mais rápido que pôde.

— Ah, sim! — disse, erguendo a cabeça ao caminhar e lançando um olhar fugaz em volta. — Tu não vais querer me empurrar essa de que ainda tens alguma coisa, não? Teu aspecto é como se já estivesses com teu talabarte, vindo direto das manobras. — E olhou para o primo de lado.

Joachim era mais alto e largo do que ele, uma imagem de força juvenil e como que talhado para o uniforme. Era do tipo muito trigueiro que sua terra loura não raro produz, e a sua tez naturalmente morena estava queimada quase da cor do bronze. Com seus grandes olhos negros e o bigodinho escuro sobre a boca cheia e bem-desenhada, seria até bonito se não tivesse orelhas de abano. Elas tinham sido a única queixa e lástima da sua vida até uma determinada altura. Agora ele tinha mais com que se preocupar. Hans Castorp continuou:

— Vais descer logo comigo, certo? Eu realmente não vejo nenhum impedimento.

— Descer logo contigo? — perguntou o primo, voltando-lhe seus grandes olhos, que sempre haviam sido mansos, mas nesses cinco meses haviam assumido uma expressão algo cansada, até mesmo triste. — Logo quando?

— Então, em três semanas.

— Ora, veja, já estás voltando para casa em pensamento — respondeu Joachim. — Pois espera um pouco, tu acabas de chegar. Três semanas não são quase nada para nós aqui em cima, mas para ti, que estás de visita e vais ficar só umas três semanas, para ti é mesmo um monte de tempo. Primeiro tens que te aclimatar, não é tão fácil assim, vais ver. E, por sinal, o clima não é a única coisa diferente daqui. Vais ver um bocado de coisa nova, presta atenção. E quanto ao que falas sobre mim, também não estou assim tão formidável, tu e essa de “em três semanas vais para casa”, isso são ideias lá de baixo. Estou sim bronzeado, mas é principalmente queimadura de neve e não significa grandes coisas, como Behrens sempre diz, e no último exame-geral ele disse que ainda pode demorar mais um meio ano, quase com certeza.

— Meio ano? Estás louco? — exclamou Hans Castorp. Acabavam de sair do prédio da estação, que não era muito mais que uma cabana, e se sentar no cabriolé amarelo que estava de prontidão no largo com calçamento de pedra, e, enquanto os dois baios partiam, Hans Castorp se revolveu indignado sobre o estofado duro. — Meio ano? Mas se já estás há quase meio ano aqui! Afinal, ninguém tem tanto tempo assim...!

— Sim, tempo — disse Joachim, acenando várias vezes com a cabeça para frente, sem fazer caso do sincero ultraje do primo. — Aqui eles brincam com o tempo humano que tu nem acreditas. Três semanas são como um dia para eles. Vais ver. Vais logo aprender tudo isso — disse ele, ajuntando: — Aqui a gente muda seus conceitos.

Hans Castorp observava-o de lado sem descanso.

— Mesmo assim, te recuperaste magnificamente — disse ele, sacudindo a cabeça.

— Achas mesmo? — respondeu Joachim. — É verdade, não?, também me parece! — disse ele, aprumando-se mais alto no estofado; porém, logo reassumiu uma postura mais enviesada. — Estou melhor mesmo — esclareceu —; mas saudável ainda não estou. Em cima à esquerda, onde antes se ouvia um chocalhar, agora só tem um som áspero, isso não é tão ruim, mas embaixo ainda é *muito* áspero, e também há ruídos no segundo espaço intercostal.

— Que erudito que ficaste — disse Hans Castorp.

— Ah, sim, Deus sabe que erudição admirável é essa. Por mim, já a tinha suado de volta em serviço — retrucou Joachim. — Mas ainda tenho escarro — disse ele, com um dar de ombros ao mesmo tempo relaxado e vigoroso que não lhe caía bem, e deixou o primo entrever algo que puxou pela metade do bolso do *ulster* do lado que estava voltado para ele e logo guardou novamente: um frasco chato e recurvado de vidro azul com fecho de metal. — A maioria de nós aqui em cima tem um desses — disse. — Tem também um nome entre nós, uma espécie de apelido, muito faceto. Estás admirando a região?

Era o que Hans Castorp fazia, e ele soltou um: "Estupendo!".

— Achas? — perguntou Joachim.

Eles tinham percorrido um trecho da rua de construção irregular, paralela à ferrovia, na direção do eixo do vale, depois cruzado o estreito carril para a esquerda, atravessado um curso d'água e agora trotavam serenamente na estrada, ladeira acima, ao encontro de encostas florestadas, onde, sobre um platô de pradaria pouco saliente, com a frente voltada para o sudoeste, um edifício espraiado com torre e

domo, parecendo de longe uma esponja esburacada e porosa de tantas sacadas, estava acendendo as primeiras luzes. O ocaso caía rapidamente. Um leve arrebol, que por um tempo avivara o céu uniformemente encoberto, já tinha empalidecido, e imperava na natureza aquele estado transitório incolor, inanimado e triste que antecede imediatamente a plena irrupção da noite. O vale habitado, estendido ao comprido e um tanto sinuoso, estava se iluminando por toda parte, tanto no fundo quanto aqui e ali em ambos os flancos — especialmente no direito, que se dilatava e onde as edificações subiam em terraços. À esquerda, sendas galgavam as encostas relvosas e se perdiam no cavo negror das florestas de coníferas. O remoto pano de fundo das montanhas, na saída rumo à qual o vale se estreitava, exibia um sóbrio azul de ardósia. Com o vento que tinha começado a soprar, o frio da noitinha fez-se sentir.

— Pois, para ser franco, não acho tão portentoso — disse Hans Castorp. — Onde é que estão as geleiras e o nevado e os montes gigantescos? Essas coisas aí não são lá muito altas, ao que me parece.

— São altas, sim — respondeu Joachim. — Podes ver a linha de árvores em quase todo lado, ela está marcada com uma nitidez visível, os abetos terminam e com eles termina tudo, acabou, rochas, como percebes. Lá adiante, à direita do Schwarzhorn, aquele cume ali, tens até uma geleira, consegues ver o azul? Não é grande, mas é uma geleira sem tirar nem pôr, a geleira Skaletta. O Piz Michel e o Tinzenhorn na brecha, daqui não os consegues ver, também estão sempre nevados, o ano inteiro.

— Neve eterna — disse Hans Castorp.

— É, eterna, se preferires. É tudo bem alto, sim, senhor. Mas nós mesmos estamos numa altitude terrível, não te esqueças. Seiscentos metros acima do mar. Aí as elevações não aparentam tanto.

— Sim, que bela escalada foi! De pôr medo, posso te garantir. Seiscentos metros! Isso dá aproximadamente cinco mil pés, pelos meus cálculos. Nunca na vida estive tão alto assim. — E Hans Castorp, curioso, inspirou um hausto profundo e probativo do ar novo. Era fresco — e mais nada. Carecia de odor, de conteúdo, de umidade, entrava fácil e nada dizia à alma.

— Excelente! — observou, cortês.

— Sim, é mesmo um ar afamado. Afora isso, a região não está com a melhor das apresentações esta noite. Às vezes, ela está mais bonita, especialmente com neve. Mas a gente fica bem farto dela. Todos nós aqui em cima, podes acreditar, estamos indizivelmente fartos dela — disse Joachim, e sua boca foi repuxada por uma expressão de asco que parecia exagerada e descontrolada, e que mais uma vez não ficava bem nele.

— Tu falas de um jeito tão estranho — disse Hans Castorp.

— Falo de um jeito estranho? — indagou Joachim com certa inquietação, voltando-se para o seu primo...

— Não, não, perdão, foi só a impressão que tive por um momento! — Hans Castorp apressou-se em dizer. Contudo, tivera em mente a expressão "nós aqui em cima", que Joachim já utilizara pela terceira ou quarta vez e que de algum modo lhe soava angustiosa e esquisita.

— O nosso sanatório fica ainda mais alto do que o vilarejo, como vês — prosseguiu Joachim. — Cinquenta metros. No prospecto diz "cem", mas são só cinquenta. O mais alto de todos é o Sanatório Schatzalp mais para lá, não dá para ver. No inverno, eles têm que baixar os seus cadáveres por *bobsled* porque as estradas não são mais transitáveis.

— Os seus cadáveres? Ora, pois! Essa é boa! — exclamou Hans Castorp. E subitamente caiu na risada, uma risada violenta, insopitável, de estremecer o peito e contorcer o rosto, um pouco rígido do vento frio, em uma careta ligeiramente dolorosa. — Em um *bobsled*! E tu me contas isso assim, com toda a calma do mundo? Te tornaste bem cínico nesses cinco meses!

— Nem um pouco cínico — retrucou Joachim, dando de ombros. — E por que, afinal? Para os cadáveres, dá no mesmo... Aliás, pode mesmo acontecer de as pessoas se tornarem cínicas aqui conosco. O próprio Behrens é um desses velhos cínicos — um tipo extraordinário também, antigo membro de grêmio estudantil e esplêndido cirurgião, ao que parece; vais gostar dele. Há também Krokowski, o

assistente — uma criatura muito hábil. O prospecto se demora especialmente na sua atividade. A saber, ele executa dissecação psíquica nos pacientes.

— Executa o quê? Dissecação psíquica! Mas que repugnante! — exclamou Hans Castorp, e então a sua hilaridade tomou conta. Ele não exercia mais nenhum domínio sobre ela; após todo o resto, a dissecação psíquica havia acabado completamente com ele, e riu tanto que as lágrimas escorriam sob a mão com que ele, inclinando-se para frente, cobria os olhos. Joachim também riu gostosamente — parecia lhe fazer bem —, e assim calhou que os jovens desceram em grande alacridade do carro que os trouxera enfim, a passo em um empinado acesso em alça, defronte ao portal do Sanatório Internacional Berghof.

Nº 34

Logo à direita, entre a porta do edifício e o guarda-vento, ficava o cubículo do *concierge*, de onde veio ao encontro deles um criado de tipo francês, antes sentado ao telefone e lendo jornais, na libré cinza do coxo da estação, levando-os através do saguão bem-iluminado, com salas de convivência no lado esquerdo. Ao passar por elas, Hans Castorp olhou para dentro e as encontrou vazias. Onde é que estavam os hóspedes, perguntou ele, e seu primo respondeu:

— No tratamento supino. Hoje tive licença porque queria te buscar. Normalmente, eu também fico deitado na sacada após a ceia.

Não custou muito para que Hans Castorp fosse de novo subjugado pelo riso.

— O quê, vocês ficam deitados na sacada à noite e com neblina? — indagou, com voz vacilante...

— Sim, é a norma. Das oito às dez. Mas vamos, vai dar uma olhada no teu quarto e lavar as mãos.

Entraram no elevador, cujo mecanismo elétrico foi operado pelo francês. Enquanto ascendiam, Hans Castorp secava os olhos.

— Estou partido em dois de tanto rir — disse ele, respirando pela boca. — Tu me contaste tanta coisa maluca... Aquilo da dissecação psíquica foi forte demais, não teve nenhum cabimento. Além disso, já estou também um pouquinho moído da viagem. Tu também estás com os pés gelados? Ao mesmo tempo, a gente fica com o rosto tão quente, é desagradável. Vamos comer em seguida, não? Acho que estou com fome. A comida de vocês aqui em cima é decente?

Eles caminhavam sem ruído sobre a esteira de fibra de coco do corredor estreito. Lâmpadas de vidro leitoso lançavam do teto uma luz pálida. As paredes emitiam um brilho branco e duro, cobertas de uma tinta a óleo tirante a verniz. Uma enfermeira assomou em algum lugar, de touca branca e pincenê no nariz, com o cordão colocado atrás da orelha. Era claramente de confissão protestante, sem uma real entrega à sua profissão, curiosa, e entediada até o desassossego e a prostração. Em dois pontos do corredor, no chão diante de duas portas caiadas e numeradas, havia certos botijões, grandes e bojudos recipientes de gargalo curto, cujo significado Hans Castorp de início esqueceu de indagar.

— Tu ficas neste — disse Joachim. — Número trinta e quatro. À direita fico eu, e à esquerda está um casal russo — um tanto vulgar e barulhento, deve-se dizer, mas não se pôde fazer nada a respeito. Então, que dizes?

A porta era dupla, com ganchos para roupa no vão interior. Joachim ligara a luz do teto, e em sua claridade tremeluzente o quarto mostrou-se alegre e pacífico, com seus móveis brancos e práticos, seus papéis de parede igualmente brancos, resistentes e laváveis, seu asseado piso revestido de linóleo e as cortinas de linho com bordados simples e divertidos, ao gosto moderno. A porta da sacada estava aberta; distinguiam-se as luzes do vale e ouvia-se uma distante música dançante. O bom Joachim havia colocado algumas flores em um vasinho da cômoda — aquilo que se podia encontrar na segunda floração, alguns botões-de-prata e um par de campânulas que ele mesmo colhera na encosta.

— Encantador da tua parte — disse Hans Castorp. — Que quarto simpático! Aqui é possível se alojar por algumas semanas muito bem, sim, senhor.

— Anteontem morreu uma americana aqui — disse Joachim. — Behrens já achava que ela estaria pronta até tu vires, e que então poderias pegar o quarto. Seu

noivo estava junto com ela, um inglês oficial da Marinha, mas não se comportou exatamente com galhardia. A todo instante saía ao corredor para chorar, igual a um menininho. Depois, friccionava as bochechas com *cold cream*, porque ele se barbeia e as lágrimas lhe ardiam ali. Ainda anteontem à noite a americana teve duas hemorragias de primeira importância, e com isso acabou. Mas já a levaram embora ontem de manhã, e depois, naturalmente, fumigaram tudinho com formalina, sabes, parece que é ótimo para esses fins.

Hans Castorp acolheu essa narrativa com uma distração agitada. Postado de mangas arregaçadas em frente à espaçosa pia, cujas torneiras niqueladas cintilavam à luz elétrica, mal lançou um olhar fugaz ao leito de metal branco, cuidadosamente feito.

— Fumigaram, que gozado — disse ele, loquaz e um pouco incoerente, enquanto lavava e secava as mãos. — Sim, aldeído metílico, nem a bactéria mais forte resiste a isso — H₂CO, mas pinica o nariz, não? Evidentemente, a mais rigorosa limpeza é condição fundamental...

Dizia “evidentemente” com o T dental, ao passo que o seu primo, desde que era estudante, se habituara à pronúncia mais corrente, e prosseguiu com grande desenvoltura:

— O que mais eu queria dizer... Provavelmente, o oficial da Marinha tinha se barbeado com a lâmina de segurança, suponho eu, é mais fácil de se machucar com esse negócio do que com uma navalha bem-amolada, pelo menos é a minha experiência, eu uso as duas alternadamente... Pois, e em pele irritada a água salgada obviamente dói, e ele decerto estava acostumado a aplicar *cold cream* no serviço, não vejo nada de incomum nisso...

E continuou a falar, dizendo que tinha duzentas unidades de Maria Mancini — seu charuto — na mala, que a inspeção alfandegária fora muitíssimo tranquila, e transmitiu saudações de diferentes pessoas de casa.

— Não se acende a calefação aqui? — exclamou subitamente, correndo até a tubulação para pousar-lhe as mãos...

— Não, eles nos deixam um bocado frios aqui — retorquiu Joachim. — Temos que nos virar de outro jeito até que acendam a calefação central, em agosto.

— Agosto, agosto! — disse Hans Castorp. — Mas eu estou com frio! Estou com um frio medonho, isto é, no corpo, pois no rosto estou visivelmente afogueado — aqui, toca para veres como estou ardendo!

Essa exigência de que se tateasse o seu rosto não combinava nem um pouco com a natureza de Hans Castorp, e constrangeu até a ele. Joachim tampouco acatou, dizendo apenas:

— É o ar, não quer dizer nada. O próprio Behrens passa o dia inteiro com as faces arroxeadas. Alguns não se acostumam nunca. Bem, *go on*, senão não achamos mais nada para comer.

Fora, assomou novamente a enfermeira, cocando-os míope e curiosa. Porém, no primeiro andar Hans Castorp parou de golpe, paralisado por um ruído completamente horroroso que se fazia audível a pouca distância, depois de uma esquina do corredor, um ruído que não era alto, mas de uma espécie tão rematadamente repugnante que Hans Castorp fez uma careta e fitou seu primo de olhos arregalados. Era tosse, claramente — a tosse de um homem; mas uma tosse que não se parecia com nenhuma outra que Hans Castorp algum dia tivesse ouvido; sim, comparadas a esta, todas as outras tosses que lhe eram conhecidas eram uma esplêndida e saudável manifestação vital — uma tosse sem nenhuma gana ou amor, que não se dava em arrancos regulares, soando apenas como um revolver arrepiantemente débil num mingau de decomposição orgânica.

— Sim — disse Joachim —, está feia a coisa. Um aristocrata austríaco, sabes, homem elegante e como que nascido para ginete. E agora está nesse estado. Mas ainda caminha por aí.

Enquanto seguiam seu caminho, Hans Castorp falou enfaticamente sobre a tosse do ginete. — Tens que considerar — disse ele — que eu nunca ouvi coisa parecida, que é completamente novo para mim, então é natural que me cause impressão. Existem tantos tipos de tosse, secas e produtivas, e a produtiva é até mais negócio, como se diz por aí, e melhor do que quando a gente dá esses latidos.

Na minha juventude — (ele disse "na minha juventude") —, quando tive crupe, eu ladrava como um lobo, e ficaram todos felizes quando ficou mais produtiva, me lembro bem. Mas uma tosse como essa é sem precedentes, ao menos para mim — isso já não é uma tosse viva mais. Não é seca, mas também não se pode chamá-la de produtiva, essa palavra não dá conta nem de longe. É como se enxergássemos dentro da pessoa, víssemos como é lá dentro — pura pasta e lodo...

— Chega — disse Joachim —, eu a ouço todos os dias, não precisas me descrever.

Mas Hans Castorp não conseguia se conformar com a tosse que escutara, garantia repetidas vezes que era precisamente como enxergar dentro do ginete, e quando entraram no restaurante, seus olhos cansados da viagem tinham um brilho excitado.

No restaurante

O restaurante era claro, elegante e aconchegante. Ficava logo à direita do saguão, defronte às salas de convivência, e, como esclareceu Joachim, era utilizado principalmente pelos recém-chegados, por hóspedes que comiam fora do horário e pelos que tinha visitas. Mas aniversários e despedidas também eram celebrados ali, assim como resultados favoráveis nos exames-gerais. Volta e meia, comia-se à grande no restaurante, disse Joachim: servia-se champanha também. Agora, não havia ninguém ali além de uma dama solitária, de uns trinta anos, que lia um livro mas trauteava e não cessava de tamborilar levemente na toalha de mesa com o dedo médio da mão esquerda. Quando os jovens tomaram assento, ela trocou de lugar para lhes voltar as costas. Era misantropa, explicou Joachim baixinho, e sempre comia no restaurante, com um livro. O rumor era que ela dera entrada nos sanatórios para doentes do pulmão ainda garotinha, e desde então nunca mais vivera no mundo.

— Ora, então ainda és um jovem iniciante perto dela, com teus cinco meses, e ainda o serás quando tiveres um ano no lombo — disse Hans Castorp ao seu

primo; ao quê Joachim pegou o menu com aquele dar de ombros que antes não lhe era próprio.

Eles haviam ocupado a mesa elevada ao pé da janela, o lugar mais bonito. Estavam sentados um de frente para o outro junto à cortina cor creme, os rostos alumiados pelo clarão do abajurzinho elétrico com pantalha vermelha. Hans Castorp juntou as mãos recém-lavadas e as esfregou com contentamento e expectativa, como costumava fazer quando se sentava à mesa — quiçá porque seus antepassados rezavam antes da sopa. Foram atendidos por uma moça amistosa, de dicção palatal, vestido preto e avental branco, e com um rosto grande de cor sobremaneira saudável; e, para seu gáudio, Hans Castorp se inteirou de que as garçonetes aqui eram chamadas de “criadas de salão”. Pediram-lhe uma garrafa de Gruaud Larose, que Hans Castorp mandou recolher a fim de temperá-la melhor. A comida estava primorosa. Havia sopa de aspargos, tomates recheados, um assado com diversos ingredientes, um doce especialmente bem-preparado, tábua de queijos e fruta. Hans Castorp comeu com voracidade, embora o seu apetite não se mostrasse tão vivo quanto ele acreditara. Mas estava acostumado a comer muito, mesmo quando não tinha fome — questão de respeito próprio.

Joachim não rendeu grandes honras aos pratos. Estava farto daquele tempero, todos aqui em cima o estavam, e era costume reclamar da comida; pois quando se está aqui desde que o mundo é mundo... Por outro lado, bebia vinho com gosto, até com certa sofreguidão, e, evitando cuidadosamente formulações sentimentais em demasia, dava repetida expressão à sua satisfação por estar ali alguém com quem se pode ter uma prosa sensata.

— Sim, é brilhante que tenhas vindo! — disse ele, e sua voz pausada estava alterada. — Posso mesmo dizer que para mim é um acontecimento até. É uma variação, no fim das contas — quer dizer, é um corte, uma articulação na mesmice eterna e ilimitada...

— Mas o tempo na verdade deve passar rápido aqui para vocês — opinou Hans Castorp.

— Rápido e devagar, como quiseres — respondeu Joachim. — Ele não passa de maneira alguma, diria eu, nem chega a ser tempo, e também não é vida... não, isso não é — disse ele, sacudindo a cabeça, e novamente pegou a taça.

Hans Castorp também bebia, embora seu rosto estivesse ardendo como fogo. Mas no corpo continuava sentindo frio, e em seus membros havia uma inquietude especialmente jubilosa, posto que um tanto torturante. Suas palavras se atropelavam, cometia frequentes lapsos de fala e dispensava-os com um gesto de mão para longe de si. Por sinal, Joachim também estava em uma disposição vivaz, e a conversa deles ficou ainda mais informal e folgazã quando a dama que trauteava e tamborilava se levantou de golpe e se retirou. Eles gesticulavam com os garfos enquanto comiam, faziam caras importantes com a boca cheia, riam, acenavam, erguiam os ombros e não tinham nem engolido direito quando já voltavam a falar. Joachim queria ouvir sobre Hamburgo e tinha levado a conversa para a regularização do leito do Elba.

— Um marco! — disse Hans Castorp. — Um marco para o desenvolvimento da nossa navegação; inestimável mesmo. Para isso, estamos colocando no orçamento cinquenta milhões como desembolso imediato, à vista, e podes estar certo de que sabemos exatamente o que estamos fazendo.

A propósito, apesar de toda a importância que ligava à regularização do Elba, ele logo pulou esse assunto e pediu que Joachim lhe contasse mais sobre a vida “aqui em cima” e os hóspedes, sendo atendido de boa vontade, uma vez que Joachim estava contente por poder se aliviar e dividir. Teve que repetir a história dos cadáveres remetidos para baixo por *bobsled* e uma vez mais assegurar peremptoriamente que tinha fundo verdadeiro. Sendo Hans Castorp novamente tomado pelo riso, ele também riu, o que parecia fazer-lhe muito gosto, e contou outras coisas engraçadas para alimentar a descontração. Sentava-se com ele à mesa uma dama chamada sra. Stöhr, assaz doente, aliás, esposa de um músico de Cannstatt — ela era a criatura mais inculta que já lhe aparecera pela frente. Ela dizia “desinfartar”, mas com toda a seriedade. Já ao assistente Krokowski chamava-o de “fômulo”. E tinha-se que engolir isso sem repuxar a cara. Além disso, era fofoqueira, como aliás a maioria aqui em cima, e dizia de uma outra dama, a sra. Iltis, que ela

carregava consigo um “esterilete”. — Ela chama de “esterilete”... essa é mesmo impagável! — Quase deitados, repoltreados no encosto das cadeiras, puseram-se a rir até o corpo chacoalhar e ambos terem soluço quase simultaneamente.

Nesse entrementes, Joachim anuviou-se e lembrou sua sina.

— Sim, agora estamos aqui rindo — disse ele com rosto dorido, e volta e meia interrompido pelos estremeções do diafragma —, mas não há como prever quando vou dar o fora daqui, pois quando Behrens diz “mais meio ano”, está regulando por baixo, a gente deve se preparar para mais. Mas é duro mesmo assim, julga por ti se não é triste para mim. Eu já tinha sido admitido, e no mês seguinte poderia fazer minha prova de oficial. Agora fico vagando ocioso por aqui com um termômetro na boca, contando as ratas dessa inculta sra. Stöhr e jogando o tempo fora. Um ano representa tanto na nossa idade, traz consigo tantas mudanças e progressos na vida lá embaixo. E eu tenho que estagnar aqui como uma poça — sim, exatamente como uma água parada em decomposição, é uma comparação nada descabida...

Curiosamente, Hans Castorp respondeu a isso apenas indagando se havia algum jeito de conseguir *porter* aqui, e quando seu primo o fixou, um tanto espantado, viu que ele estava adormecendo — na verdade, já estava dormindo.

— Ora, estás dormindo! — disse Joachim. — Vamos, já é hora de irmos para a cama os dois.

— Não é hora de nada — disse Hans Castorp com a língua arrastada. Porém, acabou indo junto, um tanto encurvado e de pernas enrijecidas, como alguém efetivamente puxado para baixo de tanto cansaço — mas se recompôs de chofre quando ouviu Joachim dizer no saguão, agora apenas baçamente iluminado:

— Lá está Krokowski. Creio que tenho que te apresentar rapidinho.

O dr. Krokowski estava sentado no claro, junto à lareira de uma das salas de convivência, pegado à porta corrediça aberta, e lia um jornal. Levantou-se quando os jovens se dirigiram a ele e Joachim disse, em postura militar:

— Permita-me, por obséquio, apresentar-lhe meu primo Castorp, de Hamburgo, senhor doutor. Ele acaba de chegar.

O dr. Krokowski saudou o novo companheiro com um certo desassombro jovial, robusto e encorajador, como se quisesse aludir que, no *tête-à-tête* com ele, todo embaraço era supérfluo e só cabia uma jucunda confiança. Tinha aproximadamente trinta e cinco anos, ombros largos, obeso, consideravelmente mais baixo do que os dois à sua frente, de modo a ter de empinar a cabeça de través para lhes olhar no rosto — e extraordinariamente pálido, de uma lividez translúcida, fosforescente até, acentuada ainda pelo fulgor escuro dos seus olhos, o negror das suas sobranceiras e da sua barba cheia, um bocado longa e bifurcada na ponta, onde já despontavam alguns fios brancos. Vestia um casaco de terno preto, já um pouco surrado, calçados pretos abertos, parecidos com sandálias, com meias grossas de lã cinza, e um colarinho molemente caído, como Hans Castorp até então só vira em um fotógrafo de Danzig e que de fato conferia à figura do dr. Krokowski um cariz de ateliê. Sorrindo calorosamente, de forma a deixar visíveis os dentes amarelados em meio à sua barba, apertou a mão do moço, dizendo com voz abaritonada e um sotaque estrangeiro um tanto arrastado:

— Seja bem-vindo, senhor Castorp! Que o senhor se adapte rapidamente e se sinta acolhido em nosso meio. Vem a nós como paciente, se é que posso me permitir a pergunta?

Era tocante ver como Hans Castorp pelejava para mostrar boas maneiras e dominar sua sonolência. Arreliou-se por estar em tão mau estado e, com a desconfiada pretensão dos jovens, via no sorriso e nos modos encorajadores do assistente sinais de troça complacente. Respondeu falando sobre as três semanas, mencionou também o seu exame e acrescentou que, graças a Deus, era completamente saudável.

— Em verdade? — indagou o dr. Krokowski, lançando para frente a cabeça enviesada, como que por zombaria, e reforçando seu sorriso... — Mas então o senhor é um fenômeno altamente digno de estudo! Digo isso porque ainda não conheci uma pessoa completamente saudável. Que tipo de exame o senhor prestou, se é permitida a pergunta?

— Sou engenheiro, senhor doutor — respondeu Hans Castorp, com modesta dignidade.

— Ah, engenheiro! — E o sorriso do dr. Krokowski como que se retraiu, de momento perdeu um pouco de força e calorosidade. — Bravo. Então o senhor não recorrerá a nenhum tratamento médico aqui, seja no aspecto corporal ou psíquico?

— Não, mil agradecimentos! — disse Hans Castorp, e por pouco não recuou um passo.

Aí o sorriso do dr. Krokowski emergiu novamente, vitorioso, e, sacudindo outra vez a mão do moço, exclamou em voz alta:

— Pois então, durma bem, sr. Castorp — em plena consciência da sua saúde imaculada! Durma bem e até a vista! — Com isso, dispensou os jovens e sentou-se novamente com seu jornal.

Não havia mais ascensorista, então eles subiram as escadas a pé, silentes e um tanto desorientados pelo encontro com o dr. Krokowski. Joachim acompanhou Hans Castorp até o nº 34, onde o coxo depositara corretamente a bagagem do recém-chegado, e eles ainda cavaquearam por um quarto de hora enquanto Hans Castorp tirava da mala seus apetrechos noturnos e de higiene, fumando um cigarro grosso e brando. Não chegou ao charuto naquele dia, o que lhe pareceu pasmoso e fora do ordinário.

— Ele tem uma aparência muito notável — disse, baforando a fumaça tragada enquanto falava. — Pálido como cera, ele. Mas os seus calçados, convenhamos, são medonhos. Meias de lã cinza e ainda essas sandálias. No final ele ficou ofendido mesmo?

— Ele é um tanto suscetível — admitiu Joachim. — Não deverias ter recusado o tratamento médico de maneira tão brusca, pelo menos não o psíquico. Ele não vê com bons olhos quando a gente se esquiva desse. Aliás, ele não me tem em grande estima, porque não lhe confio o suficiente. Mas vez por outra acabo lhe contando um sonho para ele ter algo para dissecar.

— Bom, então acabei de pisar nos seus calos — disse Hans Castorp, contrafeito, pois melindrar alguém o deixava insatisfeito consigo mesmo, e agora o cansaço se abatia sobre ele com força renovada.

— Boa noite — disse. — Estou capotando.

— Às oito te apanho para o desjejum — disse Joachim, e se foi.

Hans Castorp fez apenas uma fugaz toaleta noturna. O sono o subjugou tão pronto apagou o abajur do criado-mudo, mas ele se sobressaltou ainda uma vez ao lembrar que alguém havia morrido nessa cama anteontem. "Não deve ter sido a primeira vez", disse para si mesmo, como se isso pudesse servir para tranquilizá-lo. "É só um leito de morte, um leito de morte qualquer." E adormeceu.

Mas assim que adormeceu, começou a sonhar, e sonhou quase ininterruptamente até a manhã seguinte. Notadamente, viu Joachim Ziemssen em uma posição estranhamente retorcida sobre um *bobsled*, descendo por uma pista enviesada. Tinha uma palidez tão fosforescente quando a do dr. Krokowski, e na frente, guiando, estava sentado o ginete, que tinha uma aparência muito indefinida, como alguém que somente ouvimos tossir. "Para nós, dá no mesmo — para nós aqui em cima", disse o Joachim retorcido, e então foi ele, e não o ginete, que tossiu com aquele som horripilante de mingau. Isso fez Hans Castorp chorar amargamente, e percebeu que precisava correr até a farmácia para providenciar *cold cream*. Mas no caminho estava a sra. Itlis com um focinho pontudo e segurando na mão uma coisa que supostamente seria o seu "esterilete", mas não era nada mais que um barbeador de segurança. Agora Hans Castorp teve que rir, e assim foi jogado de lá para cá entre diferentes comoções até que a manhã rompeu pela porta entreaberta da sacada e o acordou.

Segundo Capítulo

Da bacia batismal e do avô da dúplice figura

Hans Castorp conservava somente vagas recordações da sua casa propriamente dita, a dos seus pais; mal chegara a conhecer pai e mãe. Eles foram morrendo no curto período entre seu quinto e sétimo ano de vida, primeiro a mãe, de modo totalmente inopino e na expectativa de dar à luz, de um congestionamento vascular decorrente de inflamação dos nervos, uma embolia, como o caracterizou o dr. Heidekind, que provocou uma paralisia instantânea do coração — ela estava rindo, sentada na cama, parecia estar caindo de tanto rir, e no entanto só o fazia porque estava morta. Isso não foi fácil de compreender para Hans Hermann Castorp, o pai, e como ele era intensamente apegado à sua esposa, e tampouco era lá muito forte de sua parte, não conseguiu superar essa morte. Daí em diante, minguou e desarranjou-se psiquicamente; em seu atordoamento, cometeu erros comerciais, causando sensíveis prejuízos à firma Castorp & Filho; duas primaveras depois, apanhou a infamação pulmonar ao vistoriar um armazém no porto ventoso e, seu coração abalado não suportando a febre alta, morreu dentro de cinco dias (apesar de todos os cuidados que o dr. Heidekind lhe dispensou) e acompanhou sua esposa, diante de um respeitável contingente dos seus concidadãos, no mausoléu da família Castorp, em uma bela localização no cemitério da igreja de Santa Catarina, com vista para o Jardim Botânico.

Seu pai, o senador, sobreviveu-lhe, embora apenas por pouco tempo, e o curto período até ele também morrer — de resto, igualmente de uma inflamação pulmonar, e após grande luta e padecimento, pois, ao contrário do seu filho, Hans Lorenz Castorp era uma natureza difícil de abater, tenazmente enraizada na vida —, este período, portanto, mero ano e meio, o órfão Hans Castorp passou-o na casa do seu avô, uma casa na Esplanade, erigida ao gosto do classicismo nórdico no início do século findo, em um terreno estreito, pintada com uma tinta impermeável de cor turva, com meias-colunas em ambas as laterais da porta de entrada no meio do térreo trepado sobre cinco degraus, e dois pavimentos além do

rés-do-chão, onde as janelas se prolongavam até o piso e eram providas de grades de ferro fundido.

Aqui havia exclusivamente aposentos de recepção, incluindo a sala de jantar clara, ornada com estuque, cujas três janelas com cortinas cor de vinho davam para o quintalejo e onde, durante esses dezoito meses, avô e neto almoçavam juntos diariamente às quatro horas, apenas os dois e servidos pelo velho Fiete (com seus brinco e botões prateados no fraque, combinando com este fraque uma gravata de cambraia igual à do patrão e tapando com ela o queixo escanhado da mesmíssima maneira que este), a quem o avô tuteava falando em dialeto baixo-alemão; não em tom de brincadeira — ele carecia de veia humorística —, mas com toda a objetividade e porque assim procedia em regra com gente do povo, com trabalhadores dos armazéns, carteiros, cocheiros e serviçais. Hans Castorp gostava de escutá-lo, e também gostava muito de ouvir Fiete responder, igualmente em baixo-alemão, servindo e inclinndo-se por trás do seu amo pela esquerda para falar-lhe ao ouvido direito, no qual o senador ouvia consideravelmente melhor do que no esquerdo. O velho entendia, assentia com a cabeça e continuava comendo, muito ereto entre o alto espaldar de mogno da cadeira e a mesa, mal inclinado sobre o prato, e o neto, defronte a ele, observava quieto, com atenção profunda e inconsciente, os movimento econômicos e cultivados com os quais as velhas mãos do avô, bonitas, brancas e magras, com as unhas convexas terminadas em ponta e o anel verde com sinete no índice direito, enfileirava bocados de carne, legumes e batatas na ponta do garfo e os levava à boca aproximando levemente a cabeça. Hans Castorp olhava para as suas próprias mãos, ainda inábeis, e sentia prefigurada nelas a possibilidade de, futuramente, segurar e manejar garfo e faca igual ao avô.

Uma outra questão era se ele um dia chegaria a tapar o queixo em uma gravata tal como a que preenchia a generosa abertura do colarinho do avô, de formato peculiar e cujas pontas aguçadas roçavam-lhe as bochechas. Pois para isso tinha-se que ser tão velho quanto ele, e mesmo hoje não havia mais viva alma que, além dele e do seu velho Fiete, usasse tais gravatas e colarinhos. Era uma pena, pois ao pequeno Hans Castorp agradava especialmente como o avô apoiava o queixo na gravata alta, branca como neve; mesmo em recordação, depois de

crescido, agradava-lhe extraordinariamente: havia naquilo algo que ele aprovava do fundo do seu ser.

Após eles terminarem de comer e dobrarem, enrolarem e colocarem nos anéis de prata seus guardanapos, um negócio que Hans Castorp não despachava com facilidade à época, visto que os guardanapos eram do tamanho de pequenas toalhas de mesa, o senador se levantava da cadeira, que Fiete puxava detrás dele, e passava a passos arrastados ao “gabinete” para buscar seu charuto; e eventualmente o neto o seguia até lá.

Esse “gabinete” surgira quando se fizera a sala de jantar com três janelas e a posicionara tomando toda a largura da casa, razão pela qual não sobrara espaço para três salões, como usual nesse tipo de casa, mas somente para dois, um dos quais, porém, perpendicular à sala de jantar e com apenas uma janela para a rua, ficaria desproporcionalmente profundo. Por isso, havia-se separado aproximadamente uma quarta parte do seu comprimento, o dito “gabinete”, um recinto estreito com claraboia, parcamente iluminado e equipado apenas com uns poucos objetos: uma prateleira, na qual ficava o armarinho de charutos do senador, uma mesa de jogo, cuja gaveta continha coisas aliantes: cartas de uíste, fichas de jogo, pequenos ancinhos de fichas com dentes retráteis, uma lousa de ardósia acompanhada de tocos de giz, boquilhas de charuto feitas de papel e mais outras coisas; por fim, no canto, um armário rococó de jacarandá com vidros, atrás dos quais corriam reposteiros de seda amarela.

— Vovô — diria talvez o pequeno Hans Castorp no gabinete, erguendo-se na ponta dos pés e tentando alcançar o ouvido do velho —, mostra para mim a bacia de batismo, por favor!

E o avô, que de qualquer forma já havia afastado das calças a aba da sua longa e macia casaca e puxado o molho de chaves do bolso, abria com ele o armário envidraçado, cujo interior bafejava o menino com um odor caracteristicamente agradável e esquisito. Ali era guardada toda sorte de objetos fora de uso e por isso mesmo absorventes: um par de candelabros de prata arqueados; um barômetro quebrado com entalhes figurativos em madeira; um álbum de daguerreótipos; um bauzinho de licoreiras em cedro; um pequeno turco, de toque

duro sob seu traje de seda multicolorida, com um mecanismo de relojoaria no corpo que outrora o capacitara a caminhar sobre a mesa, mas que há muito enguiçara; um modelo antiquado de navio; e, lá embaixo, até uma ratoeira. Entretanto, o velho tirava de um compartimento intermediário uma bacia redonda de prata fortemente oxidada, que repousava sobre um prato também de prata, e mostrava ambas as peças ao menino, separando-as e movendo-as de um lado para o outro com explicações dadas já repetidas vezes.

Originalmente, a bacia e o prato não faziam jogo, como dava na vista e como mais uma vez era exposto ao pequeno; no entanto, dizia o avô, eles foram unidos pelo uso há bons cem anos, isto é, desde a aquisição da bacia. O receptáculo era bonito, de feição simples e nobre, formado pelo gosto severo dos alvores do último século. Liso e de fino lavor, repousava sobre um pé redondo e era dourado por dentro; contudo, com o tempo o ouro já empalidecera para um lustro amarelado. Como único ornato, uma augusta coroa de rosas e folhas serrilhadas orlava a sua borda superior. No que tange ao prato, a sua idade bem mais avançada podia ser depreendida do seu interior. “Mil seiscentos e cinquenta” estava escrito em algarismos floreados, e toda espécie de gravações sinuosas emoldurava o número, executadas à “maneira moderna” da época, empolada e caprichosa, brasões e arabescos que eram metade estrela, metade flor. Já no verso, em variados tipos de letra, estavam puncionados os nomes dos chefes de família que possuíram a peça ao longo do tempo: já eram sete os nomes, acompanhados do ano da transmissão do legado, e o velho engravatado apontava cada um deles ao neto com o indicador anelado. O nome do pai estava ali, o do próprio avô e o do pai deste, e então a palavra “pai” duplicava-se, triplicava-se e quadriplicava-se na boca do cicerone, e o garoto ficava à escuta com a cabeça inclinada para o lado, os olhos fixos, perdidos em pensamentos ou então sem pensar nada, sonhando, a boca em sonolenta devoção, ouvindo aquilo de pai do pai do pai do pai — esta sílaba escura de cripta e de coisa soterrada pelo tempo, que, entretanto, simultaneamente exprimia uma conexão piedosamente preservada entre o presente, a sua própria vida e priscas eras, agindo sobre ele de uma maneira toda própria: a saber, como expresso em seu rosto. Julgava respirar nesta sílaba um ar mofado e frio, o ar da igreja de Santa Catarina ou da cripta de São Miguel, sentir o bafejo de lugares onde, de chapéu na

mão, assumimos um determinado caminhar reverente, com o peso deslocado para a frente, sem usar o tacão das botas; também o silêncio isolado e sereno desses lugares ecoantes ele acreditava ouvir; sentimentos religiosos misturavam-se aos de morte e de história ao som da sílaba surda, e tudo isso causava ao menino uma impressão de algum modo benfazeja, sim, era bem possível que fora por causa da sílaba, para ouvi-la e repeti-la, que ele pedira permissão para contemplar novamente a bacia batismal.

Então o avô colocava a vasilha de volta no prato, permitindo que o pequeno olhasse para a concavidade lisa e douradiça que rebrilhava sob a luz que incidia de cima.

— Já faz quase oito anos — dizia ele — que nós te seguramos sobre ela, e a água com que foste batizado aí escorreu... O sacristão Lassen, da igreja de Santiago, verteu-a na mão em concha do nosso bom pastor Bugenhagen, e daí ela passou pela tua moleira e foi aqui para a bacia. Mas nós a havíamos esquentado para que não te assustasses e chorasses, e de fato não o fizeste; pelo contrário, estavas gritando antes, dando trabalho a Bugenhagen em seu sermão, mas quando a água veio, ficaste quieto, era o respeito pelo santo sacramento, é o que esperamos. E nos próximos dias fará quarenta e quatro anos de quando teu finado pai era o batizado, e a água escorreu da sua cabeça aqui para dentro. Foi aqui em casa, na casa dos pais dele, lá na sala em frente à janela do meio, e ainda foi o velho pastor Hesekiel que o batizou, o mesmo que os franceses quase fuzilaram quando moço porque pregara contra as suas pilhagens e incêndios — também ele já está há muito, muito tempo com Deus. Mas setenta e cinco anos atrás era a minha vez de ser batizado, também ali na sala, e seguraram minha cabeça aqui sobre a mesmíssima bacia em cima desse prato, e o sacerdote disse as mesmas palavras como na tua vez e na do teu pai, e igualmente a água morna e límpida escorreu dos meus cabelos (na época não eram muito mais do que os que tenho hoje na cabeça) para dentro da bacia dourada.

O pequeno erguia a vista para a estreita cabeça idosa do avô, novamente inclinada sobre a bacia como no momento há muito transcorrido que ele estava narrando, e uma sensação já experimentada o acometeu, o sentimento particular,

meio onírico, meio agonizante de estar ao mesmo tempo em movimento e parado, uma permanência cambiante que era retorno e vertiginosa mesmice — um sentimento que lhe era familiar de ocasiões anteriores e pelo qual havia esperado e desejado ser novamente tocado: em parte, fora por causa dele que fizera questão que se lhe mostrasse o bem de família que, parado, se deslocava.

Quando, mais tarde, o jovem examinava a si mesmo, concluía que a imagem do seu avô se lhe imprimira muito mais profunda, nítida e significativamente do que a dos seus genitores: o que possivelmente se devia a uma simpatia e uma semelhança física especial, pois o neto era parecido com o avô — tanto quando um rosado fedelho pode ser parecido com um empaldecido e hirto setentão. Contudo, isso dizia algo principalmente em relação ao velho, que sem dúvida fora a figura de fato característica, a personalidade pitoresca da família.

Em termos públicos, os tempos tinham superado a índole e os alvitreiros de Hans Lorenz Castorp já muito antes do seu passamento. Fora um senhor profundamente cristão, da congregação reformada, de mentalidade rigorosamente tradicional, tão teimosamente cioso do estreitamento aristocrático do círculo social apto a governar como se vivesse no século dezessete, quando a classe dos artesãos, contra a tenaz resistência do antigo patriciado livre, começou a conquistar cadeiras e votos no conselho municipal, e refratário a qualquer novidade. Sua vida ativa tivera lugar em décadas de elãs violentos e numerosas reviravoltas, décadas de progresso a marcha forçada que constantemente impunham altíssimas demandas de sacrifício e risco à coletividade. Mas Deus sabia que não dependera dele, do velho Castorp, se o espírito da modernidade celebrara as resplandecentes vitórias conhecidas por todos. Ele prezara os costumes ancestrais e as antigas instituições muito mais do que ampliações faraônicas do porto e necessidades dos ateus da cidade grande, freara e arrefecera o quanto pôde, e se houvessem dançado conforme a sua música, a administração seria ainda nos dias correntes tão idílica e vetusta quanto no seu tempo em seu próprio birô.

Era assim que o velho se apresentava aos olhos cívicos, no seu tempo de vida e além, e, embora o pequeno Hans Castorp não entendesse patavina de questões de Estado, seus olhos de criança silenciosamente observadora acabavam

tendo, em essência, as mesmíssimas percepções — percepções que se furtavam às palavras e, portanto, à crítica, tão só percepções vitais, que mesmo mais tarde, como imagem de rememoração consciente, conservavam por completo seu cunho puramente assertivo, hostil a palavras ou análise. Como dito, aí havia simpatia em jogo, aquela cumplicidade e afinidade íntima que pula uma geração e não é nada rara. Filhos e netos observam para admirar, e admiram para aprender e desenvolver o que neles está hereditariamente prefigurado.

O senador Castorp era seco de carnes e de estatura alta. Os anos lhe haviam dobrado costas e nuca, mas ele tentava compensar essa curvatura exercendo uma pressão contrária, o que fazia sua boca — cujos lábios não eram mais sustentados por dentes, repousando diretamente nas gengivas vazias (visto que colocava sua dentadura apenas para comer) — se repuxar para baixo em dignidade e esforço, e fora isso que, decerto também como recurso contra um início de instabilidade da cabeça, dera origem à postura hieraticamente aprumada e ao queixo apoiado que tanto apraziam ao pequeno Hans Castorp.

Era um apreciador do rapé — portava uma caixa de casco de tartaruga oblonga marchetada a ouro —, e por tal motivo usava lenços vermelhos cujas pontas costumavam pender do bolso traseiro da sua casaca. Apesar de esta ser uma fraqueza patusca em sua figura, ainda assim fazia as vezes de uma licença da velhice, um pecadilho que a idade provecta ou se permite consciente e jovialmente, ou traz consigo em dignificada inconsciência; e de qualquer modo permaneceu sendo o único que o olhar esperto do menino Hans Castorp algum dia percebeu na aparência do avô. Contudo, para o garoto de sete anos, assim como mais tarde na lembrança do adulto, o aspecto quotidiano do velho não era o seu aspecto próprio e real. Na realidade propriamente dita, ele tinha um aspecto diferente, muito mais belo e correto, do que o comum — a saber, tal como estava representado em uma pintura, um retrato em tamanho real, que antigamente estivera pendurado na sala de estar dos pais e que depois se mudou juntamente como o pequeno Hans Castorp para a Esplanade, onde ocupava um lugar acima do grande sofá de seda vermelha da sala de recepção.

Ele mostrava Hans Lorenz Castorp em seu traje oficial de conselheiro municipal — esse traje burguês sério, até pio, de um século desaparecido, que um ente político tão grave quanto audaz levara consigo tempo afora e mantivera em uso pomposo a fim de cerimoniosamente fazer do passado presente, e do presente passado, testificando o contínuo nexos das coisas, a digna segurança da sua firma. O senador Castorp figurava nele de corpo inteiro, sobre um piso de pedras avermelhadas, em uma perspectiva com pilastras e ogivas. Com o queixo afundado, a boca repuxada para baixo, os olhos azuis de mirada meditativa e com bolsas embaixo, voltados ao longe, ele vestia uma sobrecasaca negra quase talar, passando dos joelhos, que, aberta na frente, ostentava uma larga guarnição de pele nas suas fímbrias. Das largas mangas superiores, bufantes e bordadas, sobressaíam mangas inferiores mais estreitas de fazenda simples, e punhos rendados cobriam as mãos até os nós dos dedos. As pernas delgadas de idoso eram envolvidas por meias de seda preta, e os pés calçavam sapatos de fivelas prateadas. Já em volta do seu pescoço havia um amplo rufo engomado de muitas dobras, abaixado na frente e empinado nas laterais, sob o qual, para cúmulo, um peitilho franzido de cambráia pendia sobre o colete. Embaixo do braço ele carregava um chapéu antiquado de aba larga cuja copa se afunilava para cima.

Era um quadro estupendo, da lavra de um artista de renome, executado com bom gosto no estilo dos mestres antigos que o tema pedia, e despertando em quem o examinava todo gênero de representações hispano-neerlandesas da Idade Média tardia. O pequeno Hans Castorp o estudava amiúde, não com entendimento artístico, escusa dizer, porém com um certo entendimento mais geral e até mesmo penetrante; e embora tivesse visto o avô em pessoa da forma como a tela o representava uma única vez, em um préstito solene no paço municipal, e mesmo então apenas fugazmente, ele não podia evitar, como dizíamos, sentir que esse aspecto pictórico do avô era o seu aspecto próprio e real, enxergando no avô do dia a dia uma espécie de avô vicário, um avô improvisado e apenas imperfeitamente adaptado. Pois era claro que o caráter incongruente e excêntrico desse seu aspecto quotidiano se devia a essa adaptação imperfeita, talvez um tanto desajeitada, eram resquícios indeléveis e alusões à sua figura pura e verdadeira. Destarte, o rígido colarinho pontudo, a alta gravata branca estavam fora de moda: mas era impossível

aplicar essa qualificação à admirável peça de vestuário da qual aqueles constituíam uma mera alusão provisória, isto é, a golilha espanhola. Era o mesmo o caso da cartola de curvatura incomum que o avô usava na rua, e que, em um plano superior da realidade, correspondia ao chapéu de feltro com abas largas da pintura; da comprida casaca com dobras, cujo arquétipo e quintessência parecia ao pequeno Hans Castorp ser a veste talar bordada com guarnições de pele.

Portanto, foi de coração que aprovou que o avô estivesse resplandecendo em sua correção e perfeição no dia em que calhou de se despedir dele. Foi na sala, na mesma sala onde tantas vezes haviam se sentado um em frente ao outro à mesa de refeições; no meio jazia Hans Lorenz Castorp, no ataúde com arremates de prata sobre o estrado coberto e rodeado de coroas. Havia lutado durante toda a inflamação pulmonar, uma luta longa e tenaz, muito embora ele, como parecia, só se adaptara precariamente à vida presente, e agora jazia em seu leito fúnebre, não se sabia se vitorioso ou batido, de qualquer modo com expressão severamente pacífica, fortemente alterado e de nariz pontiagudo, da cintura para baixo envolto em uma coberta sobre a qual repousava uma palma, a cabeça elevada pela almofada de seda, fazendo o queixo repousar lindamente no recôncavo frontal da golilha decorosa; e entre as mãos semicobertas pelos punhos rendados, cujos dedos não ocultavam estarem frios e inânimes apesar da sua disposição artificialmente natural, haviam-lhe fincado uma cruz de marfim, à qual ele parecia estar permanentemente curvado, de pálpebras abaixadas.

No início da sua última doença, Hans Castorp tinha visto o avô várias vezes; mais perto do fim, porém, não mais. Haviám-no poupado inteiramente da visão da luta, cuja parte principal se dera, aliás, em horas noturnas; entrara em contato com ela apenas indiretamente, através da atmosfera opressiva da casa, dos olhos vermelhos do velho Fiete, dos doutores chegando e partindo; no entanto, o resultado diante do qual se viu posto na sala podia ser resumido em que o avô havia solenemente transmontado sua adaptação provisória e se instalado definitivamente na sua figura própria e apropriada — um resultado louvável, apesar de o velho Fiete chorar e balançar a cabeça ininterruptamente, e apesar de o próprio Hans Castorp chorar, como chorara à vista da sua mãe morta inopinadamente e do seu pai, que em seguida também jazera imóvel e alheio.

Afinal de contas, já era a terceira vez que, dentro de um período tão curto e em tão tenra idade, a morte se fazia sentir pelo espírito e pelos sentidos — nomeadamente pelos sentidos também — do pequeno Hans Castorp; a imagem e a impressão não lhe eram mais novas, mas deveras familiares, e, igual às duas primeiras vezes, em que apresentara um comportamento inteiramente composto e confiável, nem um pouco nervoso, em que pese a consternação natural, também agora o fazia, e num grau ainda mais alto. Ignorante do significado prático dos acontecimentos para a sua vida, ou mesmo infantilmente indiferente a isso, fiando que o mundo cuidaria dele de um jeito ou de outro, patenteara junto aos caixões uma certa frieza e atenção objetiva igualmente infantil, que na terceira vez ganhava ainda uma nuance especial de precocidade pelo sentimento e expressão de uma traquejada intimidade — se deixarmos de lado as lágrimas frequentes de abalo e contágio pelos outros como reação natural. Nos três ou quatro meses desde que o seu pai morrera, ele havia esquecido a morte; agora, lembrava-se, e todas as impressões de então se restauravam exata, simultânea e penetrantemente, em sua idiosincrasia incomparável.

Desenoveladas e postas em palavras, elas soariam como algo próximo ao que segue. A morte tinha um lado pio, meditativo e tristemente belo, isto é, religioso, e ao mesmo tempo um lado bem diferente, oposto até, muito corporal, muito material, que não se podia propriamente qualificar de belo, nem de meditativo, nem de pio, nem mesmo de triste. O lado solene-religioso exprimia-se no pomposo arranjo do cadáver no féretro, na abundância de flores e nas folhas de palma, que sabidamente significavam a paz celestial; além disso, e mais nitidamente, na cruz entre os dedos mortos do avô defunto, no Cristo abençoador de Thorwaldsen a dominar o esquife, e nos dois candelabros que, alçados de ambos os lados, igualmente assumiam um caráter eclesiástico na ocasião. Todas essas providências claramente tinham seu sentido mais exato e acertado na ideia de que o avô agora se revestira para sempre do seu aspecto próprio e verdadeiro. Contudo, como o pequeno Hans Castorp bem o percebia, embora não o confessasse para si em palavras, todas elas, especialmente a quantidade de flores e, entre elas, mais especialmente as numerosas tuberosas, tinham ainda um outro sentido e um propósito mais prosaico, qual seja, maquiagem, fazer esquecer ou não deixar aflorar à

consciência o outro lado, nem belo, nem propriamente triste, mas quase indecente, rasteiramente corporal.

Era este lado o responsável por o avô morto estar tão irreconhecível, na verdade nem parecia o avô, mas um boneco de cera em tamanho real que a morte havia introduzido no lugar dele e com o qual era empregado agora todo esse aparato pio e honroso. Aquele que ali jazia, ou melhor: *aquilo* que ali jazia, portanto, não era o avô em si, mas uma casca — que, como Hans Castorp sabia, não consistia de cera, mas da sua matéria própria; *apenas* de matéria: era isso que era indecente e quase nada triste, tão pouco triste quando são tristes as coisas que tem a ver com o corpo e *apenas* com ele. O pequeno Hans Castorp observava a matéria amarela como cera, lisa e de consistência queijosa de que era feita a reprodução mortuária em tamanho real, o rosto e as mãos do avô defunto. Eis que uma mosca pousou na testa imóvel e começou a mexer suas patinhas para cima e para baixo. O velho Fiete enxotou-a com cautela, cuidando para não tocar na testa, e com um obscurecimento decoroso do seu semblante, como se não devesse nem quisesse tomar conhecimento do que estava fazendo — uma expressão morigerada claramente relacionada ao fato de que o avô agora era apenas corpo e nada mais; só que a mosca, após um voo errático, logo voltou e tomou assento nos dedos do avô, próximo à cruz de marfim. Enquanto isso sucedia, Hans Castorp julgou distinguir com mais nitidez do que até então aquela emanção exalada de outrora, suave porém de uma persistência tão característica, que vergonhosamente o lembrava de um colega de escola acometido de um mal inconveniente e por isso evitado por todos, e que o perfume das tuberosas furtivamente estava destinado a mascarar, sem consegui-lo, em que pese toda a sua bela exuberância e rigor.

Ele visitou o cadáver repetidas vezes: uma vez sozinho com o velho Fiete, a segunda vez junto com seu tio-avô Tienappel, o mercador de vinhos, e os dois tios James e Peter, e mais uma terceira vez, quando um grupo de trabalhadores do porto endomingados ficou alguns instantes ao pé do caixão aberto para se despedir do falecido chefe da casa Castorp e Filho. Então veio o sepultamento, com a sala cheia de gente e o pastor Bugenhagen da igreja de São Miguel, o mesmo que batizara Hans Castorp, paramentado com a golilha espanhola, proferindo o discurso fúnebre, depois conversando mui amigavelmente com o pequeno Hans Castorp no fiacre, o

primeiro logo depois do rabeção, seguido então por uma longa, longa fila — e assim chegou ao fim mais esta fase da vida, e Hans Castorp em seguida trocou de casa e ambiente, sendo já a segunda vez que o fazia em sua curta vida.

Na casa de Tienappel.

E da condição moral de Hans Castorp

Prejuízos com isso, não os teve, porque foi para a casa do cônsul Tienappel, seu tutor constituído, e nada lhe faltou ali: no que tange à sua pessoa certamente não, e muito menos no que dizia respeito à salvaguarda dos seus interesses mais amplos, dos quais ele ainda nada sabia. Pois o cônsul Tienappel, um tio da finada mãe de Hans, administrava o espólio dos Castorp, pôs os imóveis à venda, tomou também as rédeas da liquidação da firma Castorp e Filho, Importação e Exportação, e disso extraiu um produto de mais ou menos quatrocentos mil marcos, a herança de Hans Castorp, que o cônsul Tienappel investiu em títulos seguros para o seu tutelado, descontando para si, sem prejuízo dos seus sentimentos familiares, dois por cento de comissão sobre os juros vencidos a cada início de trimestre.

A casa dos Tienappel ficava nos fundos de um jardim no Harvestehuder Weg, com vista para um gramado onde não era tolerada a menor erva daninha, para roseirais públicos e depois para o rio. Apesar de possuir uma bela charrete, o cônsul ia todas as manhãs a pé até o seu estabelecimento na cidade velha para fazer ao menos um pouquinho de exercício, porquanto sofria às vezes de congestões na cabeça, e retornava da mesma forma às cinco horas da tarde, quando então se almoçava com todo o refinamento na casa dos Tienappel. Ele era um homem ponderoso, vestido nas melhores fazendas inglesas, com olhos azul-celeste protuberantes atrás dos óculos dourados, um nariz extravagante, barba grisalha raspada em volta da boca e um solitário fulgurante no mindinho entroncado da mão esquerda. Sua mulher morrera há muito. Tinha dois filhos, Peter e James, um dos quais estava na Marinha e pouco aparecia em casa, e o outro trabalhava no comércio de vinhos do pai e era o herdeiro designado da companhia. O serviço da

casa era governado há muitos anos por Schalleen, uma filha de ourives de Altona com folhos brancos engomados em torno dos pulsos roliços. Ela era responsável por que a mesa matinal e vespertina estivesse copiosamente provida de frios, de caranguejo e salmão, enguia, peito de ganso e *tomato catsup* para o rosbife; ficava de olho nos criados de aluguel quando o cônsul Tienappel promovia jantares de cavalheiros, e também era ela que, tão bem quanto podia, preenchia a função de mãe para o pequeno Hans Castorp.

Hans Castorp cresceu em um clima miserável, com vento e chuvisco, cresceu dentro de um impermeável de borracha amarelo, se podemos nos expressar assim, e em geral se sentia bem contente com isso. Um pouquinho anêmico ele já era desde o início, o próprio Dr. Heidekind o dizia, mandando que lhe dessem, todos os dias no terceiro lanche, após a escola, um bom copo de *porter* — uma bebida substanciosa, como sabido, à qual o dr. Heidekind atribuía efeitos hematopoiéticos, e que em qualquer caso sossegava apreciavelmente os espíritos vitais de Hans Castorp, revertendo em benefício do seu pendor a "dormitar", como seu tio Tienappel se expressava, isto é, devanear de boca flácida e sem pensamentos fixos. Afora isso, contudo, era saudável e correto, um tenista e remador válido, embora preferisse, em vez de manejar os remos ele mesmo, ficar sentado na varanda da marina de Uhlenhorst nas noitinhas de verão, com música e uma boa bebida, observando os barcos iluminados, entre os quais cisnes deslizavam na água com reflexos coloridos; e só de ouvi-lo falar: sereno, sensato, um pouco vazio e monocórdio, com laivos de baixo-alemão, sim, só de bater os olhos nele, em sua correção loura, com sua face bem-talhada, de feitio vagamente antiquado, na qual uma altivez hereditária e inconsciente se exprimia sob a forma de uma certa sonolência seca, nenhuma pessoa poderia duvidar que Hans Castorp era um produto legítimo e acabado do solo local, perfeitamente em seu lugar — ele mesmo, se chegasse a se examinar nesse sentido, não o duvidaria por um instante sequer.

A atmosfera da grande cidade marítima, essa atmosfera úmida de mascatagem internacional e vida boa que fora a menina dos olhos dos seus antepassados, ele a respirava com profunda cumplicidade, com naturalidade e satisfação. Tendo no nariz as emanações de água, carvão e alcatrão, os odores pungentes dos artigos coloniais empilhados, via no cais do porto imensos guindastes

giratórios a vapor imitar a tranquilidade, a inteligência e a força colossal de elefantes adestrados enquanto tiravam do ventre de navios em repouso toneladas de sacas, fardos, caixas, barris e bujões e os soltavam em vagões de trem e barracões. Via os comerciantes em impermeáveis de borracha amarelos, como ele próprio o trajava, afluir à bolsa ao meio-dia, onde ninguém estava de brincadeira, pelo que ele sabia, e era bem fácil de alguém acabar distribuindo às pressas convites para um grande jantar a fim de estender o seu crédito. Via (e esta seria sua área de especial interesse mais tarde) a azáfama dos estaleiros, via os corpos de mamute das embarcações vindas de África e da Ásia nas docas, altas como torres, de quilha e hélice expostas, apoiadas por escoras da grossura de árvores, em sua monstruosa inermidade no seco, cobertas de exércitos nanicos de trabalhadores a lixar, a martelar, a cair; via despontar nas carreiras cobertas, envolto por uma névoa fumarenta, o cavername esquelético de navios em construção, com engenheiros, de planta e tabela de deslastro na mão, dando suas instruções aos operários — todas visões conhecidas de Hans Castorp desde menino, despertando-lhe somente sentimentos de acolhedora pertença vernácula, sentimentos que quiçá atingiam seu ápice naquela conjuntura em que, domingo pela manhã, com James Tienappel ou seu primo Ziemssen — Joachim Ziemssen —, lanchava broas quentinhas com carne defumada junto a um cálice de porto envelhecido no pavilhão de Alster, para então, tragando seu charuto com abandono, reclinar-se no encosto da cadeira. Pois aquela sua autenticidade consistia em que ele gostava de viver bem; sim, apesar do requinte enfermizo da sua aparência, cevava-se com convicção e firmeza nos prazeres gordos da vida, qual um infante que se regala no seio da mãe.

Confortavelmente e não sem dignidade, carregava sobre os ombros a alta civilização que a classe dominante da democrática cidade mercantil lega aos seus filhos. Andava lavadinho como um bebê e era vestido pelo alfaiate que desfrutava da confiança dos moços da sua esfera. O pequeno enxoval cuidadosamente monogramado que as gavetas inglesas do seu guarda-roupa encerravam era cuidado a contento por Schalleen; quando foi estudar fora, Hans Castorp ainda enviava sua roupa regularmente para lavagem e consertos em casa (pois sua máxima era que Hamburgo era o único lugar do Império onde se sabia passar), e um punho gasto em uma das suas bonitas camisas de cor o teria enchido de um violento

desconforto. Suas mãos, embora não tivessem uma forma particularmente aristocrática, eram cuidadas e de pele fresca, enfeitadas com um anel de elos de platina e o anel de sinete herdado do avô, e seus dentes, de consistência um tanto frágil e que haviam sofrido vários estragos, tinham restaurações a ouro.

Parado ou andando, ele jogava o ventre um pouco para frente, o que causava uma impressão não exatamente aprumada; mas sua postura à mesa era excepcional. Dirigia cortesmente o tronco ereto ao vizinho com o qual cavaqueava (com sensatez e um pouco de dialeto), e seus cotovelos encostavam de leve no corpo enquanto ele destrinchava sua porção de ave ou habilmente extraía a carne rosada da pinça de uma lagosta com um talher especial. Sua primeira necessidade após o término da refeição era a lavanda para os dedos, a segunda era o cigarro russo, importado sem pagar impostos e que ele aprovisionava debaixo dos panos por via de convenientes conchavos. O cigarro antecedia o charuto, uma marca muito saborosa de Bremen atendendo pelo nome de Maria Mancini, da qual ainda falaremos e cujas picantes toxinas casavam tão satisfatoriamente com as do café. Hans Castorp subtraía seu estoque de tabaco às influências deletérias da calefação armazenando-o no porão, aonde descia todas as manhãs para incorporar a ração do dia ao seu estojo. Somente a contragosto comeria manteiga que lhe fosse servida em barra e não na forma de bolinhas estriadas.

Vê-se que visamos a dizer tudo que possa lhe granjear simpatia, porém o estamos julgando sem exagerações, sem fazer dele alguém melhor ou pior do que era. Hans Castorp não era nem um gênio, nem um burro, e se evitamos a palavra "mediano" em sua caracterização, isso se dá por motivos que não têm a ver com sua inteligência e muito menos com a sua pessoa comezinha, mas por respeito pelo seu destino, ao qual somos inclinados a atribuir uma certa significação suprapessoal. Satisfez as exigências escolares do científico sem precisar fundir a cuca — mas ele também com certeza, sob nenhuma circunstância e por nada desse mundo estaria inclinado a fazer isso: menos por temor de padecer do que por não ver incondicionalmente um motivo para tal, ou, melhor dito; *nenhum motivo incondicional*; e porventura preferimos não o chamar de mediano exatamente porque ele de alguma forma sentia a ausência desses motivos.

O homem vive não apenas a sua vida pessoal como ser individual, mas, consciente ou inconscientemente, também a da sua época e dos seus contemporâneos, e por mais que ele considere os fundamentos gerais e impessoais da sua existência como dados incondicionais e óbvios, e esteja tão longe da ideia de criticá-los quanto o bom Hans Castorp de fato estava, ainda assim é bem possível que ele sinta seu bem-estar moral vagamente prejudicado pela falta dos mesmos. Diante dos olhos de cada pessoa pode passear uma porção de metas, objetivos, esperanças e perspectivas pessoais, emprestando-lhe o impulso para maior empenho e atividade; quando o elemento impessoal ao seu redor, o próprio tempo no fundo carece de esperanças e perspectivas apesar de todo o bulício exterior, quando ele se lhe revela intimamente como falta de esperança, perspectiva e rumo, e contrapõe um silêncio cavo à pergunta feita consciente ou inconscientemente, mas de algum modo feita, sobre o sentido último, mais que pessoal, incondicional de todo empenho e atividade, precisamente no caso de populações mais probas é quase indefectível um determinado efeito paralisante dessa conjuntura, que, por via do psíquico-moral, pode se estender inclusive à porção física e orgânica do indivíduo. Estar disposto a ações significativas, que excedam a medida da simples obrigação, sem que o seu tempo saiba dar uma resposta satisfatória à pergunta “para quê?” pressupõe ou uma solidão e imediatismo moral que raramente ocorre e que é de natureza heroica, ou uma vitalidade muito robusta. Nem um, nem o outro era o caso de Hans Castorp, e portanto ele tinha sim o seu quê de mediano, embora em um sentido deveras honroso.

Falamos aqui não apenas da atitude interior do jovem durante a sua escolarização, mas também dos anos que se seguiram, quando ele já havia escolhido a sua profissão civil. No que concerne ao seu progresso pelas classes, teve inclusive que repetir uma que outra delas. No todo, porém, sua origem, a urbanidade dos seus modos e, por fim, também um apreciável (ainda que desapassionado) talento para matemática impeliram-no adiante, e quando recebeu o diploma intermediário, decidiu levar a escola até o fim — mormente, para dizer a verdade, porque com isso se protraía um estado costumeiro, provisório e irresoluto, e ganhava-se tempo para refletir sobre o que Hans Castorp queria ser, coisa que ele demorou para saber direito, até o último ano ainda não sabia, e quando a questão

afinal se decidiu (dizer que ele mesmo se decidiu seria quase excessivo), ele sentia que poderia muito bem ter se decidido de outra forma.

Contudo, verdade era que navios sempre lhe haviam dado muito prazer. Quando garotinho, enchia as folhas das suas cadernetas com desenhos a lápis de chalupas pesqueiras, gabarras carregadas de legumes e veleiros de cinco mastros, e quando teve a oportunidade, aos quinze anos, de assistir de um lugar privilegiado ao lançamento do novo vapor postal de hélice dupla, o “Hansa”, dos estaleiros de Blohm & Voss, executou em aquarela uma reprodução muito satisfatória do esguio navio, exata até os mínimos detalhes, que o cônsul Tienappel pendurou no seu birô particular e na qual o verde vítreo e transparente do mar encrespado fora tratado com tanto capricho e jeito que alguém disse ao cônsul Tienappel se tratar de um talento e que um bom pintor de cenas marítimas poderia sair dali — um dizer que o cônsul pôde tranquilamente reportar ao seu pupilo, pois Hans Castorp deu apenas uma risada afável, sem se deixar seduzir, nem por um instante que fosse, por ideias como se exaltar ou passar fome.

— Não tens muita coisa, não — dizia-lhe às vezes o tio Tienappel: — O meu dinheiro vai, a rigor, para James e Peter, quer dizer, ficará na firma, e Peter receberá a sua aposentadoria. O que te pertence está bem-guardado e garante alguma segurança. Mas viver de renda hoje em dia não é mais brincadeira quando não se tem no mínimo cinco vezes mais que tu, e se queres ser alguém aqui na cidade e viver como estás acostumado, então precisas ganhar uns bons cobres, toma nota disso, filhinho.

Hans Castorp tomou nota e pôs-se em busca de uma profissão com a qual pudesse fazer boa figura perante si mesmo e os outros. E depois de tê-la escolhido — aconteceu sob estímulo do velho Wilms, da firma Tunder & Wilms, que, na mesa de uíste aos sábados na casa do cônsul Tienappel, disse que Hans Castorp deveria afinal estudar engenharia naval, já era uma ideia, e ir trabalhar com ele, que sem dúvida daria uma atenção ao rapaz —, tinha sua profissão em altíssima conta e achava que ela era, claro, terrivelmente complicada e exigente, por outro lado também uma profissão esplêndida, importante e grandiosa, e de qualquer forma em muito preferível, para sua personalidade pacífica, à do seu primo Ziemssen, filho da

meia-irmã da sua finada mãe, que queria a todo custo se tornar oficial. Todavia, Joachim Ziemssen não era lá muito firme do peito, mas por isso mesmo uma atividade ao ar livre, em que trabalho e tensão intelectuais dificilmente entrariam em jogo, talvez fosse o certo para ele, como Hans Castorp julgava com ligeiro menoscabo. Isso porque ele tinha o máximo respeito pelo trabalho, embora, pessoalmente, o trabalho o cansasse com facilidade.

Aqui retomamos nossas alusões anteriores, aquelas mesmas direcionadas à sugestão de que detrimientos à vida pessoal por parte do tempo são capazes de influenciar o próprio organismo físico do homem. Como Hans Castorp poderia não respeitar o trabalho? Seria antinatural. Como as coisas se apresentavam, ele precisaria lhe parecer a coisa mais incondicionalmente respeitável, no fundo nada havia de mais digno de respeito do que ele, era o princípio pelo qual todos se mediam, o Absoluto da sua era, ele por assim dizer era uma resposta autoevidente. Assim, seu respeito perante ele era de natureza religiosa e, tanto quanto ele soubesse, indiscutível. Mas uma questão diferente era se gostava dele; porque isso ele não conseguia, por mais que o respeitasse, e pelo simples motivo de que não lhe descia bem. Trabalho árduo dava-lhe nos nervos, exauria-o logo, e ele admitia com franqueza que na verdade gostava muito mais do tempo livre, desobrigado, sem o peso de chumbo da faina, o tempo que se estende aberto à nossa frente, sem ser segmentado por empecilhos a se superar rangendo os dentes. A bem dizer, este conflito na sua relação com o trabalho necessitava de uma resolução. Seria possível que tanto o seu corpo quanto o seu espírito — primeiro o espírito, e através dele o corpo também — dispor-se-ia ao trabalho com mais alegria e constância se ele, nos refolhos d'alma, lá onde nem ele se orientava com certeza, fosse capaz de acreditar com tranquilidade no trabalho como valor incondicional e princípio autoevidente? Com isso, de novo é lançada a questão da sua mediania ou mais-que-mediania, à qual não pretendemos responder categoricamente. Afinal, não nos vemos como o apologista de Hans Castorp, e deixamos margem à suposição de que o trabalho na sua vida era simplesmente algo a atrapalhar a degustação de Maria Mancini. —

Quando chegou a sua vez, não foi incorporado ao serviço militar. Sua natureza íntima se opunha a tal e soube impedi-lo. Também, pode muito bem ter acontecido de o oficial médico dr. Eberding, que frequentava o Harvestehuder Weg,

ter ouvido em uma conversação com o cônsul Tienappel que o jovem Castorp, se forçado a tomar em armas, experimentaria um sensível transtorno nos seus recém-iniciados estudos em outra cidade.

Sua cabeça, que trabalhava de maneira lenta e sossegada, mormente porque Hans Castorp manteve o hábito calmante da colação de *porter* fora de casa também, se enchia de geometria analítica, cálculo diferencial, mecânica, projetiva e grafostática, ele calculava deslocamento máximo e mínimo, estabilidade, variação de caimento e metacentro, embora ocasionalmente se enfiasse também. Seus desenhos técnicos, essas plantas de caverna, linhas d'água e seções longitudinais, não eram assim tão bons quanto a sua representação pictórica do "Hansa" em alto mar, mas quando se tratava de sustentar a evidência intelectual com a sensória, aquarelar sombras e aplicar cores vivas aos materiais de um corte transversal, Hans Castorp sobressaía à maioria em destreza.

Quando voltava para casa nas férias, muito asseado, muito bem-vestido, com um bigodinho ruivo em seu jovem e sonolento rosto patricio e claramente a caminho de respeitáveis posições, as pessoas que se ocupavam de questões de interesse público e também estavam por dentro das relações familiares e pessoais — o que a maioria faz em uma cidade-estado autogovernada —, seus concidadãos, portanto, miravam-no da cabeça aos pés se perguntando qual função pública o jovem Castorp um dia preencheria quando fosse mais velho. Afinal, ele tinha tradição, seu nome era antigo e bom, e um dia, isso era praticamente certo, teriam que contar com a sua pessoa como um fator político. Ele então teria uma cadeira na câmara ou na comissão e faria leis, se envolveria nos afazeres soberanos em um cargo honorário, pertenceria talvez a um departamento administrativo da delegação fiscal ou de obras, e seu voto seria ouvido e contabilizado. Dava curiosidade pensar em qual seria a afiliação partidária dele, o jovem Castorp. As aparências às vezes enganam, mas na verdade ele tinha bem a cara que alguém *não* tem quando os democratas podem contar com um adepto, e a semelhança com o avô era inconfundível. Quem sabe ele não cairia muito longe do pé, tornar-se-ia um estorvo, um elemento conservador? Era bem possível — tanto quanto o contrário. Pois, afinal, ele era engenheiro, um chefe de estaleiro em formação, um homem do tráfego mundial e da técnica. Poderia bem acontecer que Hans Castorp se bandeasse para os radicais,

se tornasse um topetudo, um profanador de edifícios antigos e belezas naturais, desarraigado como um judeu e desapiedado como um ianque, inclinado a preferir a imprudente ruptura com as dignas tradições ao ponderado aperfeiçoamento das condições naturais de vida, lançando o Estado em experimentos temerários — isso também era concebível. Será que ele teria a certeza inata de que as Excelências diante das quais a dupla sentinela do paço municipal apresentava armas sabem mais e melhor, ou estaria disposto a apoiar a oposição na câmara? Em seus olhos azuis sob as sobancelhas louro-arruivadas não se liam respostas a essas indagações curiosas dos seus concidadãos, e decerto nem ele ainda as sabia, Hans Castorp, essa folha em branco.

Quando encetou a viagem em que o apanhamos, estava no seu vigésimo terceiro ano de vida. Tinha então quatro semestres de estudo na Politécnica de Danzig nas costas e mais quatro que passara nas Escolas Técnicas Superiores de Braunschweig e Karlsruhe, recém emergira do primeiro exame-geral, sem brilho ou fanfarras de orquestra, mas decentemente, e se aprontava para entrar na Tunder & Wilms como engenheiro em estágio voluntário a fim de receber seu treinamento prático no estaleiro. Foi nessa altura que o seu percurso tomou o seguinte desvio.

Ele tivera que estudar com afinco e sem cessar para o exame-geral, e quando foi para casa estava com uma cor mais baça do que o próprio para seu tipo. O dr. Heidekind ralhava sempre que o via, demandando uma mudança de ares, ou melhor: uma mudança fundamental de ares. Os balneários de Norderey ou Wyk auf Föhr não dariam conta do recado desta vez, disse ele, e, se quisessem a sua opinião, Hans Castorp estava pedindo era um par de semanas no alto das montanhas antes de ir para o estaleiro.

Nada mal, disse o cônsul Tienappel ao seu sobrinho e pupilo, mas aí seus caminhos se separariam neste verão, pois ele, o cônsul Tienappel, não subiria ao alto da serra nem arrastado. Isso não era para ele, ele precisava de uma pressão atmosférica razoável, senão tinha acessos. Hans Castorp teria de ter a bondade de viajar sozinho para o alto da serra. Bem que poderia visitar Joachim Ziemssen.

Era uma sugestão natural. Joachim Ziemssen, este estava doente — não doente como Hans Castorp, mas doente de uma maneira realmente melindrosa,

tinha inclusive sido um grande susto. Desde sempre tendera ao catarro e à febre, e um dia apareceu mesmo sangue no escarro; Joachim tivera que partir às carreiras para Davos, para seu máximo desgosto e mágoa, pois estava justo alcançando a meta que desejava. Consoante a vontade dos seus, havia estudado um par de semestres de jurisprudência, porém, seguindo um afã irresistível, trocara de carreira, alistara-se como cadete e já fora admitido. E agora estava há mais de cinco meses no Sanatório Internacional “Berghof” (médico responsável: conselheiro áulico dr. Behrens), quase morrendo de tédio, como escrevia nos cartões-postais. Assim, se Hans Castorp quisesse aproveitar e cuidar um pouquinho de si antes de assumir seu posto na Tunder & Wilms, nada mais óbvio do que ele também subir a serra para fazer companhia ao seu pobre *cousin* — uma opção agradabilíssima para ambas as partes.

O verão chegara ao seu auge quando ele se resolveu pela viagem. Os últimos dias de julho já estavam à porta.

la por três semanas.